

FICHA TÉCNICA

CREDITS

Organizado por / **Organized by**
Associação Cultural Janela Indiscreta
Casa do Cinema
Rua da Rosa, 277, 2º
1200-385 Lisboa
Portugal
Mobile: + (351) 91 610 69 04
info@queerlisboa.pt
www.queerporto.pt



QUEER PORTO
Festival Internacional de Cinema Queer

Diretor Artístico / **Artistic Director**
João Ferreira

Direção / **Directors**
Cristian Rodríguez, João Ferreira

Programadores / **Programmers**
Constança Carvalho Homem, Cristian
Rodríguez, Daniel Pinheiro, João Ferreira,
Nuno Galopim, Pedro Vaz Simões

Programadora Convidada / **Guest
Programmer**
Cláudia Varejão

Produção / **Production**
Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro

Consultoria / **Consultancy**
António Fernando Cascais

Movimento de Cópias / **Print Traffic**
Daniel Pinheiro

Hospitalidade / **Hospitality**
Cristian Rodríguez

Imprensa e Comunicação e Redes
Sociais / **Press, Communication
and Social Networks**
Pedro Vaz Simões

Voluntários / **Volunteers**
Pedro Vaz Simões

Design Gráfico / **Graphic Design**
Ivo Valadares

Tradução / **Translation**
Constança Carvalho Homem, Cristian
Rodríguez, Daniel Pinheiro, João Ferreira,
Marcelo Ventura, Paola Guardini, Pedro Vaz
Simões, Peter Taylor

Tradução Legendagens / **Subtitle
Translation**
Cláudia Pinto, Daniel Carapau, Inês Charro,
Gabriel Souza, Gonçalo Marques, Leonardo
Rodrigues, Miguel Romeira, Patrícia
Azevedo da Silva, Pedro Garcia, Pedro
Mendes, Vanessa Careta

Música Trailer / **Trailer Soundtrack**
Pantha du Prince

Spot TV / **TV Spot**
Coming Soon

Legendas / **Subtitling**
Associação IndieLisboa

Impressão / **Printers**
Finepaper, Agora LX

CATÁLOGO / CATALOGUE

Coordenação / **Coordination**
João Ferreira

Textos / **Texts**
António Fernando Cascais, Constança
Carvalho Homem, Cláudia Varejão, Cristian
Rodríguez, Daniel Pinheiro, Guilherme
Blanc, Graça Fonseca, João Ferreira, Nuno
Galopim, Pedro Vaz Simões

ASSOCIAÇÃO CULTURAL
JANELA INDISCRETA

Presidente / **President**
Albino Cunha

Vice-Presidente / **Vice-President**
João Ferreira

Tesoureiro / **Treasurer**
Paola Guardini

Secretária / **Secretary**
Maria José Campos

Vogal / **Voting Member**
António Fernando Cascais

Mesa da Assembleia-Geral / **General
Assembly Committee**
Mário Nuno Barreto, Miriam Faria, Ana
David

Conselho Fiscal / **Financial Council**
Cristian Rodríguez, Nuno Galopim, Pedro
Marum

Contabilidade – T.O.C. / **Accounting**
Oficina dos Números – Serviços em
Contabilidade, Lda., Caldas da Rainha

Os direitos sobre as imagens são
responsabilidade dos distribuidores,
produtores e realizadores.
Todo o conteúdo textual é responsabilidade
dos seus autores.
O Festival não é responsável por erros ou
informação enganosa.
Programa sujeito a alterações.
Informação atualizada a última vez a 1 de
agosto de 2019.

All images copyright with distributors,
production companies, and filmmakers.
All written contents are of the sole
responsibility of its authors.
The Festival is not responsible for mistakes
or misinformation.
Program subject to changes.
Information as of the 1st August 2019.



Porto.

Dança ● Dance

Teatro ● Theatre

Música ● Music

Cinema ● Cinema

Literatura ● Literature

Marionetas ● Puppetry

Circo contemporâneo ● Contemporary circus

Residências artísticas ● Artist residencies

Workshops ● Workshops



Teatro Municipal do Porto

Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● **Campo Alegre**



www.teatromunicipaldoporto.pt

ÍNDICE

TABLE OF CONTENTS

- 4 Mensagem de Graça Fonseca, Sua Excelência a Ministra da Cultura
Message from Graça Fonseca, Her Excellency the Minister of Culture
- 5 Mensagem de Guilherme Blanc, Diretor – Arte Contemporânea e Cinema, Ágora E.M. Porto
Message from Guilherme Blanc, Director – Contemporary Art and Cinema, Ágora E.M. Porto
- 6 Mensagem de João Ferreira, Diretor Artístico do Queer Porto
Message from João Ferreira, Queer Porto Artistic Director
- 10 Júri Competição
Competition Jury
- 14 Noite de Abertura
Opening Night
- 15 Noite de Encerramento
Closing Night
- 17 Competição Oficial
Official Competition
- 35 Competição de Filmes de Escola Portugueses “In My Shorts”
“In My Shorts” Portuguese School Film Competition
- 39 Sessão Especial
Special Screening
- 45 Vídeo-Ensaios
Video Essays
- 51 Agência 20 anos: Carta-Branca a Cláudia Varejão
Agência 20 years: Carte Blanche to Cláudia Varejão
- 59 50 anos dos Motins de Stonewall
50 years after the Stonewall Uprising
- 71 Queer Pop
- 76 Festa de Encerramento
Closing Party
- 82 Palmarés 2018
2018 Festival Awards
- 83 Agradecimentos
Acknowledgments
- 85 Lista de Contactos Profissionais
Professional Source List
- 86 Índice Remissivo de Países
Country of Origin Index
- 87 Índice Remissivo de Realizadores
Directors Index
- 87 Índice Remissivo de Filmes
Film Index
- 88 Informações Gerais
General Information

Graça Fonseca

* Ministra da Cultura

* Minister of Culture



© Clara Azevedo

4

Começo por saudar a realização da 23.ª edição do Queer Lisboa – Festival Internacional de Cinema Queer e a 5.ª edição do Queer Porto – Festival Internacional de Cinema Queer, bem como o papel e o trabalho da Associação Cultural Janela Indiscreta, responsável pela programação e desenvolvimento destes projetos. Cumprindo de forma exemplar um dos propósitos que norteia a conceção de um Festival de Cinema, o Queer tem dado a conhecer uma perspetiva histórica e evolutiva das diferentes cinematografias nacionais e internacionais, que foram, ao longo do tempo, reinventando a realidade e a ficção sobre as conquistas, as singularidades e as perplexidades inerentes às questões de cidadania e igualdade de género. Importa também salientar o relevo que o Festival tem vindo a imprimir na realização de atividades paralelas, tais como a organização de workshops, conferências, exposições e atividades educativas, bem como o visionamento de outras linguagens artísticas e o reforço de redes de intercâmbio cultural e transversal. Alegro-me saber que este Festival é fruto de uma parceria alargada, que une diversas entidades públicas e privadas que, de forma sustentada, têm prestado o seu apoio à realização deste Festival nas cidades de Lisboa e Porto. A Cultura só é inclusiva se for para todos, mas também se contar com o trabalho e o esforço de todos. Queria, também por isso, deixar aqui uma palavra de elevado apreço e reconhecimento pelos profissionais, artistas e público que têm participado e tomado possível estes Festivais. Cumpre também reconhecer o papel central que este Festival tem vindo a desempenhar na defesa dos direitos das pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgénero e intersexo, contribuindo para a formação dos espectadores e para o conhecimento das realidades da sociedade portuguesa, em geral. Por tudo isto, o Ministério da Cultura, através do Instituto do Cinema e do Audiovisual, apoia a realização do Queer - Festival Internacional de Cinema Queer desde a sua primeira edição, acompanhando com especial interesse a sua evolução e internacionalização. Sendo certo que temos assistido a uma enorme evolução da legislação portuguesa na consagração e regulação das diferentes políticas de cidadania e igualdade de género, estamos igualmente cientes que, em todas as áreas da governação, o desenvolvimento de políticas públicas se deve empenhar, ainda mais, na necessidade vital de criação de condições de liberdade e de usufruto de direitos e deveres fundamentais, para que cada pessoa possa desenvolver a sua identidade livre de condicionamentos históricos, sociais e familiares.

I start by greeting the 23rd edition of Queer Lisboa – International Queer Film Festival and the 5th edition of Queer Porto – International Queer Film Festival, so as the role and effort of Associação Cultural Janela Indiscreta, responsible for the program and development of these projects. Flawlessly fulfilling one of the main purposes in conceiving a Film Festival, Queer has offered us an historical and evolutionary perspective of the diverse national and international cinematic expressions that, throughout time, have reinvented realities and fictions representing the conquests, singularities, but also the perplexities concerning citizenship and gender equality issues. I should also highlight the relevance that the Festival has given to the organization of parallel activities, such as workshops, conferences, exhibitions and pedagogical activities, so as giving visibility to other art forms and the strengthening of cultural and cross-sectional networks. I am also pleased to acknowledge that this Festival stems from a wider net of partnerships, gathering public and private institutions who, in a sustainable manner, have given their support to the organization of the Festival in the cities of Lisbon and Porto. Culture is only inclusive if it delivers to everyone, but it should also rely on the work and effort of us all. Given so, I would like to leave a word of high appreciation and acknowledgment to all the professionals, artists and audience who have taken part in these Festivals and made them possible. It is also important to recognize the central role this Festival has played on fighting for the rights of gay, lesbian, bisexual, transgender and intersex individuals, contributing thus to shape the different audiences and to give visibility to Portuguese social realities, in general. For all this, the Ministry of Culture, through the Institute of Cinema and Audiovisual, supports Queer – International Queer Film Festival since its very first edition, closely following its development and internationalization with much interest. Being true that we have witnessed a great progress in Portuguese legislation concerning the application and regulation of diverse citizenship and gender equality politics, nonetheless we are very much aware that, in all government areas, the development of public politics should make an even greater effort in order to guarantee the conditions which allow the enjoyment of fundamental rights and duties, so that each and every one of us can freely develop our identities, regardless of historical, social or familial restraints.



Guilherme Blanc

* Diretor – Arte Contemporânea e Cinema, Ágora E.M. Porto

* Director – Contemporary Art and Cinema, Ágora E.M. Porto

Explicar a importância de um cinema queer, a sua amplitude, não é uma tarefa simples; e, neste sentido, todas as razões que podem sustentar a necessidade de defendermos ativamente a sua divulgação pública e o acesso às suas distintas expressões. Isto porque passou, ao longo das últimas décadas, por processos complexos de intenção e definição; por ideias de construção fílmica que foram propostas de luta e igualmente propostas formais; por projetos que foram cinematográficos assim como – em simultâneo e isoladamente – iniciativas éticas e cívicas; por ser o cinema da pessoa, individual e em comunidade, mas também o cinema de conceitos que se afastam dela e nos subjugam filosoficamente a outros seres e à tecnologia. A sua essência transporta tudo isso. Sem podermos por vezes definir onde começa uma coisa e acaba a outra.

O projeto do festival Queer é um dos mais antigos e sólidos no contexto nacional – sendo que a primeira qualidade não implica necessariamente a segunda (diria mesmo que pode facilmente concorrer contra ela). É sólido porque tem conseguido, ao longo dos anos, acompanhar essa complexidade discursiva, com sentido de responsabilidade crítica e de contemporaneidade. É um projeto que tem absorvido as implicações e possibilidades múltiplas do queer, explicando-as de forma pertinente perante públicos que vão crescendo e sendo construídos, em Lisboa e no Porto, através do cinema, da imagem em movimento, e de atividades que complementam as de exibição, ano após ano. A existência de uma cultura cinéfila particularmente intensa, aberta, e resiliente no Porto e de um tecido social que se debate de forma cada vez mais ampla e incisiva pela plena inscrição da liberdade sexual no conceito de respeito pela Liberdade, fizeram desta parceria, entre a cidade e o festival, um projeto urgente e cujo êxito (comprovado nos últimos cinco anos) foi e é uma inevitabilidade.

Explaining the importance of a queer cinema, its scope, is not a simple task; that being said, nor is it easy to lay out all the reasons that sustain the need to actively defend its public exposure and the access to all its diverse expressions. This happens because throughout these past decades, queer cinema went through complex processes of intention and definition; filmic construction ideas that were both activist and formal proposals; projects that were filmic but also – simultaneously and separately – ethic and civic initiatives; because it is a cinema of the individual, isolated and in community, but also a cinema of concepts that moves away from that individual and philosophically subjugates us to other beings and technologies. Its essence embraces this all. Sometimes without being possible to define where one thing begins and the other ends.

The Queer festival project is one of the oldest and most solid in the national context – although the first quality does not necessarily imply the second one (I would even risk saying it may run against it). It is solid because it has achieved, throughout the years, to follow that discursive complexity, with a sense of critical responsibility and contemporariness. It is a project that has absorbed queer's multiple implications and possibilities, explaining them in a pertinent manner in front of a growing and building audience, both in Lisbon and Porto, though film, the moving image, and activities which complement the screenings, year after year.

The existence of a particularly intense, open, and resilient cinephile culture in Porto, and the existence of a social grid that growingly and trenchantly defends the inscription of sexual liberty in the concept of respect for Liberty, turned this partnership between the city and the festival into an urgent project, whose success (proven in these past five years) was and is inevitable.

Queer Porto 5

João Ferreira

* Diretor Artístico

* Artistic Director



© Rafael Amambáhy

6

Os 50 anos passados sobre os motins de Stonewall levam-nos inevitavelmente a uma reflexão sobre o que significou meio século dos modernos movimentos de luta LGBTI+, quais as suas conquistas políticas e sociais nos vários cantos do globo - onde tiveram naturalmente diferentes tempos e expressões -, ou o que significou o ativismo para a cultura queer. Mas importa também refletir sobre os recuos a que assistimos nestas últimas décadas, que comunidades mais beneficiaram destas conquistas e que outras se viram postas de lado, vítimas por vezes do preconceito vindo de dentro da própria comunidade queer. O que significa o ativismo num mundo global cada vez menos "comunitário" e cada vez mais individualista?

Se um olhar às políticas e aos movimentos e conquistas sociais nos ajudam a esta reflexão, também a cultura queer e em particular o seu cinema nos ajudam a traçar esta história, quer do ponto de vista das suas condições de produção, quer pela escolha dos sujeitos que representa e quem teve o privilégio de ambos: representar e ver-se representado.

Serão porventura demasiadas questões para caber num festival de cinema, mas o Queer Porto pretende, nesta sua 5.ª edição, lançar o desafio aos espectadores para, através da seleção de filmes, debates e restantes eventos paralelos, pensarem estas e outras questões levantadas pelo programa deste ano.

Precisamente, através de um ciclo de cinema dedicado a Stonewall, procuramos tocar nos temas da representatividade, das conquistas, das exclusões, das vozes que se viram silenciadas, mas também da disrupção que significou a epidemia da sida que, se por um lado significou o desaparecimento de uma expressiva parte da comunidade queer, por outro serviu de segundo impulso ao ativismo queer pós-Stonewall. Numa parceria com a Reitoria da Universidade do Porto, promovemos um debate alargado à volta da realidade do ativismo e cultura queer em Portugal, com um especial foco nas suas expressões na cidade do Porto, que terá como mote a exibição do clássico documentário *Before Stonewall* (1984), de Greta Schiller e Robert Rosenberg. A este filme, juntamos outros que nos desafiam a estas leituras, como o são o caso de *The Cockettes* (2002), de Bill Weber e David Weissman – filme de abertura da presente edição -, ou de *Gay USA* (1977), de Arthur J. Bressan

The 50th anniversary of the Stonewall Uprising should inevitably lead us to a reflection upon what half a century of modern LGBTI+ social movements meant, what were their political and social conquests around the world – where they naturally had different timings and expressions – or how did activism impact on queer culture. But it is also important to reflect upon the many downfalls we've witnessed in these past few decades, what communities took most benefit from these conquests and what other communities saw themselves put aside, sometimes victims of prejudice from inside the queer community itself. What does activism really mean in a global world less and less "communitarian" and growingly individualistic?

Gazing upon the politics, the social movements and conquests may aid us on this reflection, but also queer culture – and particularly its cinema – helps us sketch that history, be it from the means of production point of view, be it from the point of view of what subjects were chosen to be portrayed, and who had the privilege of both: to portray and to be portrayed.

These are perhaps too many questions to fit on a sole film festival, but for its 5th edition, Queer Porto intends to challenge its audience to think these issues throughout our film selection, debates, and other parallel events.

In the film program we dedicate to Stonewall, we aim to approach those issues concerning representativeness, conquests, exclusions, voices who found themselves silenced, and also the disruption triggered by the AIDS epidemic which decimated so many members of the queer community, but on the other hand opened way to a second wave of post-Stonewall queer activism. Through a partnership with the Rectory of the University of Porto we will promote a debate on queer activism and culture in Portugal, with a special focus on its repercussions in the city of Porto, preceded by the screening of the seminal documentary *Before Stonewall* (1984), by Greta Schiller and Robert Rosenberg. Alongside this film, some others will challenge us on these readings. Such is the case of *The Cockettes* (2002), by Bill Weber and David Weissman – this year's opening night film – or *Gay USA* (1977), by Arthur J. Bressan Jr., both screened in restored versions, a proof of the growing concern in the preservation of the LGBTI+ audio-visual legacy, a priceless tool for future

Jr., ambos apresentados em versão restaurada, prova também da preocupação em preservar o legado audiovisual LGBTI+, ferramenta fundamental para gerações futuras. E precisamente sobre a questão do arquivo, juntámos a este programa o muito recente *The Archivettes* (2018), de Megan Rossman, que foca a importância dos legados materiais para memória futura, neste caso sobre a realidade dos movimentos de lésbicas nos EUA. Porque esta história ficaria incompleta sem abordar o tema do VIH/sida, recuamos até 1985, ano em que foi lançada aquela que é considerada a primeira ficção cinematográfica sobre o tema, *Buddies*, de Arthur J. Bressan Jr. E culminamos com uma homenagem a uma figura maior das artes e do ativismo da sida, com o magnífico documentário *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991* (2018), de Marion Scemama e François Pain. A completar este programa, o Maus Hábitos acolhe uma sessão especial do Queer Pop, onde se explora o legado e a influência de Stonewall no universo pop, nomeadamente no trabalho de artistas como David Bowie, Sylvester ou Bronski Beat.

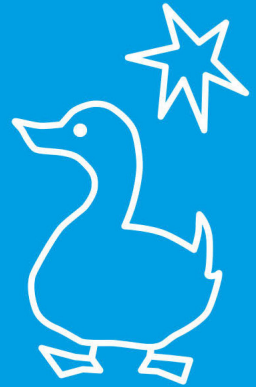
Palco principal do Queer Porto 5, o Teatro Rivoli acolhe igualmente as secções competitivas da melhor longa-metragem de ficção ou documental, assim como a competição de curtas-metragens de escola portuguesas, oferecendo assim uma panorâmica eclética sobre algumas das mais recentes produções do cinema queer, colocando-as, porque não, em diálogo com esta longa história de 50 anos. Também no Teatro Rivoli, acolhemos um programa dedicado aos vídeo-ensaios, um formato que muito deve a uma linha confessionalista do cinema queer, mas que adquire aqui um apuro estético e conceptual que nos ajuda a adivinhar vetores futuros deste cinema. Um programa que entra em diálogo com um outro, com curadoria de Cláudia Varejão, a propósito dos 20 anos da Agência da Curta-Metragem, focado quase exclusivamente em realizadoras mulheres onde o corpo é colocado sobre a paisagem, uma paisagem ela mesma tornada corpo, numa proposta fortemente queer que não deixa de nos remeter ao recente movimento ecosexual, de uma natureza não mais “mãe”, mas “amante”, onde o ecosexo é elevado a identidade sexual. Numa sessão especial, apresentamos aquela que é a primeira longa-metragem do ator brasileiro Murilo Benício, *O Beijo no Asfalto* (2018), à qual se seguirá uma conversa com o performer Tales Frey sobre a importância da obra do dramaturgo Nelson Rodrigues, em cuja peça homónima é baseado o filme, e que leitura podemos fazer hoje desse texto de 1961.

A par de um conjunto de outras atividades paralelas, são estas as linhas gerais que propomos para a presente edição do Queer Porto, um festival que procuramos seja sempre uma celebração da cultura queer e dos seus objetos artísticos, um lugar de partilha e reflexão sobre a realidade atual de todos nós, indivíduos e comunidades queer. Um lugar para nos fazermos ouvir.

generations. And precisely concerning archival matters, we added to this program the very recent *The Archivettes* (2018), by Megan Rossman, which focusses on the importance of these material legacies for future memory, in this case on the reality of the lesbian movements in the USA. But this history would remain incomplete without approaching the HIV/AIDS issue. In that sense we go as far back as 1985, the year we saw the release of the first ever movie fiction on this subject, *Buddies*, by Arthur J. Bressan Jr. And we culminate with an homage to one of the utmost personalities in AIDS related arts and activism, by screening the magnificent documentary *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991* (2018), by Marion Scemama and François Pain. Complementing this program, Maus Hábitos will host a special Queer Pop screening, where we explore the legacy and influence of Stonewall in pop music, namely in the works of artists such as David Bowie, Sylvester or Bronski Beat. The main venue of Queer Porto 5, Teatro Rivoli, will also host the competition sections for best fiction or documentary feature and best Portuguese film school short film, offering thus an eclectic panorama on some of the most recent productions in queer cinema, placing them, why not, in dialogue with this long 50 year history. Also at Teatro Rivoli we will present a program dedicated to video essays, a format whose origins we can place in a confessional thread of queer cinema, gaining now an aesthetic and conceptual quality that helps us foresee future trends in this film genre. A program we can also put in dialogue with that other one, curated by Cláudia Varejão, celebrating the 20th anniversary of the Short Film Agency, that will focus almost exclusively on female filmmakers in whose works the body is dropped against the landscape, a landscape that itself becomes embodied – a powerfully queer approach reminiscent of the recent ecosexual movements in which nature is no longer “mother” in order to become “lover”, and ecosex is perceived as a sexual identity. Another special screening will host Brazilian actor Murilo Benício's debut feature film *O Beijo no Asfalto* (2018), followed by a talk with performer Tales Frey on the relevance of playwright Nelson Rodrigues' work, in whose homonymous play the film is based upon, and what readings does this 1961 text allow us today. Alongside several other parallel activities, this is the core program for this year's edition of Queer Porto, a festival that aims to celebrate queer culture and its art objects, a place to share and reflect upon our realities, as queer individuals and communities. A place where we can be heard.

HOTEL PARCEIRO

QUEER PORTO 5
-
INTERNATIONAL
QUEER FILM
FESTIVAL



PORTUS CALE
HOTEL
★★★★

Avenida da Boavista, 1060, 4100-113 Porto - Portugal

Telefone: +351 226 083 900

Fax: +351 226 083 906

E-Mail: reservas@portuscalehotel.com

Júri Competição

Competition Jury

Adriano Baía Nazareth



Adriano Baía Nazareth, natural do Porto, é realizador na Radio Televisão de Portugal - RTP. Estudou Artes Plásticas - Pintura pela FBAUP e é doutorado em Media Digitais pela Universidade do Porto e Universidade Nova de Lisboa em parceria com a University of Texas at Austin.

Sempre atento e curioso na criatividade estética contida no fenómeno da imagem em movimento, tem realizado e produzido diversos programas de entretenimento, ficção e documentário, para além de estar também ligado à docência no ensino superior, com a expectativa de contribuir para o enriquecimento da linguagem televisiva.

Born in Porto, Adriano Baía Nazareth is an audiovisual director at RTP – Portuguese Public Broadcasters. He studied Visual Arts – Painting at FBAUP and holds a PhD in Digital Media by Universidade do Porto and Universidade Nova de Lisboa in partnership with the University of Texas at Austin. Always observant and curious about the aesthetic creativity behind the moving image phenomenon, he has directed and produced numerous entertainment shows, fictions, and documentaries. He is also a university teacher, with the expectation to further enrich TV language.

Ana Deus



© Alfredo Cunha

Ana Deus nasceu em Santarém em 1963 e vive no Porto desde 1981. Sempre se interessou por música, poesia e desenho. Começou o seu percurso musical em 1987 no grupo pop Ban. Em 1993 inicia, com a escritora Regina Guimarães e o músico Alexandre Soares, o grupo Três Tristes Tigres. Tem musicado poesia de autores variados. O seu último trabalho editado chama-se *Ruído Vário*, canções sobre poemas de Fernando Pessoa. Faz pequenos vídeo-poemas para as suas canções.

Ana Deus was born in Santarém in 1963 and lives in Porto since 1981. She has always been interested in music, poetry, and drawing. She started her musical career in 1987 with pop band Ban. Alongside author Regina Guimarães and musician Alexandre Soares, in 1993 she founded the band Três Tristes Tigres. She has composed music for the words of various authors. Her latest record up to date is *Ruído Vário*, of songs using poems by Fernando Pessoa. She directs little video-poems for her songs.

Nuno Ramalho



Nuno Ramalho (1975) vive e trabalha no Porto. Licenciado em Escultura pela FBAUP, possui mestrado em New Genres pelo San Francisco Art Institute, e prossegue um doutoramento na FBAUP, iniciado no Goldsmiths. Apresentou 17 exposições individuais e participou em mais de 60 coletivas, em Portugal e no estrangeiro. Curador de vários projetos expositivos, é desde 2016 responsável pela mostra de vídeo arte portuguesa 'Playlist'. A sua obra está presente no CAV, Novo Banco ou Fundação de Serralves, e em diversas coleções particulares. Artista residente na Triangle France, foi nomeado ao prémio EDP Novos Artistas 2004. Bolseiro Fulbright e da Fundação Gulbenkian.

Nuno Ramalho (1975) lives and works in Porto. Graduated in Sculpture by FBAUP, he holds a master's degree in New Genres by the San Francisco Art Institute and is pursuing his PhD at FBAUP, initiated at Goldsmiths. He presented 17 solo exhibitions and participated in over 60 group exhibitions, in Portugal and abroad. Curator for several exhibition projects, since 2016 he is responsible for the Portuguese video-art showcase 'Playlist'. His works are present at CAV, Novo Banco or Fundação de Serralves, and in private collections. A resident artist at Triangle France, he was a nominee for the EDP Novos Artistas 2004 award. He had a Fulbright and Fundação Gulbenkian fellowship.

Susana Chiocca



Susana Chiocca nasceu em Lisboa, em 1974. Doutorada em Arte Contemporânea pela Faculdade de Belas Artes de Cuenca (Universidad Castilla-La Mancha, 2016). Licenciada em Escultura pela FBAUP (1999). Professora convidada no Colégio das Artes e FLUC (Coimbra); Balleteatro e Lusófona (Porto). Tem programado alguns eventos, sobretudo no campo da performance, como o espaço *A sala* ou o evento *Acesso de Vertigem*, nos Maus Hábitos. Enquanto artista, tem participado em diversas exposições individuais e coletivas, eventos e workshops, desde 1999.

Susana Chiocca was born in Lisbon in 1974. PhD in Contemporary Art by the Cuenca Fine Arts Faculty (Universidad Castilla-La Mancha, 2016). Graduated in Sculpture by FBAUP (1999). Visiting lecturer at Colégio das Artes and FLUC (Coimbra); Balleteatro and Lusófona (Porto). She has programmed several events, mainly in performance, such as the *A sala* venue, or the *Acesso de Vertigem* event, at Maus Hábitos. As an artist she has been part of several solo and group exhibitions, events and workshops, since 1999.

fundação

LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO

Teatro Rivoli

NOITE DE ABERTURA OPENING NIGHT



The Cockettes

14

À medida em que a psicadélica São Francisco dos anos 60 dava lugar à São Francisco gay dos anos 70, os The Cockettes, uma flamejante trupe de hippies (mulheres, homens gay e bebês) enfeitavam-se em drag ao estilo *gender-bender*, com imenso *glitter*, para uma série de lendários espetáculos à meia-noite no Palace Theatre de North Beach, onde estes extravagantes profissionais da dança e do canto ostentavam elaborados guarda-roupas, uma sexualidade rebelde e um exuberante caos.

As the psychedelic San Francisco of the 60s began evolving into the gay San Francisco of the 70s, The Cockettes, a flamboyant ensemble of hippies (gay men, women and babies) decked themselves out in gender-bending drag and tons of glitter for a series of legendary midnight musicals at the Palace Theater in North Beach, where these all-singing, all-dancing extravaganzas featured elaborate costumes, rebellious sexuality and exuberant chaos.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

* David Weissman é um professor, programador de cinema, ativista e cineasta independente. Os seus filmes têm sido apresentados em inúmeros festivais de cinema, incluindo Sundance e a Berlinale.

** David Weissman is a teacher, film programmer, independent filmmaker and longtime activist. His films have been featured at countless film festivals, including Sundance and Berlinale.

*** Bill Weber trabalha há mais de vinte anos como montador vídeo nas áreas da publicidade, dos telediscos e dos efeitos especiais, assim como em muitos outros projetos para cinema e televisão.

*** Bill Weber has been working as a video editor for over twenty years, in fields such as advertising, music videos and special effects, and for a lot of other projects for film and television.

THE COCKETTES

Realização / **Director**
Bill Weber, David Weissman

EUA / **USA**, 2002, 102'

Documentário / **Documentary**

Cor, Preto e Branco / **Colour, Black & White**
Digital

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / **Over 16yo**

Montagem / **Editing**
Bill Weber

Fotografia / **Photography**
Marsha Kahn

Som / **Sound**
James Lebrecht

Produção / **Production**
David Weissman

Com / **With**
The Cockettes

www.thefilmcollaborative.org
www.cockettes.com

*** 2011

We Were Here
Documentário / **Documentary**

*** 2002

The Cockettes
Documentário / **Documentary**

* 1991

The Complaints
Curta-Metragem / **Short Film**

* 1989

Mothers
Curta-Metragem / **Short Film**

* 1988

Song from an Angel
Curta-Metragem / **Short Film**

* 1987

976
Curta-Metragem / **Short Film**

* 1986

Beauties without a Case
Curta-Metragem / **Short Film**

* 1984

The Steps
Curta-Metragem / **Short Film**



Bill Weber / David Weissman

NOITE DE ENCERRAMENTO

CLOSING NIGHT



El Ángel

The Angel

Carlitos é um jovem de 17 anos de idade, com a arrogância de uma estrela de cinema, cabelo loiro encaracolado e cara de bebé. Quando era criança, cobiçava as coisas dos outros, mas só no início da adolescência é que o seu verdadeiro eu - ser ladrão - se manifestou. Quando conhece Ramon na sua nova escola, Carlitos sente-se imediatamente atraído por ele e começa a chamar a sua atenção. Juntos embarcam numa viagem de descobertas, amor e crime.

Carlitos is a 17-year-old youth with movie star swagger, blond curls and a baby face. As a young boy, he coveted other people's things, but wasn't until his early adolescence that his true calling - to be a thief - manifested itself. When he meets Ramon at his new school, Carlitos is immediately drawn to him and starts showing off to get his attention. Together they will embark on a journey of discoveries, love and crime.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Luis Ortega (Buenos Aires, 1980) é argumentista e realizador de cinema. Estudou na Universidad del Cine, em Buenos Aires, e foi aí, aos 19 anos, que escreveu o argumento da sua primeira longa-metragem.

Luis Ortega (Buenos Aires, 1980) is a screenwriter and filmmaker. He studied at Universidad del Cine, in Buenos Aires, and that's when, at age 19, he wrote the script for his first feature film.

EL ÁNGEL

THE ANGEL

Realização / Director
Luis Ortega

Argentina, Espanha / Argentina, Spain,
2018, 115'

Ficção / Fiction

Cor / Colour

Digital

v. o. espanhola, legendada em inglês e português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay

Luis Ortega, Rodolfo Palacios, Sergio Olguin

Montagem / Editing

Guille Gatti

Fotografia / Photography

Julian Apezteguia

Som / Sound

Jose Luis Diaz

Produção / Production

Agustín Almodóvar, Pedro Almodóvar, Leticia Cristi, Pablo Culell, Esther García, Axel Kuschevatzky, Matías Mosteirín, Sebastián Ortega, Hugo Sigman

Intérpretes / Cast

Lorenzo Ferro, Chino Darín, Mercedes Morán, Cecilia Roth, Luis Gnecco, Malena Villa

www.nos.pt

15

2018

El Ángel

Longa-Metragem / Feature Film

2014

Lulú

Longa-Metragem / Feature Film

2013

Ludmila en Cuba

Curta-Metragem / Short Film

2012

Dromómanos

Longa-Metragem / Feature Film

2011

Verano Maldito

Longa-Metragem / Feature Film

2009

Los Santos Sucios

Longa-Metragem / Feature Film



Luis Ortega

© Nora Lezani

50 anos a



2



A todos que

Criam a 2

Deslumbram a 2

Divertem a 2

Riem a 2

Choram a 2

Sofrem a 2

Descobrem a 2

Aprendem a 2

Ensinam a 2

Imaginam a 2

Pensam a 2

Lutam a 2

Revolucionam a 2

Trabalham a 2

Reinventam a 2

Sentem a 2

Amam a 2

Etc a 2



A todos que
vivem há 50 anos a 2,
muito obrigada.

Competição

Oficial

Official

Competition

A Dog Barking at the Moon



18 COMPETIÇÃO OFICIAL

De regresso à sua família disfuncional, a escritora Huang Xiaoyu, que se encontra grávida, e o seu marido francês, Benjamin, vêem-se atropados entre a mãe de Huang, absorvida por uma seita e o seu pai, um homossexual dentro do armário.

Coming back to her broken family, pregnant writer Huang Xiaoyu and her French husband, Benjamin, find themselves trapped between her cult brainwashed mother and her secretly homosexual father.

A DOG BARKING AT THE MOON

Realização / **Director**
Xiang Zi

China, Espanha / **China, Spain**, 2019, 107'

Ficção / **Fiction**

Cor / **Colour**

DCP

v. o. mandarim, legendada em inglês e português

M/16 / **Over 16yo**

Guião / **Screenplay**
Xiang Zi

Montagem / **Editing**
Xiang Zi

Fotografia / **Photography**
José Val Bal

Som / **Sound**
Zhang Hongxiang

Produção / **Production**
Xiang Zi, José Val Bal

Intérpretes / **Cast**
Naren Hua, Nan Ji, Wu Renyuan, Zhang Yinyue, Jiang Bing, Ming Xing

www.acornstudiochina.com
www.granadian.com

O Passado e o Presente

Começa-se pelo fim. Numa narrativa que se move voluntariosamente por entre diferentes épocas, e nas fronteiras macias entre planos de realidade, a primeira imagem - *close-up* fixo de uma face imóvel e invertida, aprisionada tanto em parafernália médica como nas linhas do plano - fala-nos sobretudo do momento presente. Do passado caloroso e fluído, onde melancias são cortadas com paixão e os espaços se moldam com uma organicidade despreocupada, já nada resta e os sucessivos presentes para onde *A Dog Barking at the Moon* nos transporta, vão-se tornando pálidos e imóveis, os espaços representam ao invés de ser e os rostos acabrunham-se. Jumei, a personagem que acompanhamos através dos tempos, é como um buraco negro que suga tudo o que a envolve. Perto dela, o seu marido e a sua filha, Xiaoyu, não são mais que figuras a definir.

Em *A Dog Barking at the Moon*, a sua impressionante estreia na longa-metragem, a realizadora Xiang Zi revolve o seu próprio passado traumático para dele trazer a violência e a opressão, enquanto tenta sublimá-lo. Subtil e paciente, a sua visão organiza-se à volta da torrente de amargura que é Jumei (incrível Renhua Na) uma mulher que insiste em manter um longo casamento que não é já senão os despojos de uma batalha, e que encontra em tudo, se não nela, a culpa da sua situação. Uma culpa apontada sobretudo a Xiaoyu, em cenas em que vemos Jumei também como um produto das políticas oficiais chinesas dos últimos quarenta anos e da cultura que estas originaram. Neste processo, e por entre belos planos em que a encenação do passado se faz fantasia (Xiaoyu cruzando-se consigo mesma em criança num campo de jogos enquanto um camião as rega com chuva de filme) Xiang Zi faz o seu ajuste de contas com a memória e, naqueles que são talvez os mais solares e ternos momentos do filme, encontra ainda forma de humanizar Jumei, ao mostrá-la em flôr, há muito tempo. Antes de todas as palavras impossíveis de apagar. P.V.S.

The Past and the Present

The beginning is the end. In a narrative that wilfully moves through different eras and in the malleable borders between fantasy and reality, the first scene - a fixed close-up of a still and upside-down face, restrained by both the medical paraphernalia and the framing - tells us mostly about the present moment. Of the warm and flowing past, where watermelons are cut with passion and spaces shape themselves in a careless and organic way, nothing is left now, and the successive present times to where *A Dog Barking at the Moon* takes us, increase in paleness and stiffness, spaces represent instead of being and faces look dispirited. Jumei, the character we follow throughout the times, is like a black hole from which nothing in its vicinity can escape. Around her, her husband and her daughter, Xiaoyu, are only fading shadows. In *A Dog Barking at the Moon*, her impressive feature debut, director Xiang Zi digs deep in her own traumatic past to bring back violence and oppression, while trying to sublimate it. Nuanced and patient, her vision works around the torrent of bitterness that Jumei is (incredible performance by Renhua Na) a woman who insists in carrying on a long marriage of which nothing else is left but the remains of a battle, and who blames everyone and everything except herself. Among the "guilty", Xiaoyu is one of her main targets, in scenes where we also perceive Jumei as being a product of the Chinese government policies of the last forty years, and of the culture they gave origin to. In this process, and through beautiful scenes where performing the past turns in to surreal fantasy (Xiaoyu encountering her own child self in a sports pitch while a truck showers them in film rain) Xiang Zi speaks her truth and, in what likely are the most solar and tender moments of the film, also finds a way to humanise Jumei, showing her lightness and energy, a long long time ago. Before all the words that cannot be unheard. P.V.S.

2019
A Dog Barking at the Moon
Longa-Metragem / Feature Film

2013
Lycoris Radiata (Manjusaka)
Curta-Metragem / Short Film

2012
The Temptation of Vanity
Curta-Metragem / Short Film

2011
Paganini for Two
Curta-Metragem / Short Film

2011
The Last Zebra in New York
Curta-Metragem / Short Film

2011
Boat to Thailand
Curta-Metragem / Short Film

2010
9 o'Clock
Curta-Metragem / Short Film

2009
The Wanted
Curta-Metragem / Short Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Xiang Zi (Pequim, 1987) é cineasta e argumentista. Formou-se em Economia na Beijing Forestry University antes de estudar Cinema em Nova Iorque. Após casar com o seu colega de turma e cineasta José Val Bal, os dois mudam-se para Espanha, onde trabalham juntos em documentários e séries web.

Xiang Zi (Beijing, 1987) is a filmmaker and screenwriter. She graduated in Economics at Beijing Forestry University before going on to study Film in New York. After marrying her classmate and fellow filmmaker José Val Bal, the pair moved to Spain where they worked together on documentaries and web series



Xiang Zi

The Gospel of Eureka



20 COMPETIÇÃO OFICIAL

Amor, fé e direitos civis colidem numa cidade sulista, quando cristãos evangélicos e drag queens ocupam os holofotes para dismantelar estereótipos. *The Gospel Of Eureka* é um olhar pessoal e muitas vezes cómico sobre a negociação das diferenças entre religião e crença através da performance, da ação política e da colaboração.

Love, faith and civil rights collide in a southern town as evangelical Christians and drag queens step into the spotlight to dismantle stereotypes. *The Gospel of Eureka* takes a personal, and often comical look at negotiating differences between religion and belief through performance, political action and partnership.

THE GOSPEL OF EUREKA

Realização / **Director**
Michael Palmieri, Donal Mosher

EUA / USA, 2018, 75'

Documentário / **Documentary**

Cor / **Colour**

DCP

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / Over 16yo

Guião / **Screenplay**

Donal Mosher (narração escrita por / **narration written by**)

Montagem / **Editing**

Michael Palmieri

Fotografia / **Photography**

Michael Palmieri

Som / **Sound**

James Lebrecht

Produção / **Production**

Charlotte Cook

Com / **With**

Lee Keating, Walter Burrell, Kent Butler, Roxie Howard, Jayme Brandt, Justin Vivian Bond
(voz off / **voice over**)

O Evangelho Segundo Eureka Springs

Se o documentário nos transporta por vezes para territórios inusitados que quase diríamos de ficção, *The Gospel of Eureka* é certamente um desses casos. Habilmente estruturado e fazendo excelente uso da voz de uma das mais interessantes performers queer da atualidade, Justin Vivian Bond, no papel de uma irônica e envolvente narradora, o filme assinado por Michael Palmieri e Donal Mosher é um mergulho na pequena localidade de Eureka Springs, no Arkansas, onde cristãos e comunidade queer partilham um estranho território. Cidade de pouco mais de dois mil habitantes, formada à volta das suas supostas águas milagrosas, a partir dos anos 1960 Eureka Springs torna-se local de peregrinação religiosa. Em 1964 é ali erguida a maior estátua de Cristo da América, o Christ of the Ozarks. A localidade é também palco do megalômano espetáculo da “Ressurreição de Cristo”, num auditório ao ar livre de quatro mil lugares e que atrai 50 mil espetadores por ano. Já na povoação, Lee e Walter são um casal gay, donos do Eureka Live Underground, um bar gay com performances *drag*. Sem cair em fáceis juízos de valor, o documentário põe em contraste e relação os bastidores da produção da peça religiosa, com o das *drags* das performances noturnas. Pelo meio, conhecemos os protagonistas da população, num momento em que o Condado vota a Lei 2233, que protege a população LGBTI+ de discriminação e o acesso das pessoas trans às casas-de-banho públicas de acordo com o seu género. A lei é aprovada por esmagadora maioria. Filho de um homem gay, e pai de filhos, Jayme Brandt é dono de uma loja de souvenirs religiosos e fervoroso católico. É também simpatizante da nova lei e da comunidade queer e talvez o mais acabado exemplo de uma convivência paredes meias entre duas comunidades, aparentemente antagónicas, mas unidas quem sabe devido ao poder milagroso das águas de Eureka Springs. J.F.

The Gospel According to Eureka Springs

It sometimes happens that a documentary takes us to unforeseen places that we could easily mistake as fiction. *The Gospel of Eureka* is certainly such a case. Cleverly structured and making the best use possible of the voice of one of the most interesting queer performers today, Justin Vivian Bond, in the role of an ironic and heartfelt narrator, Michael Palmieri and Donal Mosher’s film plunges us in the small town of Eureka Springs, Arkansas, where Christians and queer community share a strange ground.

A town of little over two thousand inhabitants, built upon its supposedly healing waters, from the 1960’s Eureka Springs became a mecca for religious pilgrimage. The Christ of the Ozarks, America’s biggest statue of Christ is erected there in 1964. The town is also the stage of an over-the-top show on the “Resurrection of Christ”, taking place in a four-thousand seat open air auditorium, attracting over 50 thousand spectators a year. Downtown, Lee and Walter, a gay couple, own the Eureka Live Underground, a gay bar with drag performances. Avoiding any preconceived judgments, the documentary places side by side the backstage of the religious show with the backstage of the drag shows. On the way, we get to know the town’s protagonists, at a moment when the County is voting Resolution 2233 which protects the LGBTI+ community from discrimination and gives trans people gender-according access to public restrooms.

The law passes with a large majority. The son a gay man, and now a husband and parent, Jayme Brandt is the catholic owner of a religious souvenir shop. He defended the law and sympathizes with the queer community and is the best example of conviviality between both these communities, apparently antagonistic, but united perhaps due to the power of the healing waters of Eureka Springs. J.F.

2018
The Gospel of Eureka
Documentário / Documentary

2016
Peace in the Valley
Documentário Curto / Short Documentary

2013
Rougarouing
Documentário Curto / Short Documentary

2012
Off Label
Documentário / Documentary

2009
October Country
Documentário / Documentary

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Michael Palmieri e Donal Mosher formam uma equipa de realização de documentários, trabalhando juntos há mais de uma década. Os seus filmes foram exibidos em grandes festivais ao redor do mundo, incluindo Sundance, Cannes e Locarno.

Michael Palmieri and Donal Mosher are a documentary directing team who have worked together for over a decade. Their films have exhibited at major festivals around the world including Sundance, Cannes and Locarno.



Michael Palmieri / Donal Mosher

M



22 COMPETIÇÃO OFICIAL

Subúrbios de Telavive. Bnei Brak, capital mundial dos haredi, os judeus ultraortodoxos. Quando era criança, Menahem Lang era conhecido pela sua bondade, pelo seu compromisso com a escola Talmude e, especialmente, pela sua bela voz, que fez dele um reconhecido intérprete de cantos litúrgicos. Mas ele escondia um segredo: durante anos foi violado pelos membros dessa mesma comunidade que o adorava. Passados dez anos, Menahem regressa ao local do crime.

Suburbs of Tel Aviv. Bnei Brak, world capital of the Haredim, the ultra-Orthodox Jews. When he was a kid, Menahem Lang was known for his kindness, his commitment to Talmud school and especially for his golden voice, which made him a renowned performer of liturgical chants. But he was hiding a secret: for years, he was raped by members of the community that worshipped him. After 10 years, Menahem returns to the scene of the crime.

M

Realização / Director
Yolande Zauberman

França / France, 2018, 106'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

DCP

v.o. idiche, legendada em inglês e português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay

Yolande Zauberman

Montagem / Editing

Raphaël Lefèvre

Fotografia / Photography

Yolande Zauberman

Som / Sound

Sélim Nassib

Produção / Production

Charles Gillibert, Fabrice Bigio, Yolande Zauberman

Com / With

Menahem Lang

www.indiesales.eu

Noite Escura

Em *M* a noite é infundável e o mundo um denso breu através do qual avançamos, ora a medo ora destemidamente, e onde só colados às caras e aos corpos conseguimos ver com alguma claridade. *M* é Menahem Lang, um homem que cresceu em Bnei Brak, capital do mundo judeu ultraortodoxo, e que, quando criança, foi violado por vários homens, respeitados na sua imperscrutável comunidade, ao longo de vários anos. “A child for fun” diz ele, francamente, a certa altura, antes de descrever a brutalidade dos homens que fizeram dele o que quiseram, e tentar articular a complexidade dos seus sentimentos, a reverberação devastadora do passado. Rodado ao longo de meses, mas montado como uma longa noite em que se mergulha com a esperança de se sair novo e purificado – e o termo “curado” tão largamente usado como forma de quebrar o(s) ciclo(s) em que todos, inevitavelmente, estão — em *M* imergimos também num tumulto sem fim, serenado momentaneamente pelo jazz melancólico que entrecorta os relatos e as confissões, a deixar-nos secar a dor por breves instantes, e pela voz-off de Yolande Zauberman que, justamente, está sempre fora do plano, num filme em que a vulnerabilidade dos homens está à flor da pele e as mulheres estão sempre além.

No seu périplo, Menahem encontra outros homens que sofreram o mesmo tipo de abuso, surgindo como flores que brotam subitamente de todo o lado: no cemitério vazio, na praia, nas ruas atravessadas por olhares oblíquos. Desta acumulação de vozes, ora tímidas ora em canções dolorosas (“This is my rape song”), e do incansável desejo de Menahem de não deixar nada por dizer, se faz a dura jornada regeneradora de *M*. Mas também da voz de Zauberman, guiando-nos nesta escuridão e cuidando para que não nos julguemos sozinhos diante do impensável que é a história de Menahem e dos outros todos, que os seguem como se ela, com a sua câmara, fosse o “Tocador de Flauta”, como a certa altura se diz sentir ser. Ficam no fim o azul intenso do fundo do mar e as artes marciais feitas à beira da estrada, coisas que (n)os podem trazer de volta à luz do dia. P.V.S.

Dark Night

In *M* the night is interminable and the world a dense darkness through which we keep on moving forwards, sometimes with caution other times fearlessly, and where only when standing extremely close to the faces and the bodies we can see with some clarity. *M* is Menahem Lang, a man who grew up in Bnei Brak, world capital of ultra-orthodox Judaism, and who, as a child, was raped by several “respectable” men from his own inscrutable community, throughout several years. “A child for fun” he says bluntly, at some point, before describing the brutality of the men who did to him whatever they wanted to, while he tries to articulate the complexity of his own feelings and the devastating reverberation of the past.

Shot throughout several months, but edited as a long night in which one dives with the hopes of coming back anew and cleansed - and the term “cured” so often used as a way to break the cycle(s) in which they all, inevitably, are - in *M* we are also immersed in an endless tumult, momentarily appeased by the melancholic jazz that intercuts the recounts and confessions, allowing us to dry our sorrow for a brief instant, and by the voice of Yolande Zauberman who is, justly, always out of shot, in a film where men’s vulnerability is utterly exposed and women are (almost) always out of sight.

In his journey, Menahem encounters other men who suffered the same type of abuse, appearing like flowers suddenly springing everywhere: in the empty cemetery, at the beach, in the streets crossed by oblique looks. It is of this accumulation of voices, either timid or in mournful singing (“This is my rape song”), and of Menahem’s tireless commitment to not leave things untold, that the tough and regenerative journey of *M* is made. But also of Zauberman’s voice, guiding us through the darkness and making sure we don’t feel alone when facing the inconceivable that is the story of Menahem and the others, who follow her as if she was the “Flute Player”, a figure she mentions feeling like. At the end, only the intense blue of the deep sea and the martial arts performed on the side of the road, things that can bring them (and us) back to the daylight. P.V.S.

2018

M

Documentário / Documentary

2011

Would You Have Sex with an Arab?

Documentário / Documentary

2005

Un Juif à la Mer

Documentário / Documentary

2004

Paradise Now - Journal d'une Femme en Crise

Documentário / Documentary

2002

La Guerre à Paris

Longa-Metragem / Feature Film

1996

Clubbed to Death (Lola)

Longa-Metragem / Feature Film

1993

Moi Ivan, toi Abraham

Longa-Metragem / Feature Film

1990

Caste Criminelle

Documentário / Documentary

1988

Classified People

Documentário / Documentary

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Yolande Zauberman (Paris, 1955) é formada em História da Arte e Economia. Artista multidisciplinar, rompe tabus com os seus filmes, confrontando-nos com realidades mantidas em silêncio.

Yolande Zauberman (Paris, 1955) graduated in Art History and Economics. She is a multidisciplinary artist that breaks taboos with her films and that confronts us with realities kept in silence.



Yolande Zauberman

Madame



24 COMPETIÇÃO OFICIAL

Uma saga familiar com base em imagens de arquivo privadas, *Madame* propõe uma viagem íntima onde uma exuberante avó de 90 anos e o seu neto cineasta exploram o desenvolvimento e a herança da identidade de género no seio de um ambiente patriarcal.

A family saga based on private archive footage, *Madame* takes us onto an intimate journey where a flamboyant 90-year-old grandmother and her filmmaker grandson explore the development and transmission of gender identity in a patriarchal environment.

MADAME

Realização / Director
Stéphane Riethauser

Suíça / Switzerland, 2019, 94'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

DCP

v. o. francesa, legendada em inglês e português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Stéphane Riethauser

Montagem / Editing
Natali Barrey

Fotografia / Photography
Stéphane Riethauser, Luc Riethauser

Som / Sound
Stéphane Riethauser, Luc Riethauser

Produção / Production
Stéphane Riethauser

Com / With
Caroline Della Beffa, Stéphane Riethauser,
Luc Riethauser, Heike Riethauser, Olivier
Riethauser, Charles Riethauser

www.sweetspotdocs.com
www.madamefilm.com

Torna-te quem tu és

Madame sustenta-se num elaborado dispositivo construído a partir de um vasto acervo de filmagens em Super 8 e fotografias da família do realizador, Stéphane Riethauser, mas constrói-se à volta de uma conversa que mantém com a avó. O protagonista é claramente ele, mas o nome do filme refere-se a Caroline, que durante a conversa explica ao neto coisas como o ódio que teve pelo marido ou a solidão que sentiu durante a longa luta que foram os seus 90 anos de vida. O título descobre-se então como forma de homenagear a avó. Ela é a musa do filme, o exemplo de coragem e determinação do qual Riethauser se serve para discorrer sobre a sua própria vida.

Uma vida que o realizador gosta de ilustrar com aquela conhecida frase de Simone de Beauvoir que, tanto tempo, confessa, custou-lhe a compreender: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A sua biografia é a de um rapaz criado no contexto patriarcal da doutrina judaico-cristã, e formatado para ser um macho hétero e homofóbico, que um dia se aperceberá que é gay e, após anos confessando-se apenas ao seu diário, acabará por assumir-se perante a sua conservadora família de direita. Apoiado no relato das suas várias identidades (de criança “mariquinhas” a porta-voz da causa LGBT, passando pelo Riton, o seu alter-ego em *teenager*), Riethauser questiona os sistemas de valores que moldam a construção dos papéis de género e a transmissão dos mesmos. Sempre com sinceridade e um requintado sentido de humor. Muito dinâmico como artefacto cinematográfico e sem cair nunca na nostalgia barata, a força do documentário radica em como lida, minuciosamente, com a complexidade da história de vida de Riethauser; e também no grau de intimidade que consegue atingir ao fazê-lo, pondo em primeiro plano uma voz que, após anos silenciada, decide começar a fazer-se ouvir. **C.R.**

Become who you are

Madame leans on an elaborate device built from a vast collection of Super 8 footage and photos of the director's family, Stéphane Riethauser, but is constructed around a conversation he has with his grandmother. The protagonist is clearly him, but the name of the film refers to Caroline, who during the conversation explains to her grandson how much she hated her husband or the loneliness she felt during her long 90-year struggle. The title is then disclosed as a means to honour his granny. She is the muse of the film, the example of courage and determination that Riethauser uses to tell us about his life.

A life that the director likes to illustrate with that well-known quote by Simone de Beauvoir that, he admits, took him so long to understand: “One is not born, but rather becomes, a woman”. His biography is that of a young man raised in the patriarchal realm of the Jewish-Christian Doctrine, and shaped to be a straight homophobic macho, that will one day realize he is gay and, after years of confessing only to his private diary, will come out to his conservative right-wing family. Supported by the account of his various identities (from sissy child to LGBT spokesman, going through Riton, his teenage alter-ego), Riethauser questions the value systems that shape the construction of gender roles and their transmission. Always with sincerity and with an exquisite sense of humor.

Very dynamic as a cinematic artefact and never falling for cheap nostalgia, the power of the documentary lies in how it deals, carefully, with the complexity of Riethauser's life story; and also in the degree of intimacy achieved by doing so, foregrounding a voice that, after years of silence, decides to start making itself heard. **C.R.**

2019

Madame

Documentário / Documentary

2016

Garden of Stars

Documentário / Documentary

2012

Prora

Curta-Metragem / Short Film

2007

Frozen in Time - The Life of Marius Borgeaud

Documentário / Documentary

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Stéphane Riethauser (Genebra, 1972) é formado em Direito pela Universidade de Genebra. Ao longo dos anos, tem trabalhado como professor, ativista gay, fotógrafo, montador, jornalista e tradutor. Em 2007, lançou a sua produtora Lambda Prod. Vive em Berlim.

Stéphane Riethauser (Geneva, 1972) holds a Law degree from the University of Geneva. Over the years, he has been working as a teacher, gay activist, photographer, editor, journalist and translator. In 2007 he launched his production company Lambda Prod. He lives in Berlin.



Stéphane Riethauser

The Man Who Surprised Everyone Tchelovek Kotorij Udivil Vseh



26 COMPETIÇÃO OFICIAL

Egor é um destemido guarda florestal na taiga siberiana. Ele é um bom pai de família, respeitado na sua pequena comunidade, e junto com a esposa Natalia esperam um segundo filho. Mas um dia Egor descobre que tem cancro e apenas dois meses de vida. Nenhuma medicina tradicional ou magia xamânica podem salvá-lo. Finalmente, sem outras opções, tenta desesperadamente enganar a morte. Como disfarce, Egor escolhe tomar a identidade de uma mulher.

Egor is a fearless state forest guard in the Siberian Taiga. He is a good family man, respected by his fellow villagers and together with his wife Natalia they are expecting a second child. But one day Egor finds out that he has cancer and only two months left to live. No traditional medicine or shamanic magic can save him. Finally, left with no other options, he takes a desperate attempt to trick death. As disguise, Egor chooses to take the identity of a woman.

THE MAN WHO SURPRISED EVERYONE TCHELOVEK KOTORIJ UDIVIL VSEH

Realização / **Director**

Natasha Merkulova, Aleksey Chupov

Rússia, Estónia, França / **Russia, Estonia, France**, 2018, 105'

Ficção / **Fiction**

Cor / **Colour**

DCP

v.o. russa, legendada em inglês e português

M/16 / Over 16yo

Guião / **Screenplay**

Natasha Merkulova, Aleksey Chupov

Montagem / **Editing**

Vadim Krasnitsky

Fotografia / **Photography**

Mart Taniel

Som / **Sound**

Vladimir Pryamov, Aleksandr Fedenyov

Produção / **Production**

Katia Filippova

Intérpretes / **Cast**

Evgeniy Tsyganov, Natalya Kudryashova,
Yuriy Kuznetsov, Vasilii Popov, Pavel Maykov,
Aleksey Filimonov

www.plutofilm.de

Nascer para morrer

Da Rússia rural chega-nos a história de um homem que surpreende todos para tentar enganar a morte, aventurando-se no *cross-dressing* e assim revelando todos os preconceitos contra o “inexplicável”.

O filme, codirigido por Aleksey Chupov e Natasha Merkulova, apresenta-nos a vida normal quotidiana de uma família siberiana cujo curso tem uma viragem quando o personagem principal, Yegor - o homem da família -, descobre que só lhe restam dois meses de vida. Recorrendo, sem sucesso, a uma forma de cura mágica e tradicional, ele decide seguir a história contada pela curandeira, o conto de um pato que escapa da morte camuflando-se de pato fêmea.

Mas, ao contrário do pato que se pode esconder no meio do seu bando, Yegor destaca-se ao tentar assumir um papel feminino, quase num ato de desespero contra o medo de morrer.

The Man Who Surprised Everyone vai para além de falar diretamente com a comunidade LGBTQ+, construindo uma história que reflete sobre sítios remotos onde existem ainda preconceitos incrustados no âmago e onde a diferença é o gatilho para libertar atos de violência. Quase como um anti-herói, o personagem principal silencia-se enquanto mergulha nesta sua nova personalidade, inflamando uma fúria crescente e medo do desconhecido na sua família e na comunidade da aldeia. Não de forma surpreendente, infelizmente, este filme trágico e com um tom de conto de fadas faz-nos pensar em quão enraizado está o medo. Mas também que a vida e a morte são uma coisa apenas e que não há forma de escapar a cada uma das partes. D.P.

Born to die

From rural Russia arrives the tale of a man who surprises everyone in order to cheat death venturing into cross-dressing, revealing all the prejudices held against the “unexplainable”.

The film-drama, co-directed by Aleksey Chupov and Natasha Merkulova, presents the normal and daily life of a Siberian family which has a turning point when the main character, Yegor - the family man - finds out that he only has two months left to live. Unsuccessfully resorting to traditional and magical healing, he decides to follow the story told by an old shamanic woman, the tale of a male duck who dodges death by camouflaging as a female duck.

Unlike the duck, who can easily hide in the middle of the flock, Yegor stands out alone embodying a female role, almost as an act of despair against the fear of dying.

The Man Who Surprised Everyone goes beyond reaching just an LGBTQ+ community, building a story reflecting on the remote places and countries which still have strong inlaid preconceptions and where difference triggers acts of violence. Almost as an antihero, the main character becomes silent and delves into this new personality, igniting a growing rage and fear of the unknown within his family and the community of the village. Not surprisingly, unfortunately, this tragic fairy-tale toned film makes us think about how fear is deeply rooted. But also, that life and death are one thing only and there's no way out of each of its parts. D.P.

** 2018

The Man Who Surprised Everyone
Longa-Metragem / Feature Film

* 2016

Sisters
Curta-Metragem / Short Film

* 2015

Rodchenko's Stairs
Curta-Metragem / Short Film

** 2013

Intimate Parts
Longa-Metragem / Feature Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

* Natasha Merkulova (Rússia, 1979) é realizadora e argumentista. Junto com o seu marido, Aleksey Chupov, escreveram e dirigiram várias longas-metragens e ganharam vários prémios em diversos festivais internacionais de cinema.

* Natasha Merkulova (Russia, 1979) is a director and scriptwriter. Along with her husband Aleksey Chupov, they have written and directed several features and conquered several awards at various international film festivals.

** Aleksey Chupov (Moscow, 1973) estudou História do Cinema na Wake Forest University, nos Estados Unidos. Começou a sua carreira como jornalista de TV e tem escrito e realizado vários filmes junto com a sua mulher, Natasha Merkulova.

** Aleksey Chupov (Moscow, 1973) studied Movie History at Wake Forest University in the United States. He began his career working as a TV journalist and has written and directed several features along with his wife, Natasha Merkulova.



Aleksey Chupov / Natasha Merkulova

Los Miembros de la Familia Family Members



COMPETIÇÃO OFICIAL

Lucas e Gilda viajam para uma pequena cidade balnear argentina para satisfazer o último desejo da sua mãe, recentemente falecida: espalhar as suas cinzas no oceano. Prontos para voltar a casa, os dois irmãos são surpreendidos por uma greve de autocarros a nível nacional. Lucas, obcecado com musculação e luta livre, encontra nesta cidade quase deserta um terreno fértil para explorar a sua sexualidade e os limites do seu corpo. Por seu lado, Gilda, ainda afetada pela sua recente passagem por um centro de reabilitação, tenta inúmeras terapias por forma a encontrar algum significado no mundo.

Lucas and Gilda travel to a small Argentine beach town to fulfil the last wishes of their recently deceased mother: scatter her remains in the ocean. Ready to return home, the two siblings find themselves stranded by a nationwide bus strike. Lucas, obsessed with bodybuilding and contact fighting, finds the nearly deserted town fertile ground for exploring his sexuality and the limits of his body. Gilda, still affected by her recent stay at a rehab centre, tries countless therapies in order to find some meaning in the world.

LOS MIEMBROS DE LA FAMILIA FAMILY MEMBERS

Realização / Director
Mateo Bendesky

Argentina / Argentina, 2019, 85'

Ficção / Fiction

Cor / Colour

Digital

v.o. espanhola, legendada em inglês e português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Mateo Bendesky

Montagem / Editing
Ana Godoy

Fotografia / Photography
Roman Kasseroller

Som / Sound
Santiago Fumagalli

Produção / Production
Agustina Costa Varsi, Diego Dubcovsky, Mateo Bendesky

Intérpretes / Cast
Tomás Wicz, Laila Maltz, Alejandro Russek

www.patraspanou.com

Beira mar

Quantas vezes o rumo natural das coisas não deixa tempo de sobra para refletir, descobrir, tomar decisões, eventualmente mudar?... Em *Los Miembros de La Familia*, segunda longa-metragem do realizador argentino Mateo Bendesky, o premir do botão de “pausa” acontece quando, chegados a uma pequena cidade costeira onde tinham uma casa que em tempos fora da família, dois irmãos dão por si ali retidos porque uma greve dos transportes os deixa sem forma de regressar a Buenos Aires. Foram ali a pedido da mãe, recentemente falecida, para cumprir um ritual de despedida. Parados, a meio de uma estação fria, com a praia quase vazia e nada senão tempo pela sua frente, Gilda e Lucas acabam por ter de confrontar não só o espaço da casa (que cedo entendemos não guardar memórias tranquilas), mas também o dos seus universos pessoais. Ela lança cartas para ler o futuro do irmão. Ele parece mais interessado em manter um plano de treinos físicos, escolhendo a praia para fazer jogging e encontrando ali Guido, que tem um site dedicado a conselhos de fitness e gosta de falar sobre teorias da conspiração sobre o mundo em que vivemos.

Mais do que a gradual aproximação entre os dois rapazes, *Los Miembros de La Familia* explora sobretudo o processo de redescoberta de dois irmãos cujas recentes etapas de crescimento haviam afastado. O universo das relações entre irmãos é, de resto, caro à obra de Mateo Bendesky, que o explorou nas suas curtas *El Ser Magnético* (2015) e *Nosotros Solos* (2017). Tal como os dois irmãos, também a pequena cidade costeira parece parada. O frio, o silêncio, definem um clima que acolhe uma narrativa que aquece devagar. Que discretamente abre frestas, tanto no mundo real como num universo de sonhos onde por vezes Lucas mergulha. A greve nunca mais termina... Mas a “pausa” acaba por não deixar o mundo dos dois irmãos do mesmo modo. N.G.

By the sea

How often does the natural turn of events deprive us of the time to reflect, discover, make decisions, eventually make a change?... In *Los Miembros de La Familia*, the second feature by Argentinian filmmaker Mateo Bendesky, the “pause” button is pressed when, upon arrival to a small coastal town where they once had a family house, two siblings find themselves stuck there due to a bus strike, not allowing them to go back home to Buenos Aires. Recently deceased, their mother asked them to go there in order to perform a farewell ritual. Paralyzed amid a cold season, a deserted beach and nothing but time in their hands, Gilda and Lucas end up having to confront not only the house (which we soon learn does not hold fond memories), but also their own personal worlds. She throws the cards to read her brother’s future. He seems keener on maintaining his gym practice. While jogging on the beach, he runs into Guido, who owns a fitness website and enjoys discussing conspiracy policies.

Further then the gradual proximity between the two boys, *Los Miembros de La Familia* goes on to explore the rediscovery process between siblings, whose paths had recently grown apart. The subject of sibling relations is not new to Mateo Bendesky’s work. It was previously explored in his short films *El Ser Magnético* (2015) and *Nosotros Solos* (2017). Just like brother and sister, the small town also seems to be in a halt. The cold breeze, the silence, help define an ambiance that embraces a narrative slowly becoming warmer; discreetly opening gaps, both in the real world and in the dreamworld into which Lucas often dives in. There is no end in sight for the strike... And this “pause” ended up shaking the siblings’ worlds. N.G.

2019
Los Miembros de la Familia
Longa-Metragem / Feature Film

2017
Nosotros Solos
Curta-Metragem / Short Film

2015
El Ser Magnético
Curta-Metragem / Short Film

2013
Acá Adentro
Longa-Metragem / Feature Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Mateo Bendesky (Buenos Aires, 1989) estudou Cinema na Universidad del Cine de Buenos Aires, onde atualmente é professor. As suas curtas-metragens foram exibidas em inúmeros festivais internacionais de cinema, tais como Cannes, Berlim, Toronto e Roterdão.

Mateo Bendesky (Buenos Aires, 1989) studied Filmmaking at the Universidad del Cine in Buenos Aires, where he is currently a teacher. His short films have been screened at numerous international film festivals, among them Cannes, Berlin, Toronto and Rotterdam.



Mateo Bendesky

Raia 4 Lane 4



© Tuane Eggers

30 COMPETIÇÃO OFICIAL

Amanda é uma atleta de natação de 12 anos. Calma e reservada, procura segurança no seu próprio universo: debaixo de água, onde os segredos não podem ser ouvidos. Longe do olhar dos pais, ela passa a maior parte do tempo na piscina a treinar e a procurar suceder naquilo que é talvez a única coisa que realmente ama. Priscila, a estrela da sua equipa, torna-se sua adversária - não só na piscina, mas na vida. Dá-se início a um subtil jogo de poder.

Amanda is a 12-year-old swimming athlete. Quiet and reserved, she finds safety in her own world: underneath the water, where secrets can't be heard. Without her parents' attention, she spends most of the time at the swimming pool, training and trying to succeed in maybe the only thing she truly loves. Priscila, the star of her team, becomes her opponent – not only in the pool, but in life. A subtle power game begins.

RAIA 4 LANE 4

Realização / Director
Emiliano Cunha

Brasil / Brazil, 2019, 95'

Ficção / Fiction

Cor / Colour

DCP

v. o. portuguesa, legendada em inglês
M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Emiliano Cunha

Montagem / Editing
Vicente Moreno

Fotografia / Photography
Edu Rabin

Som / Sound
Marcos Lopes, Tiago Bello

Produção / Production
Davi de Oliveira Pinheiro, Emiliano Cunha,
Pedro Guindani

Intérpretes / Cast
Bridia Moni, Kethelen Guadagnin, Cauã
Furtado, Fernanda Chicolet, Rafael Sieg, José
Henrique Ligabue

www.patraspanou.com

Azul plácido, enfim

“Ah, Amanda, ‘tá ficando mocinha... A gente tem que contar p’rá tua mãe.” É este o momento em que conhecemos a protagonista, na passagem dos 12 aos 13 anos; juventude silenciosa, disciplinada, estanque, interrompida por um primeiro sangramento.

Todo o aprumo da vida de Amanda começa agora a sofrer pequenos golpes. A sua presença esfíngica, o corpo andrógino esculpido pela água, o olhar opaco, denunciam uma estranha atenção. O corpo diz fêmea, mas Amanda desconfia. Se as mulheres são aliadas ou inimigas, não chega a entender. Em brevíssimos episódios, é a alienação dela que sobressai face à competição, à censura, à cobiça. Mas Amanda deseja, também. Presente. Vigia. Aceita a boca que beija a boca que ela quer beijar. E, metodicamente, volta à piscina para calar os seus sobressaltos.

Emiliano Cunha estreia-se em longa-metragem com um filme bem maturado. A economia e incisão dos diálogos, a direção de fotografia inspirada e o modo como deixa transparecer a espontaneidade do elenco juvenil são alguns dos maiores trunfos de *Raia 4*. Um voluptuoso estudo da violência púbere onde a água - libertação e clausura - é o signo intuitivo, universal. C.C.H.

Hush blue, at last

“Oh, Amanda, you’re turning into a little lady... We gotta tell your mother.” This is the moment we meet Amanda, as she’s just about to turn 13, her silent youth, disciplined and self-contained, interrupted by her very first bleeding.

All that’s neatly kept in her life will start to suffer minor blows. Her sphinx-like presence, her androgynous body chiselled by water, her opaque gaze all hint at a strange awareness. The body says female, but Amanda’s suspicious. And whether women are allies or enemies, she can’t quite tell. Her estrangement is noticeable in a series of brief occurrences involving competition, rebuke, envy. Amanda is also lustful. Insightful, surveillant. She takes from the mouth who kisses the mouth she’d like to kiss. And, with method, she returns to the pool to silence her turmoil.

This well-matured fiction is Emiliano Cunha’s debut in feature film. The short, incisive dialogue, the inspired cinematography and the way in which the spontaneity of the young cast comes through, those are indeed some of the high cards in *Raia 4*. A voluptuous study on pubertal violence where water - both liberation and cloister - is the intuitive, universal sign. C.C.H.

2019
Raia 4
Longa-Metragem / Feature Film

2018
Endotermia
Curta-Metragem / Short Film

2016
Sob Águas Claras e Inocentes
Curta-Metragem / Short Film

2013
Tomou Café e Esperou
Curta-Metragem / Short Film

2012
Lobos
Curta-Metragem / Short Film

2010
O Cão
Curta-Metragem / Short Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Emiliano Cunha (Porto Alegre, Brasil, 1982) tem um mestrado em Cinema. As suas curtas-metragens foram selecionadas para muitos festivais internacionais de cinema. *Raia 4* é a sua primeira longa-metragem.

Emiliano Cunha (Porto Alegre, Brazil, 1982) has a master's degree in Film. His shorts have been selected for many international film festivals. *Raia 4* is his feature debut.



Emiliano Cunha

Yours in Sisterhood



32 COMPETIÇÃO OFICIAL

O que pode nascer do projeto de convidar estranhos para recriar e reagir ao feminismo dos anos 1970 nos dias de hoje? Entre 2015 e 2017, centenas de estranhos em comunidades de todos os Estados Unidos foram convidados a ler em voz alta e responder às cartas dos anos setenta enviadas à editora da *Ms.*, a primeira revista feminista *mainstream* dos EUA. As conversas íntimas, provocadoras e às vezes comoventes que emergem dessas performances espontâneas, fazem-nos refletir criticamente sobre o passado, presente e futuro do feminismo.

What might be revealed in the process of inviting strangers to act out and respond to 1970s feminism today? Between 2015 and 2017, hundreds of strangers in communities all over the US were invited to read aloud and respond to letters from the 70s sent to the editor of *Ms.*, the first mainstream feminist magazine in the US. The intimate, provocative, and sometimes heart-breaking conversations that emerge from these spontaneous performances make us think critically about the past, present and future of feminism.

YOURS IN SISTERHOOD

Realização / **Director**

Irene Lusztig

EUA / USA, 2018, 102'

Documentário / **Documentary**

Cor / **Colour**

Digital

v.o. inglesa e língua gestual americana,
legendada em português e inglês

M/16 / Over 16yo

Guião / **Screenplay**

Irene Lusztig

Montagem / **Editing**

Irene Lusztig

Fotografia / **Photography**

Irene Lusztig

Som / **Sound**

Emily Chao, Francesca Enzler, Anisa
Hosseinneshad, Victoria Chan, Tate Nova,
Deborah Libby, Laura Conway, Anna Winter

Produção / **Production**

Irene Lusztig

www.yoursinsisterhood.net

Eu sou todas as mulheres

Irene Lusztig passou o verão de 2014 na Schlesinger Library, a biblioteca de Harvard especializada em História das Mulheres na América. Leu milhares de cartas que foram enviadas nos anos 70 à *Ms.*, revista dos EUA que se tornaria famosa em 1972 por publicar a lista de assinantes, entre elas Anais Nin e Susan Sontag, que admitiram ter abortado quando era ilegal no país. Daquelas leituras, invocações do “pessoal é político” da Segunda Vaga Feminista, chamou-lhe a atenção o pouco que se tinha avançado na igualdade de direitos sociais. Nasceu então a ideia para este documentário, onde Lusztig aprofunda um método já explorado em *Maternity Test* (2014), filme onde convidou mulheres a ler textos anónimos dos fóruns do site www.mothering.com. Lusztig não pretende explicar o que é o feminismo, mas gerar um espaço que convide o espectador a tirar as suas conclusões sobre o tema; pois, como ela diz, “falar e ouvir atentamente é a forma mais poderosa de construir mudanças reais”. 306 participantes foram convidadas a ler uma seleção dos textos, cuidadosamente emparelhadas com cada carta em função da sua procedência, idade ou profissão. O filme começa com simples leituras, mas vai ganhando profundidade quando as mulheres começam a opinar sobre as mesmas. A maior parte das leitoras identifica-se com o lido, mas também há espaço para críticas, sendo as entrevistas mais potentes as das quatro escritoras originais que releem as suas próprias cartas.

Com rigorosa atenção à diversidade de vozes, *Yours in Sisterhood* brilha como análise sobre as desigualdades em todos os âmbitos, tocando temas tão relevantes como as políticas do meio ambiente ou a brutalidade policial. A sua simplicidade amplifica o volume de umas vozes não ouvidas nos seus dias (só uma das cartas lidas foi publicada), e faz-nos questionar como o passar das décadas não corresponde à evolução de direitos; algo especialmente relevante em tempos de #MeToo, mas que, se não passarmos à ação, poderá piorar nos próximos 40 anos. C.R.

I'm every woman

Irene Lusztig spent the summer of 2014 at Schlesinger Library, the Harvard library specialized in History of Women in America. She read thousands of letters that were sent in the 1970s to *Ms.*, a magazine from the USA that would become famous in 1972 for publishing the list of subscribers, including Anais Nin and Susan Sontag, who admitted having aborted when it was illegal in the country. From those readings, invocations of the “personal is political” of Second-wave Feminism, it caught her attention how little progress had been made in social rights equality.

Then came the idea for this documentary, with which Lusztig delves into a method already explored in *Maternity Test* (2014), where she invited women to read anonymous texts from the forums of website www.mothering.com. Lusztig does not intend to explain what feminism is, but to generate a space that invites the viewer to draw his conclusions on the subject; for, as she says, “speaking up and listening carefully is the most powerful way to build real change”. 306 participants were invited to read a selection of texts, carefully paired with each letter according to their origin, age or profession. The movie starts with simple readings, but it gets deeper as women start to give their opinion. Most of the readers identify with what is read but there is also room for criticism, with the most powerful interviews being those of the four original writers who read their own letters.

With close attention to the diversity of voices, *Yours in Sisterhood* shines as an analysis of inequalities in all kinds of fields, touching on such relevant topics as environmental policy or police brutality. Its simplicity amplifies the volume of voices that went unheard back in the day (only one of the letters read was published), and makes us wonder how the passage of decades does not correspond to the evolution of rights; something especially hot in #MeToo times, but that could get worse over the next 40 years if we don't take action. C.R.

2018

Yours in Sisterhood
Documentário / Documentary

2014

Maternity Test
Documentário Curto / Short Documentary

2013

The Motherhood Archives
Documentário / Documentary

2005

The Samantha Smith Project
Documentário / Documentary

2001

Reconstruction
Documentário / Documentary

1997

For Beijing with Love and Squalor
Documentário / Documentary

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Nascida em Inglaterra, filha de pais romenos, Irene Lusztig cresceu em Boston e viveu em França, Itália, Roménia, China e Rússia. Grande parte do seu trabalho atual em cinema e vídeo foca no feminismo, na linguagem e na história das mulheres e dos seus corpos. É professora de Cinema na University of California.

Born in England to Romanian parents, Irene Lusztig grew up in Boston and has lived in France, Italy, Romania, China and Russia. Much of her current film and video work is centred on feminism, language, and histories of women and women's bodies. She teaches Filmmaking at University of California.



Irene Lusztig



Take
a walk
on the
wild side

Porto Gay  Circuit

The LGBTI guide of Oporto

www.portogaycircuit.com

Queer Lisboa 24 International Queer Film Festival 18-26.09.2020

Call for Entries Deadline: **29 May 2020**

Competição
In My Shorts
In My Shorts
Competition

Aurora



Aurora é uma jovem artista do norte de Portugal que cedo se apaixonou pela dança e pela moda. Hoje vive em Lisboa onde sonha vingar nas artes performativas. Entre ensaios e espetáculos, luta por mostrar o seu trabalho e quebrar preconceitos. Uma viagem pela sua arte e pela luta que é ser-se uma artista em transição. Flávio é o seu nome de batismo e Aurora o nome que escolheu para o renascimento.

Aurora is a young artist from the North of Portugal who early on fell in love with dance and fashion. Today she lives in Lisbon where she dreams of succeeding in the performing arts. Between rehearsals and shows, she struggles to show her work and break prejudices. A journey through her art and the struggle of being an artist in transition. Flávio is her baptismal name and Aurora the name she chose for the rebirth.

Realização / Director: Carlota Flor. Portugal, 2018, 12'. Documentário / **Documentary.** Cor / **Colour.** Digital. v.o. portuguesa, legendada em inglês. M/16 / **Over 16yo**

Montagem / Editing: Carlota Flor. **Fotografia / Photography:** Carlota Flor. **Som / Sound:** Carlota Flor, Nuno Pompeu, Inês Maia. **Produção / Production:** Carlota Flor. **Com / With:** Aurora Pinho

www.cargocollective.com/carlotafior
www.esad.ipleiria.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Carlota Flor (Arrifana, 1995) apaixonou-se pelas artes com a fotografia e a dança. Aos 15 anos muda-se para o Porto para estudar Comunicação Audiovisual na Escola Artística de Soares dos Reis. Após passar dois anos em Londres, volta a Portugal para estudar Som e Imagem na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

Carlota Flor (Arrifana, 1995) fell in love with the arts through photography and dance. At age 15, she moved to Porto to study Audiovisual Communication at Escola Artística de Soares dos Reis. After spending two years in London, he returned to Portugal to study Sound and Image at Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 15h00

Corpo Body



Uma mulher vive numa pequena aldeia rural, um lugar remoto onde o tempo parece não passar. Entre o luto e a solidão, deambula por espaços desabitados.

A woman lives in a small rural village, a remote place where time does not seem to pass. Between mourning and loneliness, she wanders through uninhabited spaces.

Realização / Director: Catarina Mendes. Portugal / Portugal, 2019, 13'. Ficção / **Fiction.** Cor / **Colour.** Digital. s/ diálogos. M/16 / **Over 16yo**

Guião / Screenplay: Catarina Mendes. **Montagem / Editing:** Ricardo Costa. **Fotografia / Photography:** Maria João Rodrigues. **Som / Sound:** Marina Patrício, João Araújo. **Produção / Production:** Rafaela Santos / Universidade da Beira Interior. **Intérpretes / Cast:** Débora Gonçalves, Francisca Valverde

www.ubi.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Catarina Mendes (Lisboa, 1997) estudou Cinema e Vídeo na Escola Secundária António Arroio. Mais tarde licenciou-se em Cinema na Universidade da Beira Interior, onde continua a fazer o Mestrado na mesma área.

Catarina Mendes (Lisbon, 1997) studied Film and Video at Escola Secundária António Arroio. She later graduated in Film at Universidade da Beira Interior, where she continues to pursue a Master's in the same field.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 15h00

Em Caso de Fogo In Case of Fire



Algures num verão do interior, Chico é assombrado por um crime de ódio cometido contra um rapaz que lhe era secretamente próximo. Durante as festas dos santos, ao sentir-se pressionado pelos seus amigos, Chico tenta corresponder aos seus padrões sociais, acabando por esconder os seus medos e desejos.

Somewhere in the summer, Chico is haunted by a hate crime committed against a young man who was secretly close to him. During the summer festivities, when feeling pressured by his friends, Chico tries to meet their social standards, eventually hiding his fears and desires.

Realização / Director: Tomás Paula Marques. Portugal / Portugal, 2019, 23'. Ficção / Fiction. Cor / Colour. Digital. v. o. portuguesa, legendada em inglês. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Felipe Fernandes, Francisco Sampaio, Tomás Paula Marques. Montagem / Editing: Mário Espada. Fotografia / Photography: Leonor Coelho. Som / Sound: Alexandre Franco, Diana Neto, Marcelo Tavares. Produção / Production: Milene Coroado. Intérpretes / Cast: Hugo Leitão, Duarte Lopes, Hugo Carvalho, Constança Rosa, Pedro Baptista, Carolina Ferreira

www.portugalfilm.org
www.estc.ipl.pt

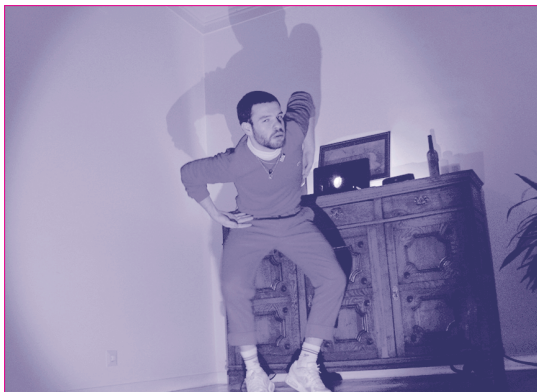
BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Tomás Paula Marques (Porto, 1994) estudou Artes e Indústrias Gráficas. Em 2013, matriculou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde estudou Realização. Trabalha como montador para cineastas como João Pedro Rodrigues, e atualmente cursa o Mestrado em Sociologia com foco em Estudos de Género.

Tomás Paula Marques (Porto, 1994) studied Arts and Graphic Industries. In 2013, he enrolled in Escola Superior de Teatro e Cinema where he studied Filmmaking. He has worked in editing with filmmakers such as João Pedro Rodrigues, and is currently a master's student in Sociology, focused on Gender Studies.

Quinta-feira Thursday 17 • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 15h00

Jantar Dinner



Eloísa convida o seu grupo de amigos para jantar e passar a noite em sua casa, com o objetivo de lhes apresentar Alexandre. A chegada e a permanência deste elemento estranho, ameaça a suposta união entre eles.

Eloísa invites her group of friends to dinner and to spend the night at her house. She wants to introduce them to Alexandre. The arrival and presence of this strange element threatens the supposed union between them.

Realização / Director: Tatiana Ramos. Portugal / Portugal, 2018, 19'. Ficção / Fiction. Cor / Colour. Digital. v.o. portuguesa, legendada em inglês. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Maria Vieira. Montagem / Editing: Duarte Nery. Fotografia / Photography: Leonor Pereira. Som / Sound: Helena Nunes. Produção / Production: Benedita Matalonga. Intérpretes / Cast: Eloísa Silva, Miguel Nunes, João Reis Moreira, Rita Reis Moreira, João Ramos, Joana Tejo

www.estc.ipl.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Tatiana Ramos (Évora, 1995) estudou durante dois anos no Ar.Co - Centro de Arte e Comunicação Visual e atualmente encontra-se a finalizar os seus estudos de Realização na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa.

Tatiana Ramos (Évora, 1995) studied for two years at Ar.Co - Centro de Arte e Comunicação Visual and she is currently completing her filmmaking studies at Escola Superior de Teatro e Cinema, in Lisbon.

Quinta-feira Thursday 17 • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 15h00

Pestanas Postizas False Eyelashes



Em *Pestanas Postizas* acompanhamos durante uma noite de festa um grupo de amigos, que vive no sentimento contínuo da alegria e da desesperança que caracteriza a sua geração.

In *Pestanas Postizas*, during a party, we follow a group of friends, who live in the continuous feeling of joy and hopelessness that characterizes their generation.

Realização / Director: Antía Carreira, Inma Veiga. **Portugal, Espanha / Portugal, Spain, 2018, 3'. Ficção / Fiction. Cor / Colour.** Digital. v.o. galega, legendada em inglês e português. **M/16 / Over 16yo**

Guião / Screenplay: Antía Carreira. **Montagem / Editing:** Antía Carreira, Inma Veiga. **Fotografia / Photography:** Antía Carreira, Inma Veiga. **Som / Sound:** Alfonso Rey, Antía Carreira. **Produção / Production:** Carme Carreira, Inma Veiga. **Intérpretes / Cast:** Carmen Montero, Cristian Fernández, Kalki Habesha, Fernando Leyra

www.esad.ipleiria.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Antía Carreira (Lugo, 1995) é formada em Som e Imagem na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. A sua criação artística estuda as possibilidades expressivas da mistura de diferentes artes visuais e baseia-se na complexidade das relações estabelecidas pelas pessoas com o seu meio e consigo mesmas.

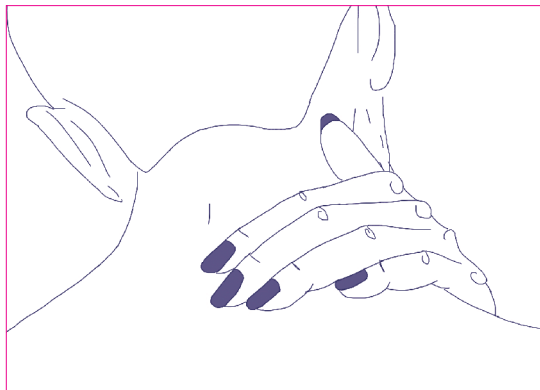
Antía Carreira (Lugo, 1995) holds a degree in Sound and Image from the Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Her work studies the expressive possibilities of mixing different visual arts and is based on the complexity of the relationships between people and their environment and with themselves.

Inma Veiga (Lugo, 1995) concluiu a Licenciatura de Som e Imagem na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, e ingressou no Mestrado em Fotografia e Cinema Documental da Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto. O seu processo criativo é muito intuitivo e baseia-se, em grande parte, na experimentação.

Inma Veiga (Lugo, 1995) graduated in Sound and Image at the Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, and joined the Master's in Photography and Documentary Cinema at the Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto. Her creative process is very intuitive and is based, largely, on experimentation.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 15h00

Sentir-me Feeling Myself



Numa varanda, um homem fuma inquieto. Quando volta para o interior, uma mulher desconhecida provoca-o, levando-o a partir para uma viagem introspetiva. Apesar da insegurança, o homem deixa-se levar por esta mulher de encontro ao seu verdadeiro eu.

On a balcony, a man smokes nervously. When he comes back inside, an unknown woman provokes him, leading him on an introspective journey. Despite his insecurity, the man lets himself be carried by this woman and be brought to his true self.

Realização / Director: Débora Rodrigues, Joana Flauzino, Vanessa Santos. **Portugal / Portugal, 2018, 6'. Animação / Animation. Cor / Colour.** Digital. s/ diálogos. **M/16 / Over 16yo**

Guião / Screenplay: Débora Rodrigues, Joana Flauzino, Vanessa Santos. **Animação / Animation:** Débora Rodrigues, Joana Flauzino, Vanessa Santos. **Música / Music:** Tomás Almeida

www.estgp.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Débora Rodrigues (Caldas da Rainha, 1997), Joana Flauzino (Fazendas de Almeirim, 1997) e Vanessa Santos (Abrantes, 1997) estudaram na Licenciatura de Design e Animação Multimédia na mesma turma, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão, em Portalegre.

Débora Rodrigues (Caldas da Rainha, 1997), Joana Flauzino (Fazendas de Almeirim, 1997) and Vanessa Santos (Abrantes, 1997) studied Multimedia Animation and Design in the same class, at Escola Superior de Tecnologia e Gestão, in Portalegre.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 15h00

Sessão Especial

Special Screening

Sessão Especial / Special Screening: O Beijo no Asfalto

João Ferreira

* Diretor Artístico

* Artistic Director

140 Sessão Especial

O Beijo no Asfalto não pode, de maneira alguma, ser lida como uma peça gay ou queer. O seu autor, Nelson Rodrigues, foi, aliás, em muitas dimensões da sua vida pessoal e profissional, o paradigma de uma heteronormatividade privilegiada e teve mesmo uma relação por vezes dúbia com a Ditadura Militar brasileira. Curioso foi que a sua voz construiu, de dentro desse paradigma, uma das obras mais subversivas da literatura e do teatro brasileiros, sem medo das suas consequências, e com uma atenção e carinho fora do vulgar por aquelas personagens mais marginalizadas da sociedade. Não é em vão que Rodrigues é considerado o pai do moderno teatro brasileiro, inaugurado com a sua peça *Vestido de Noiva* (1943) – e a cuja obra não foram alheios os dramaturgos ou companhias de teatro assumidamente de esquerda, revelados sobretudo por alturas do Golpe Militar de 1964, e que têm como expoentes máximos autores como Plínio Marcos, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Viana Filho, ou grupos como o Teatro de Arena de São Paulo, que no início dos anos 1960 passa a ser dirigido por Augusto Boal.

Classificado como parte das “Tragédias Cariocas” de Rodrigues, *O Beijo no Asfalto* estreia-se no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro a 7 de julho de 1961, com Fernanda Montenegro no papel da Selminha, numa produção da companhia Teatro dos Sete, na altura dirigida pela própria Montenegro, ao lado de Fernando Torres e Sérgio Britto. Com o drama centrado numa família da classe média carioca, a peça gravita à volta do jovem casal Selminha e Arandir, cujo núcleo familiar se estende à irmã mais nova e pai de Selminha, Dália e Aprígio. Antagonistas do casal, o outro núcleo da peça é o poder policial e dos media sensacionalistas. A tragédia divide-se em três atos. No primeiro, somos apresentados ao episódio que vai despoletar o drama: Arandir assiste a um acidente na Praça da Bandeira, onde um homem é atropelado por um elétrico. Esse homem pede um último desejo, o de ser beijado nos lábios, ao qual Arandir acede. A intriga é estabelecida quando um repórter (Amado) – por ligações corruptas com um delegado da polícia (Cunha) a quem deve favores –, decide dar cobertura mediática ao caso, acusando Arandir de homossexualidade. O segundo ato relata as artimanhas para a disseminação dessa *fake news* e de como a mentira desmonta, uma a uma, cada personagem, desvelando as suas forças (Arandir) e fraquezas (Selminha). O

O Beijo no Asfalto cannot, in any way, be read as a gay or queer play. Its author, Nelson Rodrigues, was, in multiple dimensions of his personal and professional life, a paradigm of privileged heteronormativity and even had a sometimes-dubious relationship with the Brazilian Military Dictatorship. It is then curious that his voice originated, from inside that paradigm, one of the most subversive bodies of work in Brazilian literature and theatre, fearless of its consequences, and with a care and tenderness towards the most marginalized characters in society. It is not by chance that Rodrigues is considered the father of modern Brazilian drama, which he originated with his play *Vestido de Noiva* (1943) – and whose body of work the openly leftwing playwrights and theatre companies, mostly discovered in the period of the Military Coup of 1964, were not indifferent to. Of these, authors as Plínio Marcos, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Viana Filho, and companies like Teatro de Arena in São Paulo, of which Augusto Boal was the director since the beginning of the 1960's, were the most prominent. Labelled as part of Rodrigues' “Carioca Tragedies”, *O Beijo no Asfalto* premieres at Teatro Ginástico in Rio de Janeiro, on the 7th of July 1961, with Fernanda Montenegro in the part of Selminha, in a production of Teatro dos Sete, which at the time was directed by Montenegro herself, alongside Fernando Torres and Sérgio Britto. With a story focused on a middle-class family from Rio de Janeiro, the play gravitates around the young couple Selminha and Arandir, with the core of their family extended also to Selminha's father and younger sister, Aprígio and Dália. The tragedy is divided in three acts. In the first part we witness the event that triggers the chain of events: Arandir witnesses an accident at Praça da Bandeira, where a man is run over by a tram. This man has a dying wish, to be kissed on the lips, which Arandir grants him. The plot is established when a reporter (Amado) – due to a corrupt liaison with a police officer (Cunha) to whom he owes some favours – decides to give media coverage to the case, accusing Arandir of being homosexual. The second act tells of the scheming towards the dissemination of this *fake news*, and how the lie dismantles, one by one, each character, revealing their strengths (Arandir) and their weaknesses (Selminha). The last act uncovers the individual truth of each character, unveiling hypocrisies, and culminating in tragic ending full of twists and turns.

último ato revela-nos a verdade individual de cada personagem, desmontando hipocrisias, culminado num final trágico de reviravolta novelesca.

O Beijo no Asfalto trata da corrupção disseminada nos vários setores da sociedade e da vulnerabilidade do indivíduo perante a máquina do poder. Arandir é o herói individual, caminhante solitário desta saga, que procura lutar contra essa máquina opressora sem rosto, apenas com alguns inocuos mandantes, que nada mais são que peões ao serviço de um projeto político e social maior. Arandir é o herói (trágico) pois, em última instância, foi um gesto de afirmação da sua liberdade que o impulsionou a dar um beijo nos lábios desse homem à beira da morte. A dado momento, ele afirma mesmo que esta foi a única coisa verdadeiramente bela que fez na vida. Arandir tem a liberdade de uma vontade própria, ao contrário dos seus carrascos. Ele defende o seu direito a viver segundo as suas vontades e ética moral. A personagem, apesar de acometida de dúvidas momentâneas sobre si mesma – até sobre a sua sexualidade –, mantém integral a sua inocência, ao passo em que Selminha se deixa, aos poucos, corromper pela mentira. Se Arandir não é uma personagem queer, ele é colocado simbolicamente na posição de indivíduo queer, sofrendo todas as opressões e preconceitos, por parte da sociedade e da própria família. Essa é uma denúncia claramente presente no texto de Rodrigues, assim como aquelas de uma homofobia internalizada que oculta o desejo homossexual dentro do próprio sujeito, e que em *O Beijo no Asfalto*, tem uma final consequência trágica. Aquando da sua estreia em 1961 – e segundo relata Ruy Castro na sua magnífica biografia de Nelson Rodrigues, *O Anjo Pornográfico* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992) –, o escândalo e problemas levantados pelo espetáculo não estavam tanto relacionados com a representação da homossexualidade, mas sim pelo retrato que Rodrigues faz dos media, utilizando mesmo referências verdadeiras a pessoas e jornais da época.

Prova do impacto da peça na altura, foi uma primeira adaptação ao cinema, logo em 1964, realizada por Flávio Tambellini, com o título *O Beijo*. Inúmeras vezes levada à cena desde então, a peça conheceu segunda adaptação ao cinema, preservando o título original, em 1981, pela mão do realizador Bruno Barreto, com Christiane Torloni (Selminha), Ney Latorraca (Arandir), Tarcísio Meira (Aprígio) e uma muito jovem Lídia Brondi (Dália). Respeitando o texto e o espírito da peça de Rodrigues na sua integridade, esta adaptação, não tendo nenhum especial rasgo cinematográfico, também não apresenta uma nova leitura do texto – salientaria talvez uma atenção maior dada à personagem de Dália, que mais do que na peça, parece querer apontar no filme para uma nova forma de ver o mundo de uma nova geração. Opção a que não terá sido alheio o casting de Lídia Brondi para o papel. Afinal, estamos em 1981, e um “novo” Brasil está prestes a nascer.

Em 2018, a peça conhece nova adaptação ao cinema, desta feita pela mão do ator Murilo Benício. Mas, ao contrário das adaptações anteriores que seguem a narrativa de Rodrigues, mergulhando o espectador na ficção, na sua estreia como realizador, Benício propõe antes um exercício meta-cinematográfico. À volta de uma mesa - e sob o olhar atento e

O Beijo no Asfalto deals with the corruption disseminated throughout the various sectors in society and the vulnerability to which an individual is subject when facing the machine of power. Arandir is an individual hero, the lone traveler of this saga, fighting an oppressive and faceless machine, of which we only get to know a few innocuous “shot-callers”, themselves just pawns at the service of a bigger social and political project. Arandir is the (tragic) hero because, in last instance, it was the desire of affirmation of his own freedom that motivated him to kiss that dying man in the lips. At a certain point he even says that this was the only truly beautiful thing he has done in his life. Arandir has the freedom of free will, unlike his executioners. He defends his own right to live according to his own will and moral ethics. The character, despite some momentary doubts about himself – including his sexuality – maintains his innocence unscathed, whereas Selminha slowly lets herself be corrupted by the lies.

Even if Arandir is not a queer character, he is symbolically put in the position of a queer person, suffering oppression and prejudice by society and by his family. This is a denouncement clearly present in Rodrigues' text, as well as the denouncement of an internalised homophobia, which veils the homosexual desire within oneself, and which, in *O Beijo no Asfalto*, has a tragic outcome. At the time of its premiere in 1961 – and according to Ruy Castro's extraordinary biography of Rodrigues, *O Anjo Pornográfico* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992) – the scandal and the problems caused by the show were not as much due to the theme of homosexuality, but more to the way the media are portrayed by Rodrigues, even using real life references to people and newspapers of the time.

That the first film adaptation, by Flávio Tambellini and titled *O Beijo*, happens in 1964, is a testament of the impact of the show at the time. From then on, the play was brought to stage countless times, and was adapted to film for the second time in 1981, by Bruno Barreto, with Christiane Torloni (Selminha), Ney Latorraca (Arandir) Tarcísio Meira (Aprígio) and a very young Lídia Brondi (Dália). Respecting Rodrigues' original text in its integrity, and the spirit of the play, this adaptation, albeit not cinematically ground-breaking, also does not bring a new interpretation of the text – it is, maybe, only worth noting a bigger attention given to the character of Dália who, in the film more than in the play, seems to signify a new way of perceiving the world by a new generation. A choice to which the casting of Lídia Brondi is strongly connected. After all, it is 1981 and a “new” Brazil is in the brink of rising.

In 2018, the play gets a new film adaptation, this time by the hand of actor Murilo Benício. But, unlike previous film versions which follow Rodrigues' plot, immersing the audience in the fictional story, in his debut as a director, Benício proposes a meta-cinema exercise. As a group – and under the director's vigilant and present eye – the actors perform a table reading. The reading is then cut by the play's narrative, where we watch a selection of scenes from the play, of what will become the film. Besides bringing the audience to the universe of Rodrigues' text, the film shows us what *O Beijo no Asfalto* was then and what it is now. For this journey to the past, Benício brought in Fernanda Montenegro – Selminha in the first stage production

em cena do realizador -, os atores fazem a leitura do texto. As leituras são depois entrecortadas pela ficção, onde assistimos a um conjunto de cenas selecionadas da peça, do que virá a ser esse filme em construção. Além de nos transportar para o universo do texto de Rodrigues, o filme fala sobre o que foi então e o que é hoje, *O Beijo no Asfalto*. E para essa viagem ao passado, Benício foi buscar Fernanda Montenegro – a Selminha da primeira produção de palco -, agora no papel da mais velha D. Matilde (a vizinha) e é grandemente à volta de Montenegro e das suas histórias que o filme tem a sua sustentação narrativa. A jovem Débora Falabella é agora a Selminha, numa às vezes emocionante passagem de “testemunho” entre atrizes. Outra opção a salientar é aquela da escolha de um ator negro e ativista, Lázaro Ramos, para o papel de Arandir, o que apenas vem realçar o valor simbólico e político dessa personagem. Pela sua proposta dramatúrgica e dispositivo cénico, e pela escolha do seu elenco, este *O Beijo no Asfalto*, de Murilo Benício, mais do que uma releitura crítica da peça de Nelson Rodrigues, é uma homenagem ao seu papel central na história do teatro brasileiro.

of the play - now in the part of the older Dona Matilde (the neighbour) and it is, in great part, around Montenegro and her stories, that the film finds its narrative ground. Selminha is now the young Débora Falabella, in a moving handover of the character between the two actors. Another option that should be highlighted is that of choosing a black activist actor, Lázaro Ramos, to play Arandir, which only accentuates the symbolic and political value of this character. For its narrative structure and its mise-en-scène, and also due to its casting choices, this version of *O Beijo no Asfalto*, by Murilo Benício, is, more than a critical reinterpretation of Rodrigues' play, an homage to his central role in the history of Brazilian theatre.

O Beijo no Asfalto

The Kiss



Arandir atende ao pedido de um beijo na boca feito por outro homem prestes a morrer após ser atropelado por um elétrico. Esse gesto banal torna-se matéria sensacionalista para Amado, um repórter que passa a explorar o beijo entre os dois homens para vender mais jornais. A versão criada pelo jornalista incita a polícia a investigar uma suposta ligação entre Arandir e o morto.

Arandir answers to the request of a kiss on the lips made by another man who is about to die after being run over by a streetcar. Such a mundane gesture turns into a scandal thanks to Amado, a reporter who explores the kiss between the two men in order to sell more newspapers. The version created by the journalist incites the police to investigate a supposed connection between Arandir and the deceased.

O BEIJO NO ASFALTO THE KISS

Realização / Director
Murilo Benício

Brasil / Brazil, 2018, 101'

Ficção / Fiction

Preto e Branco / Black & White

Digital

v. o. portuguesa, legendada em inglês

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay

Murilo Benício (a partir da peça homônima de / based on the homonymous play by Nelson Rodrigues)

Montagem / Editing

Pablo Ribeiro

Fotografia / Photography

Walter Carvalho

Som / Sound

Marcel Costa

Produção / Production

Marcelo Ludwig Maia, Murilo Benício

Intérpretes / Cast

Fernanda Montenegro, Lázaro Ramos, Débora Falabella, Augusto Madeira, Otávio Müller, Stênio Garcia

www.republicapurezaafilmes.com.br

2018

O Beijo no Asfalto

Longa-Metragem / Feature Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Murilo Benício (Niterói, Brasil, 1972) é ator e realizador. Tem trabalhado em cinema, teatro e televisão.

Murilo Benício (Niterói, Brazil, 1972) is an actor and filmmaker. He has worked in cinema, theatre and television.

Esta sessão é seguida de uma conversa com o performer Tales Frey.
This screening is followed by a talk with performer Tales Frey.

Sábado Saturday 19 • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 19h00



Murilo Benício

BOHEMIAN RHAPSODY

TUC1

© 2018 TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, MONARCHY ENTERPRISES S.A.R.L. AND TSG ENTERTAINMENT FINANCE LLC. ALL RIGHTS RESERVED.



©2018 VOX LUX FILM HOLDINGS, LLC. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

TUC1 VOX LUX



©2018 UNIVERSAL STUDIOS AND STEINBELLE PRODUCTIONS, LLC. ALL RIGHTS RESERVED.

TUC1 GREEN BOOK - UM GUIA PARA A VIDA



© 2018 WARNER BROS. ENTERTAINMENT, INC. AND METRO-GOLDWYN-MAYER PICTURES INC. ALL RIGHTS RESERVED.

TUC1 ASSIM NASCE UMA ESTRELA



© 2017 COLLETTE FILM HOLDINGS LTD / THE BRITISH FILM INSTITUTE. ALL RIGHTS RESERVED.

TUC1 COLETTE

TUCine & SERIES

TUDO ESTREIA AQUI

Vídeo-Ensaaios

Video Essays

Vídeo-Ensaio

Video Essays

Daniel Pinheiro

* Programador do Queer Porto

* Queer Porto Programmer

146 VÍDEO-ENSAIOS

Como um género em si mesmo, o vídeo-ensaio combina diferentes técnicas e, como tal, torna-se difícil categorizá-lo nos formatos mais comuns de produção cinematográfica. Desde a crítica política, até ao apenas dar uma perspetiva pessoal sobre a banalidade da vida, os vídeo-ensaios são também uma forma já estabelecida no contexto académico e de abordagem artística onde, através da montagem, os autores encontram uma maneira de colocar na imagem em movimento os seus pensamentos e experimentar significado. Eles exploram a dinâmica da cinematografia sem a especificidade de contar uma história ou realidade em particular e, seguindo as palavras do ensaísta literário Aldous Huxley, eles são um “dispositivo para dizer quase tudo sobre quase nada”, caindo em categorias específicas que podem ser vistas neste programa. Trabalhos de curta duração que se referem aos assuntos mais pessoais (às vezes autobiográficos) como um meio para exprimir algo que de outra forma seria impossível de ser articulado, outros que são mais analíticos e que podem de alguma forma fornecer uma afirmação ou posição sobre algo; e abstracionistas onde a experimentação assume a liderança e pode tornar-se uma manipulação visual do próprio meio.

Como meio para discutir política e fornecer ao espectador uma perspetiva detalhada sobre o que está sendo tratado, chegamos do Canadá (*She Said that* (2019), de Mike Hoolboom, onde se joga e remistura imagens acompanhadas de uma narração fictícia de Paul B. Preciado falando sobre a problemática da biopolítica e o seu impacto na construção do conceito de género nos corpos e papéis; ainda na mesma esfera, desde os Estados Unidos, *575 Castro St* (2009), de Jenni Olson, convida-nos a ouvir a gravação em fita de Harvey Milk para ser tocada apenas no caso da sua morte por assassinato, no local onde decorreram as filmagens de *Milk*, de Gus Van Sant - uma restauração exata da Castro Camera Store onde nasceu o Festival de Cinema Gay e Lésbico de São Francisco -, um exercício sobre a memória e ensaiar um espaço para reflexão.

De forma mais expositiva e recorrendo a imagens de arquivo, também dos Estados Unidos, os artistas Finn Grey Paul e Talena Sanders fabricam documentos visuais nos seus filmes *beside the water, 1999-2004* (2018) e *Between My Flesh and the World's*

As a genre, video essay blends together different techniques and, as such, it's difficult to categorize it in the most common formats of filmmaking. From political criticism to offering a personal perspective on the banality of life, video essays are an already established form of academic and artistic approach where, through editing, the authors find a way to put into moving image their thoughts and experiment with meaning. They explore the dynamics of film without the specificity of telling a particular story or reality and, following the words of literary essayist Aldous Huxley, they are a “device for saying almost everything about almost anything”, falling into particular categories that can be seen in this program. Short pieces that refer to the most personal (sometimes autobiographical) matters as a means to speak about something that otherwise would be impossible to articulate; others that are more analytic of data and that can somehow provide a statement on something; and “abstractionists” where experimentation takes the lead and can become a visual manipulation of the medium itself.

As a means to discuss politics and providing the spectator with a detailed perspective on what's being addressed, from Canada, Mike Hoolboom, in *(S)he Said that* (2019), plays and remixes imagery with a fictional narration by Paul B. Preciado talking about the problematics of biopolitics and its impact on the construction of gendered bodies and roles; still on the same sphere, from the United States, Jenni Olson's *575 Castro St* (2009) invites us to listen to Harvey Milk's tape recording to be played only in the event of his death by assassination, on the set location for Gus Van Sant's film *Milk* - an exact restoration of the Castro Camera Store where the San Francisco Gay and Lesbian Film Festival was born -, an exercise of remembrance and rehearsing a space for reflection.

More expository and resorting to archival footage, also from the United States, artists Finn Grey Paul and Talena Sanders fabricate visual documents on their films *beside the water, 1999-2004* (2018) and *Between My Flesh and the World's Fingers* (2018), respectively. Both as a form of re-constructing the past and through their perspective articulating insight for the subjects of transmasculine experience and feminism.

To further explore into the fabric that constitutes video essay as

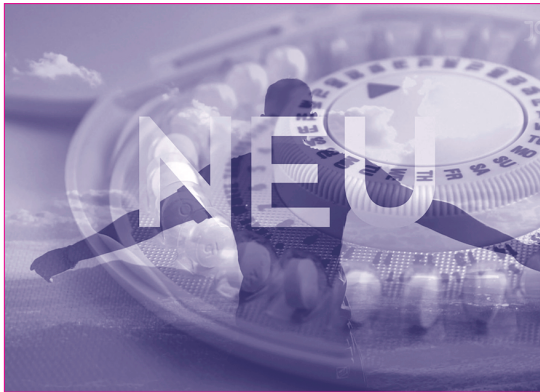
Fingers (2018), respetivamente. Ambos como uma forma de reconstruir o passado e através das suas perspetivas articulando pensamento sobre sujeitos da experiência transmasculina e feminista.

Para explorar ainda mais o tecido que constitui os vídeo-ensaios como uma forma em si mesma, não podemos esquecer aqueles que se baseiam na classificação e categorização, um método de dissecação para articular um ponto de vista sobre alguém ou algo, como é o caso do académico britânico Darren Elliott-Smith, com *Flow/Job* (2018), um ensaio *peer-reviewed* que analisa os trabalhos da estrela icónica do porno Joey Stefano num exercício completo de desconstrução e desafio das noções dos papéis sexuais dentro da comunidade gay.

Ainda no campo da análise de dados, mas de uma maneira mais poética e metafórica, Natalie Tsui apresenta, dos Estados Unidos, *International Face* (2019) onde, através de bancos de imagens, a autora cria um retrato experimental de uma sociedade capitalista.

a form in itself, we cannot forget those that rely on classification and categorization, a dissection method to articulate a point of view on someone or something, as is the case of British academic Darren Elliott-Smith's *Flow/Job* (2018) a peer-reviewed video essay which analyses the works of gay iconic porn star Joey Stefano in a thorough exercise of deconstructing and challenging the notions of sexual roles within the gay community. Still on the realm of analysing data, but in a more poetic and metaphorical way, Natalie Tsui delivers from the United States *International Face* (2019) where, through stock imagery, the author creates an experimental portrait of a capitalist society.

(S)he Said that



Baseado numa palestra de Paul B. Preciado no The Tanks da Tate Modern de Londres, em 2013, intitulada “Pharmacopornographic counter fictions”. Uma palestra ilustrada, com sobreposições digressivas. Onde a remixologia se cruza com o bio-poder.

Based on a talk by Paul B. Preciado entitled “Pharmacopornographic counter fictions” at Tate Modern’s The Tanks in London, 2013. An illustrated lecture, with digressive overlays. Remixology meets biopower.

18 VIDEO-ENSAIOS

Realização / Director: Mike Hoolboom. Canadá / Canada, 2019, 13'. Experimental / Experimental. Cor, Preto e Branco / Colour, Black & White. Digital. v. o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Montagem / Editing: Mike Hoolboom. Com / With: Paul B. Preciado

www.mikehoolboom.com

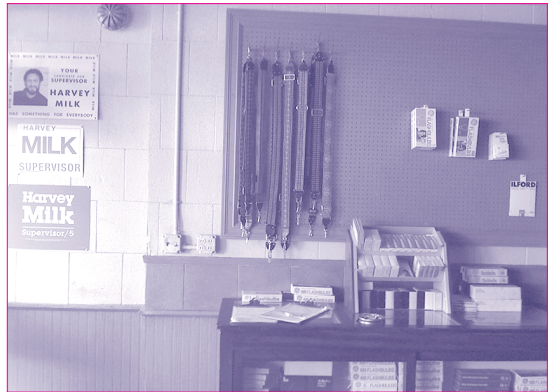
BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Mike Hoolboom é um artista canadiano que trabalha em cinema e vídeo. As suas obras já arrecadaram mais de 30 prémios internacionais, dois prémios pelo conjunto da sua obra e já teve 12 retrospectivas internacionais do seu trabalho.

Mike Hoolboom is a Canadian artist working in film and video. His work has won more than 30 international prizes, two lifetime achievement awards and he has enjoyed 12 international retrospectives of his work.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 19h00

575 Castro St.



575 Castro St. revela o jogo de luzes e sombras sobre as paredes do cenário da Castro Camera Store, criado para o filme de Gus Van Sant, *Milk*. Estas cenas mundanas são quase desprovidas de movimento e som. Tudo para melhor mostrar a gama de emoções evocadas pelas palavras de Harvey Milk na trilha sonora. A faixa de áudio é uma versão editada da fita de 13 minutos que ele gravou na loja a 18 de novembro de 1977. Rotulada simplesmente “In-Case”, a fita deveria ser reproduzida “no caso da minha morte por assassinato”.

575 Castro St. reveals the play of light and shadow upon the walls of the Castro Camera Store set for the Gus Van Sant film *Milk*. These mundane shots are almost bereft of movement and sound. All the better to showcase the range of emotions evoked by Harvey Milk’s words on the soundtrack. The audio track is an edited version of the 13-minute cassette he recorded in the store on November 18, 1977. Labeled simply “In-Case”, the tape was to be played “in the event of my death by assassination”.

Realização / Director: Jenni Olson. EUA / USA, 2009, 7'. Experimental / Experimental. Cor / Colour. Digital. v.o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Jenni Olson. Com / With: Harvey Milk (voz off / voice over)

www.frameline.org
www.mybutch.blogspot.com

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Jenni Olson é uma das maiores especialistas do mundo em cinema LGBT. Co-fundou o PlanetOut.com, o PopcornQ e a PlanetOut Online Cinema, primeira mostra online de curtas LGBT. Faz parte de vários conselhos consultivos, incluindo o Outfest/ UCLA Legacy Project for LGBT Film Preservation. Para além da sua vasta experiência em curadoria, Olson tem escrito extensivamente sobre cinema LGBT para várias publicações desde 1985.

Jenni Olson is one of the world’s leading experts on LGBT cinema. Co-founded PlanetOut.com, PopcornQ and PlanetOut Online Cinema, the first online showcase for LGBT short films. She is on many advisory boards including the Outfest/ UCLA Legacy Project for LGBT Film Preservation. In addition to her vast curatorial experience, Olson has written extensively about LGBT film since 1985 for numerous publications.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 19h00

beside the water, 1999-2004



beside the water, 1999-2004 aborda o apagamento dos ricos legados do ativismo e da arte trans e queer ao revisitar e re-imaginar essas histórias a partir da experiência vivida dos indivíduos. Fazendo uso de cartas de amor e fotos de amigos e amantes, trata-se de um vídeo-ensaio de descoberta sexual transmasculina e de formação de comunidade no início dos anos 2000.

beside the water, 1999-2004 addresses the erasure of rich legacies of trans and queer activism and art by revisiting and re-imagining these stories from an individuals' lived experience. Using love letters and photos of friends and lovers, it is a video essay of transmasculine sexual discovery and community formation in the early 2000's.

Realização / Director: Finn Grey Paul. **EUA / USA, 2018, 12'.** Documentário / **Documentary.** **Cor / Colour:** Digital. v.o. inglesa, s/ legendas. **M/16 / Over 16yo**

Guião / Screenplay: Finn Grey Paul. **Montagem / Editing:** Finn Grey Paul. **Som / Sound:** Aidan Reynolds

www.vtape.org
www.finngreypaul.com

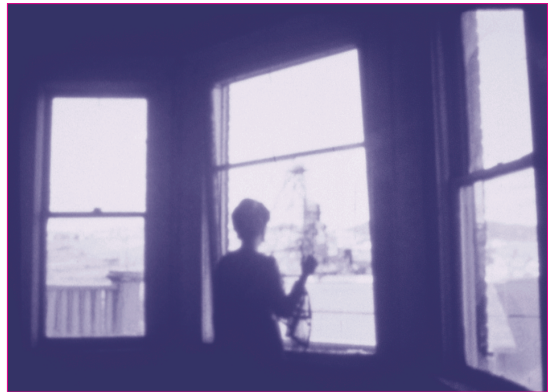
BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Finn Grey Paul (Bellflower, Califórnia, 1981) é um artista cuja obra aborda temas de historiografia, de individualidade e das comunidades queer e trans. Trabalhando com vídeo, fotografia, performance e textos, o seu trabalho foi exibido em vários festivais internacionais de cinema.

Finn Grey Paul (Bellflower, California, 1981) is an artist whose work addresses themes of historiography, selfhood and queer and trans communities. Working with video, photography, performance and writing, his work has screened at several international film festivals.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 19h00

Between my Flesh and the World's Fingers



Mary MacLane, a "Wild Woman of Butte", no Montana, publicou os seus diários em 1902 e 1917. Uma assumida queer e proto-feminista na viragem do século, MacLane tornou-se conhecida pela publicação do seu diário de 1902, *I Await the Devil's Coming*. Ela foi catapultada do infernal cenário industrial da sua cidade natal no Montana, para uma vida pública como autora, jornalista, realizadora pioneira e sempre provocadora - subvertendo normas sociais ao longo da sua carreira, com um foco especial na gravidade de certas noções sobre mulheres e sexualidade.

Mary MacLane, the Wild Woman of Butte, Montana, published her diaries in 1902 and 1917. As an out queer and proto-feminist at the turn of the century, MacLane became notorious upon the publication of her 1902 diary, *I Await the Devil's Coming*. She was whisked away from the industrial hellscape of her copper mining Montana hometown to a life in the public eye as an author, journalist, female film pioneer and always a provocateur - sending up social norms throughout her career, with a special focus on staid notions about women and sexuality.

Realização / Director: Talena Sanders. **EUA / USA, 2018, 31'.** Experimental / **Experimental.** **Cor, Preto e Branco / Colour, Black & White.** Digital. v.o. inglesa, s/ legendas. **M/16 / Over 16yo**

Guião / Screenplay: Talena Sanders. **Montagem / Editing:** Talena Sanders. **Fotografia / Photography:** Talena Sanders. **Som / Sound:** Talena Sanders

www.talenasanders.work

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Talena Sanders é professora e realizadora, especializada em cinema documental e experimental. Os seus filmes e vídeos questionam as construções de poder e privilégio nos arquivos históricos, e em como estes podem moldar as nossas identidades.

Talena Sanders is a professor and filmmaker focused on documentary and experimental cinema. Her movies and videos question constructs of privilege and power within historical archives, and how they can influence senses of identity.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 19h00

Flow/Job



Uma análise estética dos filmes da icônica estrela de pornografia gay Joey Stefano, focando exclusivamente nos planos de reação do ator no seu catálogo de títulos pornográficos. O filme coloca-os em justaposição, num ecrã dividido, com a lendária curta experimental de Andy Warhol, *Blow Job*, da qual desenha influência formal, estética e temática.

An aesthetic analysis of the works of the iconic gay porn star Joey Stefano, focusing solely on the actor's reaction shots throughout his back catalogue of porn titles. The work places these in split-screen juxtaposition with Andy Warhol's infamous experimental short *Blow Job* from which it takes formal, aesthetic and thematic influence.

Realização / Director: Darren Elliott-Smith. Reino Unido / United Kingdom, 2017, 19'. Experimental / Experimental. Cor, Preto e Branco / Colour, Black & White. Digital. v.o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Com / With: Joey Stefano

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Darren Elliott-Smith é professor de Cinema e Género na University of Stirling, na Escócia. A sua investigação foca-se nas representações de *queerness*, género e corpo no cinema de terror, estendendo-se também à representação da masculinidade no cinema e na televisão.

Darren Elliott-Smith is a senior lecturer in Film and Gender at the University of Stirling, Scotland. His research focuses on representations of queerness, gender, and the body in horror film and television and extends to considerations of masculinity in film and television.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 19h00

International Face



Uma meditação sobre raça, diásporas queer e sistemas de classificação de imagens. Um filme de ensaio auto-etnográfico que procura situar experiências românticas e observações visuais de uma pessoa não-binária queer, de cor, no âmbito de um arquivo de vídeo.

A meditation on race, queer diaspora, and image classification systems. An autoethnographic essay film that attempts to situate romantic experiences and visual observations of a queer non-binary person of colour within a stock video footage archive.

Realização / Director: Natalie Tsui. EUA / USA, 2019, 7'. Experimental / Experimental. Cor / Colour. Digital. v. o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Natalie Tsui. **Fotografia / Photography:** Natalie Tsui. **Música / Music:** Primason + Partamian

www.natalietsui.com

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Natalie Tsui (Hong Kong, 1985) é artista e cineasta, não-binária, que vive e trabalha em Brooklyn. O seu trabalho investiga os elos e ruturas entre cultura de massa, memória coletiva e narrativa pessoal através de uma abordagem conceptual da narrativa visual.

Natalie Tsui (Hong Kong, 1985) is a non-binary artist and filmmaker living and working in Brooklyn. Their work investigates the links and ruptures between mass culture, collective memory, and personal narrative through a conceptual approach to visual storytelling.

Quinta-feira **Thursday 17** • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 19h00

Agência 20 anos:

Carta-Branca a

Cláudia Varejão

Agência 20 years:

Carte Blanche to

Cláudia Varejão

Agência 20 anos: Carta-Branca a Cláudia Varejão

Agência 20 years: Carte Blanche to Cláudia Varejão

Cláudia Varejão

* Realizadora, Programadora Convidada

* Filmmaker, Guest Programmer

Uma carta branca é em muito semelhante ao início do processo de realização de um filme: avançamos sobre possibilidades incalculáveis e, num gesto mais intuitivo do que pensante, moldamos o tempo e o espaço diante de nós. Assim parto para esta sessão, sem ao certo conhecer a sua forma final.

O convite da Agência da Curta Metragem e do Festival Queer, a quem muito agradeço a honra e a confiança, demarcou, de alguma forma, uma vasta área onde me pude mover e refletir. Atravessei 20 anos de curtas sem uma intenção definida à priori. Mas celebrar duas décadas de filmes é, necessariamente, um convite a observar a história recente do cinema português. E como cada ofício só existe por efeito dos Mestres, foi para eles que me propus olhar. Mas com um dado acrescido: nas últimas décadas o território que até então pertencia, numa primeira vista, a eles, aos realizadores, passou a ser também partilhado pela presença delas, mulheres cineastas, que foram surgindo com identidades formais e narrativas muito próprias e que permaneceram no terreno com uma obra em ascensão e que hoje preenche, cada vez menos timidamente, as salas de cinema e festivais em todo o mundo. Certamente serei injusta na exclusão de tantos filmes que poderiam compor esta sessão, pois são muitas as realizadoras que ao longo dos anos contribuíram para que cada uma de nós pudesse filmar. Ainda que - e serve esta ressalva para desinquietar e convocar as novas gerações de mulheres a investir na realização - os filmes realizados por homens ou por mulheres apresentem números extremamente desiguais e o pouco aprofundamento da cinematografia em torno de minorias sexuais seja sintomático do longo caminho que, dentro e fora do setor cinematográfico, ainda temos para percorrer. Encaro esta brecha como um estímulo ao trabalho e desejo que nas futuras celebrações fílmicas possamos ter um discurso cada vez mais inclusivo.

A sessão que aqui apresento é composta por cinco curtas metragens que, para além de serem obras assinadas por realizadoras, exploram, para mim, um olhar não colonizado por conceitos e formas já exploradas. Ou como Laura Mulvey assinalaria, são filmes construídos por uma curiosidade e um desejo compulsivo de ver e saber, de investigar algo secreto; uma estética da curiosidade. Em todos os filmes percorremos possibilidades de olhar e de criar linguagem em torno do desejo, da ausência ou do espaço primordial da terra, rompendo com um discurso mais narrativo ou assente no consequencialismo. Mas é no tempo e no espaço com que cada realizadora se aproxima das paisagens que poderemos encontrar um fio condutor, tão livre, e tão cheio de significados, como esta carta branca.

A *carte blanche* is in many ways like the process of starting to direct a film: we move towards unaccountable possibilities and, with a gesture that is more intuitive than rational, we shape the time and space in front of us. This is how I faced this program, without knowing its exact final outline.

The invitation I received from the Short Film Agency and the Queer Festival – to whom I thank the honour and trust – charted in a certain way a vast ground in which I was able to navigate and reflect upon. I went through 20 years of short films without any prior intentions. Although celebrating two decades of film is necessarily an invitation to gaze upon the recent history of Portuguese cinema. And since every labour is a consequence of its Masters, that's where I turned my gaze upon. But with an added feature: in the past few decades the territory that apparently belonged to male filmmakers, went on to be shared by them, women filmmakers, who sprung with their own formal and narrative identities, and remained in the terrain with a growing body of work that, today, less and less timidly, occupies film theatres and festivals around the world.

I will for sure be unfair for excluding so many films that could be part of this program, for there are many female filmmakers who throughout the years have contributed for every one of us women to film. Even though – and this is an alert in order to disquiet and call for the new generations of women to invest in filmmaking – films directed by men or women are still a very uneven number, and the little attention towards sexual minorities is symptomatic of the long road ahead of us, inside and out the film industry. I face this lack as a work stimulus, and I wish that in future film celebrations we can find an increasingly inclusive discourse.

The program I present here comprises five short films which, besides being directed by women, to me, they explore a non-colonized gaze upon concepts and forms previously explored. Or as Laura Mulvey would single out, these are films built upon a curiosity and a compulsive desire to see and learn, to research something that is secret; an aesthetic of curiosity. In all films we travel through possibilities of gazing and creating languages around desire, absence or the earth's primordial space, subverting a more narrative or consequential discourse. But it's in the time and space with which each filmmaker comes closer to the landscapes where we can find a common thread, so free, and so charged with meanings, just like this *carte blanche*.

Insert



Insert foi elaborado como parte integrante de *Memograma* de Filipa César, uma instalação que aborda a história de Castro Marim, uma vila localizada no Sudeste de Portugal, conhecida pela produção de sal e como destino de degredo e trabalhos forçados. A tradução do pecado em sal. *Insert* cria imagens encenadas dessa paisagem e anuncia um encontro proibido.

Insert was conceived as part of *Memograma* by Filipa César, an installation that approaches the history of Castro Marim, a village in southeast Portugal, known for salt production and as a location for banishment and forced labour. The translation of sin into salt. *Insert* creates staged images on this landscape and announces a forbidden encounter.

Realização / Director: Filipa César, Marco Martins. Portugal / Portugal, 2010, 10'. Experimental / Experimental. Preto e Branco / Black & White. DCP. s/ diálogos. M/16 / Over 16yo

Montagem / Editing: Filipa César. **Fotografia / Photography:** Marco Martins. **Produção / Production:** Marco Martins, Filipa César. **Intérpretes / Cast:** Joana Barrios, Mónica Calle

www.agencia.curtas.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Filipa César (Porto, 1975) licenciou-se em Belas Artes - Pintura pela Universidade de Lisboa em 1996. Tem vindo a explorar os aspetos ficcionais do género documental. Vive e trabalha em Berlim.

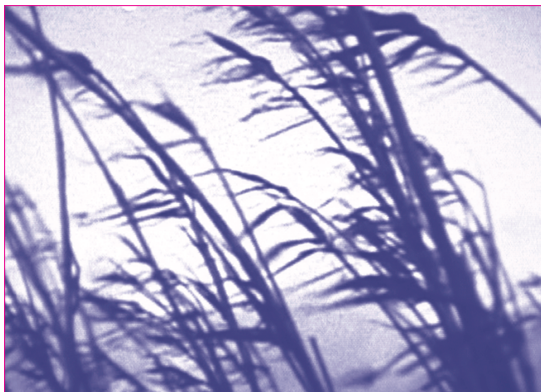
Filipa César (Porto, 1975) graduated in Fine Arts – Painting at Universidade de Lisboa, in 1996. Her work explores the fictional aspects of documentary. She lives and works in Berlin.

Marco Martins (Lisboa, 1972) formou-se pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, em 1994, e completou os seus estudos nos Estados Unidos. Trabalhou com Wim Wenders, Manoel de Oliveira, Bertrand Tavernier e João Canijo. Em 2002, funda a produtora Ministério dos Filmes.

Marco Martins (Lisbon, 1972) graduated at the Escola Superior de Teatro e Cinema, in Lisbon, in 1994, and completed his studies in the USA. He worked with Wim Wenders, Manoel de Oliveira, Bertrand Tavernier and João Canijo. In 2002 he founded the production company Ministério dos Filmes.

Sexta-feira Friday 18 • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 17h00

Paisagem Landscape



Paisagem é uma incursão nas paisagens e nos ambientes do romance *Finisterra - Paisagem e Povoamento*, de Carlos de Oliveira. As filmagens decorreram no primeiro semestre de 2001, entre Cantanhede e Vagos, no coração da Gândara. A paisagem é o elemento estruturante e central do filme.

Based upon the landscapes and atmospheres of the novel *Finisterra - Paisagem e Povoamento*, by Carlos de Oliveira. Shooting took place in the coast of Portugal, between Cantanhede and Vagos, in the heart of the Gandara county, during the first months of 2001. It's a "film-landscape" that aims to represent some of the novel's atmospheres.

Realização / Director: Renata Sancho. Portugal / Portugal, 2001, 17'. Experimental / Experimental. Cor / Colour. 35mm. v. o. portuguesa, legendada em inglês. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Renata Sancho. **Montagem / Editing:** Renata Sancho. **Fotografia / Photography:** Renata Sancho. **Som / Sound:** Manuel Mesquita. **Produção / Production:** Renata Sancho, Laboratório de Criação Cinematográfica

www.agencia.curtas.pt
www.cargocollective.com/renatasancho

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Renata Sancho (1973) licenciou-se em Ciências da Comunicação em 1998. Lecionou Montagem no Politécnico de Leiria em 2010, e foi professora-assistente no curso de Mestrado de Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa entre 2007 e 2015. É realizadora, mas também trabalha como montadora e anotadora.

Renata Sancho (1973) graduated in Communication Sciences in 1998. She lectured Editing at Politécnico de Leiria in 2010 and was an assistant professor in the Communication Sciences Master's degree at Universidade Nova de Lisboa between 2007 and 2015. She is a director and works as an editor and script supervisor.

Sexta-feira Friday 18 • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 17h00

Retrato de Inverno de uma Paisagem Ardida Winter's Portrait of a Burnt Landscape



Fixar o presente de uma paisagem destruída pelo fogo. Procurar o que ficou (as cores, as texturas, os silêncios) nos escombros e restos. Vontade de olhar de frente o corpo morto da árvore que ardeu, e perceber o seu lugar na terra onde ainda resta. Observação da passagem do tempo sobre a árvore queimada, e percepção da sua imobilidade.

A research on the present time of a burnt landscape: an observation of what remains (colours, textures, silences) from the rubble and debris; discovery of the dead tree's place in a destroyed land and the perception of its immobility.

Realização / Director: Inês Sapeta Dias. Portugal / Portugal, 2008, 40'.
Documentário / Documentary. Cor / Colour. 16mm. s/ diálogos. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Inês Sapeta Dias. Montagem / Editing: Luísa Homem.
Fotografia / Photography: Inês Sapeta Dias. Som / Sound: David Maranhã.
Produção / Production: Patrícia Pimentel, RAIVA

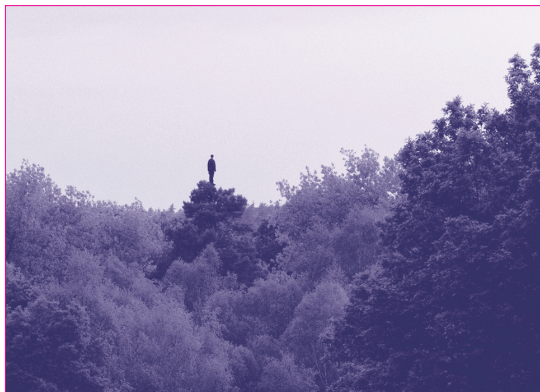
www.agencia.curtas.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Inês Sapeta Dias (Lisboa, 1980) é licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Começou a trabalhar em programação cinematográfica em 2004, na FilMOTECA de Catalunya, Barcelona, e desde 2005 é programadora na Videoteca Municipal de Lisboa.

Inês Sapeta Dias (Lisbon, 1980) graduated in Communication Sciences – Film Studies by Universidade Nova de Lisboa. She started to work in film programming in 2004 in FilMOTECA de Catalunya, Barcelona, and since 2005 she is the programming coordinator in Lisbon's Videoteca Municipal.

A Torre The Tower



Talvez a experiência de Kolja de subir ao topo da árvore, de metamorfosear o seu corpo (humano) com a árvore (natureza) aventurando-se na fronteira da terra com o céu, venha confirmar a sua pureza de espírito, a grandiosidade dos idiotas ou a imbecilidade dos místicos. Ou será tudo isto junto? Talvez seja um sintoma dos iluminados ou somente um suicídio elaborado.

Maybe Kolja's experiment of merging his body (human) with the tree (nature) venturing into a border zone between the earth and the sky is due to his purity of spirit, to the grandeur of the idiots, or the foolishness of the mystics; or is it all this together? Maybe it is a symptom of the enlightened – or simply an elaborated suicide.

Realização / Director: Salomé Lamas. Portugal, Alemanha, Moldávia / Portugal, Germany, Moldova, 2015, 8'. Documentário, Experimental / Documentary, Experimental. Preto e Branco / Black & White. DCP. s/ diálogos. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Christoph Both-Asmus, Salomé Lamas. Montagem / Editing: Salomé Lamas. Fotografia / Photography: Jorge Piquer Rodríguez. Som / Sound: Bruno Moreira. Produção / Production: Michel Balagué, Marcin Malaszczyk, Luís Urbano, Sandro Aguiar. Com / With: Christoph Both-Asmus, Kolja Kravchenko

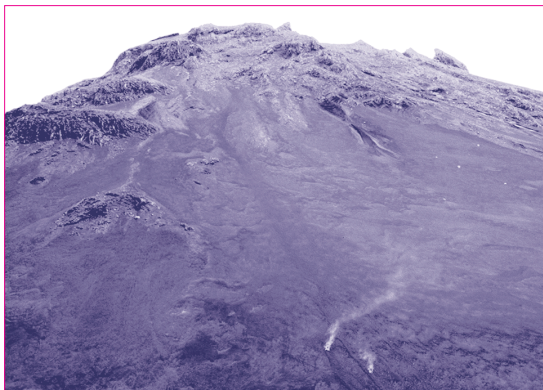
www.agencia.curtas.pt
www.salomelamas.info

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Salomé Lamas (Lisboa, 1987) estudou Cinema em Lisboa e Praga, Artes Visuais em Amsterdão e é doutoranda em Arte Contemporânea em Coimbra. O seu trabalho tem sido exibido tanto em contextos artísticos de prestígio como em inúmeros festivais de cinema internacionais.

Salomé Lamas (Lisbon, 1987) studied Cinema in Lisbon and Prague, Visual Arts in Amsterdam and is a PhD candidate in Contemporary Art studies in Coimbra. Her work has been screened both in prestigious art venues and in international film festivals.

Um Campo de Aviação An Aviation Field



Um campo de aviação num subúrbio desconhecido. O lago debaixo da cidade queima as ruas. As montanhas atiram rocha nos jardins. Na cratera de um vulcão, uma cidade modelo é levantada e dissolve-se. Duas pessoas encontram-se neste lugar, separadas por cinquenta anos.

An aviation field in an unknown suburb. The lake underneath the city burns the streets. The mountains throw rock into the gardens. In the crater of a volcano in Fogo, a model Brazilian city is lifted and dissolves. Two people find each other in this landscape, fifty years apart.

Realização / Director: Joana Pimenta. EUA, Portugal / USA, Portugal. 2016, 14'.
Docuficção / Docufiction. Cor / Colour. DCP. v. o. portuguesa, legendada em inglês. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Joana Pimenta. Montagem / Editing: Joana Pimenta.
Fotografia / Photography: Joana Pimenta. Produção / Production: João Matos

www.agencia.curtas.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

A realizadora Joana Pimenta (Lisboa, 1986) vive e trabalha nos Estados Unidos, Portugal e Brasil. Trabalha e leciona no Departamento de Cinema e Artes Visuais da Harvard University, onde termina também o doutoramento em Cinema e Artes Visuais, e no Departamento de Cinema da Rutgers University, em Nova Iorque.

Filmmaker Joana Pimenta (Lisbon, 1986) is currently living and working between the United States, Portugal and Brazil. She works and teaches in the Department of Visual and Environmental Studies at Harvard University and in the BFA program in Film at Rutgers University, in New York.

Sexta-feira Friday 18 • Teatro Rivoli, Pequeno Auditório, 17h00

MOSTRA ESPANHA 2019

DE JUNHO A DEZEMBRO

WWW.MOSTRAESPANHA.ORG

MÚSICA

ROZALÉN, JUAN DE LA RUBIA, CARLOS COSTA, LA TROVA, ORQUESTA SINFÓNICA DE ASTURIAS, FESTIVAL DE JAZZ, MÚSICOS DO TEJO E EDUARDO PANIAGUA

FLAMENCO

DORANTES, CAMERATA FLAMENCO PROJECT, CELIA ROMERO, EDUARDO GUERRERO

ARTES CÊNICAS

ALICIA SOTO, MOSTRA DE VIDEODANÇA, HARPOEMACTO, COMPANHIA LUZ, MICRO Y PUNTO

EXPOSIÇÕES

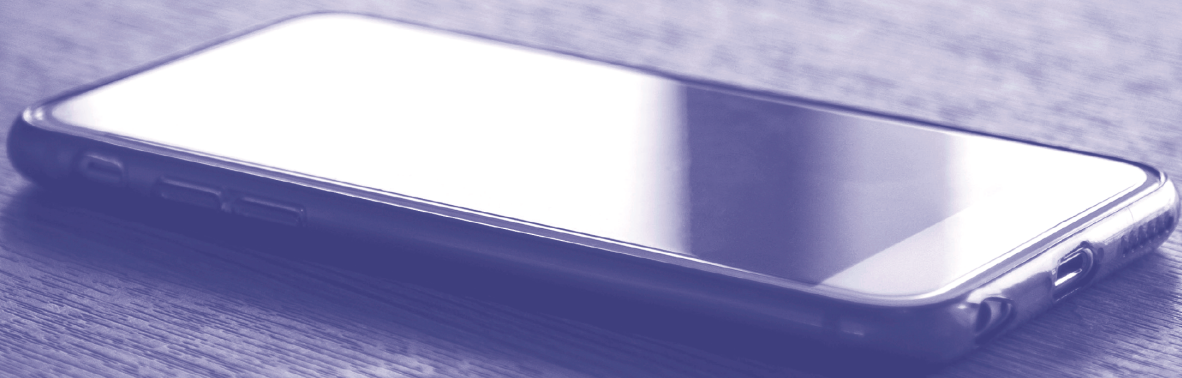
OBRA CONVIDADA: ZURBARÁN, CARMEN COLOGÁN, DAMIÁ DÍAZ, BENJAMÍN PALENCIA, PEDRO MORALES E JAVIER CODESAL

CONFERÊNCIAS

ARTE E FEMINISMO, A IMAGEM DAS RAINHAS PORTUGUESAS E ESPANHOLAS, FAUNA E FLORA NA PRIMEIRA CIRCUNNAVEGAÇÃO, ECOS DE CANTIGAS

CINEFIESTA

LIGO?



NÃO LIGO?

VAMOS GANHAR A LUTA
CONTRA A VIOLÊNCIA.

LIGUE 800 202 148

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO ÀS VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Faça download da AppVD
e tenha a ajuda sempre à mão
www.cig.gov.pt



iOS



ANDROID

Exhibitions

Film Festivals

Poetry and
Literature Sessions

Talks

Music

Guided Tours

Vibrant, informed and inclusive communities are the building blocks of a better society. Our "Casa Comum" is a space for the critical discussion of complex ideas and concepts and the promotion of a responsible, participant and enlightened university culture. Everyone is welcome to participate!

Have you downloaded our App?
The University of Porto offers a vibrant programme of free cultural events. Check it out at Acontece na U.Porto available for Android and iOS



DISPONÍVEL NO
Google Play



Descarregar na
App Store



**50 anos dos Motins
de Stonewall**

**50 years after the
Stonewall Uprising**

Stonewall and beyond

António Fernando Cascais

* Consultor Queer Porto

* Queer Porto Consultant

60 50 ANOS DOS MOTINS DE STONEWALL

Indiscutivelmente, há um antes e um depois de Stonewall. A história é cada vez melhor conhecida, à força das pesquisas para satisfazer a curiosidade crescente das *multitudes* queer que viram prosperar as suas comunidades, o associativismo, a sua cultura e modo de vida, e que, como todos os herdeiros, indagam as origens. A revolta que principiou na noite de 27 para 28 de junho de 1969 não teve por protagonista a clientela gay e lésbica dos locais bem frequentados da nova-iorquina Greenwich Village, mas antes os *habitúes* maioritariamente jovens, *drag queens* e *go-go boys*, chicanos e afro-americanos do Stonewall Inn, muitos deles provenientes do vizinho gueto étnico de East Village. A novidade dessa noite não foram as repetidas rúsgas a um bar de reputação mais que duvidosa, suspeito de ligações ao submundo do crime, a funcionar à margem da lei ao preço da regular corrupção das forças policiais. A novidade não era constituir alvo preferencial da sexta esquadra do NYPD, comandada por um oficial acabado de chegar cheio de vontade de mostrar serviço em meio a uma campanha eleitoral proverbialmente homofóbica, num tempo em que ainda não se tinha dissipado a memória do macarthismo e do “Lavender Scare”. Inédita, isso sim, foi a extraordinária resistência oferecida às detenções, levando as forças policiais a pedir reforços contra uma multidão estimada em mais de duas mil pessoas que, aos gritos de “Gay Power!”, alastrava às zonas limítrofes da Sheridan Square e que terá engrossado ao longo da noite com a descida, a essa zona de bares, de muita gente regressada do funeral do ícone gay Judy Garland, poucas horas antes. De início, tratava-se de um motim inorgânico a todos os títulos, uma contagiosa reação espontânea de heróis e heroínas anónimas a que a reconstrução histórica veio restituir os nomes de Stormé Delarverie, indómita lésbica que se debatia ferozmente durante a sua detenção, e as ativistas Marsha P. Johnson (1945-1992) e Sylvia Rivera (1951-2002), fundadoras das Street Transvestite Action Revolutionaries em 1970, num esforço de reparação retrospectiva do esquecimento a que terão sido votadas pela narrativa *mainstream* e atendendo a uma reivindicação legitimária atual das mulheres transgénero no sentido de se lhes fazer justiça, colocando essas suas figuras tutelares no centro dos acontecimentos: “Não há uma história única, tal como não há uma só comunidade” avisa Deborah Edel, cofundadora do The Lesbian Herstory Archives em *The Archivettes*, de Megan Rossman (EUA, Austrália, 2018, 61’). Na verdade, a necessidade sentida de se fazer história e de se registar a memória, que está na origem da criação dos Archives,

There undeniably are a before and an after Stonewall. Ongoing research has uncovered more and more of its history, in response to the growing curiosity of the queer multitudes who have seen their communities and associations, their culture and way of life prosper, and – as any rightful heir would – have scrutinized their own origins. The uprising which began during the night between 27th and 28th June 1969, did not feature the well-heeled gay and lesbian clientele of New York’s Greenwich Village. Rather, its major players were clients of the Stonewall Inn, young Chicano and African American drag queens and go-go boys from the nearby East Village ethnic ghetto. What was new that night, wasn’t the habitual police raids on a bar of questionable reputation and supposed connections to the criminal underworld, and whose survival depended on the ongoing bribery of police forces. The new element was not that the bar had become the preferential target of the NYPD’s Sixth Precinct, led by a recently appointed officer, eager to show results during a proverbially homophobic election campaign, with the memory of McCarthyism and the Lavender Scare still very much present. What was indeed unprecedented was the resistance to arrest offered by a crowd of approximately two thousand people who, at the rallying call of “Gay Power!”, spread to nearby Sheridan Square, and was joined later in the night by many who a few hours prior had taken part in the funeral of gay icon Judy Garland. The police were forced to call for backup to face what was, initially, a chaotic riot, the contagious and spontaneous response of anonymous heroes and heroines. These would later be identified as Stormé Delarverie, the indomitable lesbian who furiously resisted arrest; and as activists Marsha P. Johnson (1945-1992) and Sylvia Rivera (1951-2002), who in 1970 founded the Street Transvestite Action Revolutionaries, in a retrospective reparation attempt of the oblivion imposed upon them by the mainstream narrative, and as the legitimate claim on the part of transgender women of their central role in the events: “There is not one history, just like there’s not one community”, warns Deborah Edel, co-founder of The Lesbian Herstory Archives in Megan Rossman’s film *The Archivettes* (USA, Australia, 2018, 61’). The keenly felt need to make history and to record memory stands at the root of the Archives’ existence, as further evidence of the awareness of these events’ value and meaning, as also noted by Edel: “our history was disappearing as quickly as we were making it”. Stonewall was not a single, immediate break – rather, it became the epicentre of successive, qualitative transformations.



Gay USA (1977), Arthur J. Bressan Jr.

mais não faz do que provar a plena consciência do valor e do sentido dos acontecimentos, como também adianta Edel: “a nossa história estava a desaparecer tão rapidamente como a estávamos a fazer”.

Stonewall não constituiu uma rutura única e súbita, foi antes o epicentro a partir de que se desencadearam sucessivas transformações qualitativas.

Com efeito, a primeira dessas rupturas ocorreu na própria tradição de luta pelos direitos LGBTQ+, que, de forma organizada, remonta pelo menos às décadas de 1920-1930, designadamente na Europa, e que, no pós-Segunda Guerra Mundial, entrou naquela que ficou conhecida como a fase homófila do associativismo, com a fundação, nos EUA, da Mattachine Society e da Daughters of Bilitis. A rutura nada teve de conflitual, porém, antes correspondeu ao amadurecimento de um conjunto de tendências de que dá conta o já clássico documentário *Before Stonewall*, de Greta Schiller e Robert Rosenberg (EUA, 1984, 87’). Por outras palavras: as pessoas que doravante identificamos como LGBTQ+ estavam prontas para Stonewall e para o que desse e viesse a partir daí, mesmo que o mundo não estivesse pronto para elas. Como continua a não estar, em não poucos aspetos e não poucas paragens: “Estou muito ciente que nada é sólido. Não é um adquirido que estejamos seguros”, lembra uma vez mais Deborah Edel.

A rutura representada por Stonewall foi muito para além dos motins, com a criação, logo em julho daquele ano de 1969, em Nova Iorque, da Gay Liberation Front, que rapidamente se expandiu ao conjunto dos EUA, profundamente influenciada pelas agendas e pela cultura política das correntes da New Left emergentes na década de sessenta, centradas na luta contra o racismo e pelos direitos civis e contra a guerra do Vietname, mas

The very first break actually came in the very tradition of the struggle for LGBTQ+ rights, which appeared in its early organized form in 1920s and 1930s Europe, and in the post-war years entered its “homophile” phase, characterized by the establishment of the Mattachine Society and Daughters of Bilitis in the USA. This discontinuity was entirely non-confrontational, and merely resulted from the coming of age of a number of trends portrayed as early as in the classic documentary *Before Stonewall*, by Greta Schiller and Robert Rosenberg (USA, 1984, 87’). In other words, the individuals who have since been identified as LGBTQ+ were ready for Stonewall and for whatever the riots might result in, even though the world itself might not have been ready for them... and still isn’t, in a variety of aspects and places: “I am very aware that nothing is solid. It’s not a given that we are safe”, cautions Deborah Edel once again. Stonewall signified a break that went well beyond the riots – with the creation soon thereafter, in July 1969, of the Gay Liberation Front, which from New York rapidly expanded across the USA, profoundly influenced by the agenda and the political culture of the emerging 1960s New Left currents, focused on the struggle for civil rights, against racism and the Vietnam War, and also inspired by the second wave of feminism. In the years between 1969 and 1971, both the Gay Liberation Front and its individual members either explicitly and actively supported or endorsed the above causes. The North American gay and lesbian movement and European organizations after May 1968 thus shared an apocalyptic rhetoric based on the premise and the heralding of an imminent social revolution. The former, however, also incorporated a counterculture which included emancipation, the struggle for rights, and the experimental dimension of those lifestyles which would later

também nos movimentos feministas de segunda vaga. De resto, a Gay Liberation Front ora apoiou de forma expressa, ora se coligou diversas vezes, logo nos anos de 69, 70 e 71, com essas causas nas quais participaram igualmente militantes seus. O movimento gay e lésbico norte-americano teve assim em comum com o associativismo europeu pós-Maio de 68 uma retórica apocalíptica que pressupunha e proclamava a iminência da transformação social revolucionária, mas conjugava-a, por outro lado, com a contracultura em que se confundiam a dimensão emancipatória, de luta por direitos, e a dimensão experimental de perseguição de estilos de vida que viriam a ser qualificados, bem ou mal, de alternativos, e que o movimento hippie tipificava. *The Cockettes*, realizado por Bill Weber e David Weissman (EUA, 2002, 102'), proporciona-nos um vislumbre dessa atmosfera cultural que atingia o seu máximo entre o "Verão do amor" de 1967, irradiando do Haight-Ashbury de São Francisco, e o célebre Festival de Woodstock, a norte de Nova Iorque, decorrido de 15 a 18 de agosto de 1969: "If you're going to San Francisco, be sure to wear some flowers in your hair", cantava Scott McKenzie. E sim, com o *Flower Power* as flores começaram a deixar de ser um insulto.

Stonewall é um daqueles acontecimentos decisivos que arrancam o ódio, a discriminação, a perseguição e o estigma à sua quotidiana normalidade.

São inumeráveis os efeitos de Stonewall que se foram desdobrando e multiplicando num crescendo de bola de neve a partir destes mais próximos que fizeram com que depois fosse possível tudo: o surgimento do moderno movimento gay e lésbico, de que uma das primeiras ações diretas mais espetaculares consistiu na invasão da conferência anual da Associação Psiquiátrica Americana; a despatologização da homossexualidade, retirada por ela, em 1973, da lista dos distúrbios mentais; o desenvolvimento de formas de sociabilidade, modos de vida e expressões culturais – veja-se o notável *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991*, de Marion Scemama e François Pain (França, 2018, 78') – que deram forma, conteúdo e consistência a verdadeiras comunidades como nunca antes tinha ocorrido e a que as Marchas do Orgulho dão um rosto reconhecível, tanto para dentro de si próprias como para um mundo exterior predominantemente hostil. A primeira, em junho de 1970, juntou de cinco a dez mil manifestantes no percurso entre Greenwich Village e Central Park, para se multiplicarem um pouco por todos os EUA, como exemplarmente o documenta Arthur J. Bressan Jr. no seu *Gay USA*, (EUA, 1977, 72'), antes de se estenderem à Europa e à América do Sul.

Stonewall foi o ponto de ancoragem sobre o qual é possível firmar um juízo de censura moral, e por aí mesmo uma atitude política, sobre a opressão.

Ele esteve assim na origem das políticas identitárias, primeiro, que metamorfosearam o grupo até então essencialmente objetificado como "os homossexuais" num sujeito político dotado de voz própria, a que se seguiram as políticas pós-identitárias cujo caráter *multitudinário* a sucessão de siglas LGBT, LGBTQ, LGBTQI et al. pretende exprimir. A seu tempo, a diferenciação interna da comunidade e do associativismo viria a permitir a abordagem de interseções de etnia, classe e género que definem

be labelled – rightly or wrongly – as "alternative", embodied by the hippy movement. *The Cockettes*, directed by Bill Weber and David Weissman (USA, 2002, 102'), provides a glimpse of the cultural climate which peaked between the Summer of Love of 1967, which rippled out from San Francisco's Haight-Ashbury and the celebrated Woodstock festival, which took place north of New York, between 15th and 18th August 1969: "If you're going to San Francisco, be sure to wear some flowers in your hair", sang Scott McKenzie. And indeed, with Flower Power, blooms finally ceased to be an insult.

Stonewall is one of those milestones which rip hate, discrimination, persecution, and stigma from their everyday normalcy.

The aftershocks of Stonewall grew and multiplied in a snowball effect, starting with the most immediate ones, which then made everything possible: the modern gay and lesbian movement, one of whose first direct and spectacular actions was the storming of the annual meeting of the American Psychiatric Association; the de-pathologizing of homosexuality, removed in 1973 from the list of mental disorders; the exploration of forms of conviviality, lifestyles and cultural expressions – see the remarkable *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991*, by Marion Scemama and François Pain (France, 2018, 78') – which gave a form, content, and consistency to actual communities such as they had never had before, and to which Pride parades confer a recognizable appearance, both facing inward and towards a predominantly hostile external world. The very first parade, held in June 1970, saw five to ten thousand participants march between Greenwich Village and Central Park. In *Gay USA* (USA, 1977, 72'), Arthur J. Bressan Jr. presents a notable portrait of the dissemination of Pride across the USA, and later to Europe and South America.

Stonewall was the touchstone on which to ground a judgement of moral condemnation, and thereby a political stance on oppression. It was the origin, first, of identity politics, which transformed "homosexuals", a group which had until then been objectified, into a political subject with its own voice; and later of post-identity politics, whose diverse character is expressed in the succession of acronyms – LGBT, LGBTQ, LGBTQI et al.. The internal differentiation of the community and its collectives would allow for the introduction of ethnic, class, and gender intersections, and therefore much more complex oppression paradigms than the original formula, "gay versus straight". Stonewall marked a turning point in the gradual public loss of authority of the ruling paternalistic, scientific, biomedical and psychiatric, legal and religious discourses, which until then had hoarded the exclusive legitimacy to produce the truth on homosexuality and homosexuals. These, in turn, were finally able to present themselves as the sole experts upon themselves as they truly are. The collectives which developed after Stonewall made possible the organizations fighting the AIDS epidemic. These would appear in large cities, such as New York and San Francisco, and become the foundation of all international private charities, which involved simultaneous fronts of social mobilization, lobbying, and resistance against the anti-gay backlash – as movingly portrayed in *Buddies*, by Arthur J. Bressan Jr. (USA, 1985, 81'). Current research state of the art indicates that in Portugal, censorship and

padrões de opressão muitíssimo mais complexos do que a fórmula original “gay versus straight”. Stonewall marcou o ponto de viragem da progressiva desautorização pública de todos os discursos paternalistas, científicos, biomédicos e psiquiátricos, jurídicos e religiosos que sempre se arrogaram a legitimidade exclusiva de produzir uma verdade sobre a homossexualidade e os homossexuais, os quais, a partir daí, lograram passar a apresentar-se como os únicos especialistas de si próprios que verdadeiramente são. Sem o associativismo que se consolidou após Stonewall, não teria havido as organizações de combate à epidemia de SIDA nascidas em metrópoles como Nova Iorque e São Francisco, que viriam a constituir a matriz de tudo quanto, no plano internacional, haveria de ser Instituição Particular de Solidariedade Social, com a sua capacidade de, em frentes simultâneas, mobilizar as respetivas sociedades, pressionar políticas públicas e resistir ao efetivo *backlash* por parte das forças anti-gay, que vemos patente no tocante *Buddies*, de Arthur J. Bressan Jr. (EUA, 1985, 81’). No estado atual da pesquisa, a repercussão dos acontecimentos de 69 foi inexistente no Portugal debaixo da censura e da repressão política do regime e seria necessário aguardar pelo ano de 2000 para se realizar a nossa primeira Marcha do Orgulho. “*Late bloomers*”, a lei do casamento entre pessoas do mesmo sexo cedo chega aqui, apesar de tudo, em 2010 e Lisboa comemora em 2019 o cinquentenário de Stonewall, que é igualmente o vigésimo aniversário da sua marcha, com uns apoteóticos quinze mil manifestantes.

Stonewall é o momento inaugural da desarmarização maciça que prossegue por toda a parte nos nossos dias, mesmo, ou sobretudo, quando recrudescer a homo/lesbo/transfobia.

political repression on the part of the dictatorial regime cancelled out any effect of the events of 1969, and the first Pride parade would only take place in 2000. Despite the fact that we were late bloomers, same-sex marriage became legal in 2010, and Stonewall’s fiftieth anniversary – as well as our own Pride’s 20th – were celebrated by a glorious fifteen thousand people. Stonewall is the inaugural moment of the massive coming out of the closets, one which is still ongoing today, even when – or maybe especially when – homo/lesbo/transphobia escalates.

The Archivettes



64 50 ANOS DOS MOTINS DE STONEWALL

"A nossa história estava a desvanecer enquanto a criávamos". Com essa percepção, Deborah Edel e Joan Nestle cofundaram o Lesbian Herstory Archives, a maior coleção do mundo de materiais feitos por e sobre lésbicas. Durante mais de 40 anos, e atravessando muitos dos principais marcos na história do movimento LGBTQ+, a organização resgatou literalmente a história do lixo. Agora, o grupo de voluntárias enfrenta vários desafios: uma transferência de liderança, a ascensão da tecnologia digital, e uma renovada chamada ao ativismo num momento politicamente carregado.

"Our history was disappearing as quickly as we were making it". With that realization, Deborah Edel and Joan Nestle co-founded the Lesbian Herstory Archives, the world's largest collection of materials by and about lesbians. For more than 40 years, through many of the major milestones in LGBTQ+ history, the organization has literally rescued history from the trash. Now, the all-volunteer group faces a number of challenges: a transfer of leadership, the rise of digital technology, and a renewed call to activism in a politically charged moment.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Megan Rossman é professora assistente de Comunicação no Purchase College, em Nova Iorque, e uma premiada documentarista. Os seus filmes foram exibidos em festivais como o DOC NYC e o Outfest. Trabalhou também como jornalista multimédia no *The Washington Post*.

Megan Rossman is an assistant professor of Communication at Purchase College, in New York, and an award-winning documentary filmmaker. Rossman's films have screened at festivals including DOC NYC and Outfest. She has also worked as a multimedia journalist at *The Washington Post*.

THE ARCHIVETTES

Realização / Director
Megan Rossman

EUA, Austrália / USA, Australia,
2018, 61'

Documentário / Documentary

Cor, Preto e Branco / Colour, Black
& White

Digital

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / Over 16yo

Fotografia / Photography

Megan Rossman

Som / Sound

Zoya Baker

Produção / Production

Megan Rossman

www.thearchivettes.com

2018

The Archivettes

Documentário / Documentary

2016

Love Letter Rescue Squad

Documentário Curto / Short

Documentary



Megan Rossman

Before Stonewall



Fazendo recurso de memórias filmadas e de um importante acervo (incluindo peças de cinema mudo e musicais de Hollywood), *Before Stonewall* traça o desenvolvimento social, político e cultural da comunidade gay e lésbica, retratando a vida quotidiana dos homossexuais nos EUA antes de 1969, o ano dos motins no Stonewall Inn, em Nova Iorque, que serviram de ímpeto ao orgulho gay.

Using filmed recollections and a wealth of archival material (including excerpts from silent-films newsreels and Hollywood musicals), *Before Stonewall* traces the social, political and cultural development of the gay and lesbian community, portraying the daily lives of homosexuals in the USA before 1969, the year of the riot at New York's Stonewall Inn that provided the impetus for gay pride.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

* Greta Schiller (Detroit, 1954) fundou a sua produtora, a Jezebel Productions, com Andrea Weiss e, fortemente influenciada pelos movimentos civis de mulheres e gays, realizou um conjunto de conceituados documentários.

* Greta Schiller (Detroit, 1954) founded her own production company, Jezebel Productions, with Andrea Weiss and, strongly influenced by the women's and gay rights movements, has directed highly regarded documentaries.

** Robert Rosenberg é cineasta, organizador de festivais, curador e artista. É o diretor fundador do Miami Gay e Lesbian Film Festival e consultor de uma grande variedade de cinemas e festivais.

** Robert Rosenberg is a filmmaker, festival organiser, curator and artist. He is founding director of the Miami Gay and Lesbian Film Festival and consultant for a wide variety of cinemas and festivals.

Esta sessão é seguida de um debate / This screening is followed by a debate

Quinta-feira **Thursday 17** • Reitoria da Universidade do Porto, 17h00

BEFORE STONEWALL

Realização / **Director**
Greta Schiller, Robert Rosenberg

EUA / USA, 1984, 87'

Documentário / **Documentary**

Cor, Preto e Branco / **Colour, Black & White**

Digital

v.o. inglesa, s/ legendas

M/16 / **Over 16yo**

Montagem / **Editing**
Bill Daughton, Lori Seligmann, Roy Ramsig

Fotografia / **Photography**
Sandi Sissel, Jan Kraepelin, Cathy Theutlin

Produção / **Production**
John Scagliotti, Greta Schiller, Robie Rosenberg

Com / **With**
Rita Mae Brown (voz off / **voice over**),
Ann Bannon, Lisa Ben, Gladys Bentley,
Martin Duberman, Allen Ginsberg,
Barbara Gittings

www.sndfilms.com

* 2010
No Dinosaurs in Heaven
Documentário / **Documentary**

* 2002
I Live at Ground Zero
Documentário Curto / **Short Documentary**

* 1999
The Man Who Drove with Mandela
Documentário / **Documentary**

* 1996
Paris Was a Woman
Documentário / **Documentary**

* 1991
Maxine Sullivan: Love to Be in Love
Documentário / **Documentary**

* 1989
Tiny and Ruby: Hell Divin' Women
Documentário Curto / **Short Documentary**

*** 1984
Before Stonewall
Documentário / **Documentary**



Greta Schiller / Robert Rosenberg

Buddies

66 50 ANOS DOS MOTINS DE STONEWALL



Arthur J. Bressan Jr. criou esta obra maior do cinema indie em 1985, sendo a primeira longa-metragem de ficção sobre o VIH/sida. Quando David (David Schachter), um yuppie de 25 anos se voluntaria como "buddy" a um doente de sida, o centro comunitário gay designa-lhe Robert (Geoff Edholm), um jardineiro de 32 anos, fervoroso ativista, abandonado pelos amigos e amantes. Com a ação centrada no quarto de hospital de Robert, em Manhattan, Bressan desvela primorosamente a relação entre os dois (o resto do elenco é apenas ouvido fora de campo). Enquanto David olha para os cais e telhados de Manhattan, ouvimos as cuidadosamente redigidas passagens do seu diário narradas em *off*. E ao passo em que David se transforma, ao conhecer Robert, também nós nos transformamos. Pela simplicidade da sua história e pela elegância do seu desenrolar, *Buddies* atinge uma rara perfeição. Trata-se de um retrato intemporal de toda uma era da história gay.

Arthur J. Bressan Jr. created this indie masterpiece in 1985, which was the first feature length drama about AIDS. When 25-year-old gay yuppie David (David Schachter) volunteers to be a "buddy" to an AIDS patient, the gay community center assigns him to Robert (Geoff Edholm), a 32-year-old politically impassioned gay California gardener abandoned by his friends and lovers. Revolving around the confines of Robert's Manhattan hospital room, Bressan skillfully unfolds this devastating two-hander (the rest of the cast is only heard off-screen). As David gazes out at the piers and rooftops of Manhattan, we hear his deftly scripted diary entries in voiceover. And as David is changed by knowing Robert, so, too, are we. In the simplicity of the story and the elegance of its unfolding, *Buddies* achieves a rare perfection. It's a timeless portrayal of an entire era in gay history.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Pioneiro do cinema independente gay dos anos 1970 e 80, Arthur J. Bressan Jr. trabalhou em vários géneros, incluindo o documentário, narrativo, adulto e curta-metragem. A sua ousadia e técnica enquanto escritor e realizador conferiram-lhe ambos elogios e controvérsia ao longo da sua carreira de pouco mais de uma década.

One of the pioneers of independent gay cinema in the 1970s and '80s, Arthur J. Bressan Jr. worked across multiple genres including documentary, narrative, adult, and short form filmmaking. Bressan's boldness and artistry as a writer-director earned him both acclaim and controversy over the course of his decade-long filmmaking career.

BUDDIES

Realização / **Director**
Arthur J. Bressan Jr.

EUA / **USA**, 1985, 81'
Ficção / **Fiction**
Cor / **Colour**
Digital

v. o. inglesa, legendada em português
M/16 / **Over 16yo**

Guião / **Screenplay**
Arthur J. Bressan Jr.

Montagem / **Editing**
Arthur J. Bressan Jr.

Fotografia / **Photography**
Carl Teitelbaum

Produção / **Production**
Arthur J. Bressan Jr.

Música / **Music**
Jeffrey Olmsted

Intérpretes / **Cast**
Geoff Edholm, David Schachter, Billy Lux, David Rose, Libby Saines, Damon Hairston

www.frameLINE.org

1985
Buddies
Longa-Metragem / **Feature Film**

1984
Daddy Dearest
Longa-Metragem / **Feature Film**

1983
Pleasure Beach
Longa-Metragem / **Feature Film**

1983
Abuse
Longa-Metragem / **Feature Film**

1982
Family Affair
Longa-Metragem / **Feature Film**

1977
Gay USA
Documentário / **Documentary**

1976
Forbidden Letters
Longa-Metragem / **Feature Film**

1974
Passing Strangers
Longa-Metragem / **Feature Film**



Arthur J. Bressan Jr.

The Cockettes



À medida em que a psicadélica São Francisco dos anos 60 dava lugar à São Francisco gay dos anos 70, os The Cockettes, uma flamejante troupe de hippies (mulheres, homens gay e bebês) enfeitavam-se em drag ao estilo *gender-bender*, com imenso *glitter*, para uma série de lendários espetáculos à meia-noite no Palace Theatre de North Beach, onde estes extravagantes profissionais da dança e do canto ostentavam elaborados guarda-roupas, uma sexualidade rebelde e um exuberante caos.

As the psychedelic San Francisco of the 60s began evolving into the gay San Francisco of the 70s, The Cockettes, a flamboyant ensemble of hippies (gay men, women and babies) decked themselves out in gender-bending drag and tons of glitter for a series of legendary midnight musicals at the Palace Theater in North Beach, where these all-singing, all-dancing extravaganzas featured elaborate costumes, rebellious sexuality and exuberant chaos.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

* David Weissman é um professor, programador de cinema, ativista e cineasta independente. Os seus filmes têm sido apresentados em inúmeros festivais de cinema, incluindo Sundance e a Berlinale.

* David Weissman is a teacher, film programmer, independent filmmaker and longtime activist. His films have been featured at countless film festivals, including Sundance and Berlinale.

** Bill Weber trabalha há mais de vinte anos como montador vídeo nas áreas da publicidade, dos telediscos e dos efeitos especiais, assim como em muitos outros projetos para cinema e televisão.

** Bill Weber has been working as a video editor for over twenty years, in fields such as advertising, music videos and special effects, and for a lot of other projects for film and television.

THE COCKETTES

Realização / **Director**
Bill Weber, David Weissman

EUA / USA, 2002, 102'

Documentário / **Documentary**

Cor, Preto e Branco / **Colour, Black & White**

Digital

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / **Over 16yo**

Montagem / **Editing**

Bill Weber

Fotografia / **Photography**

Marsha Kahm

Som / **Sound**

James Lebrecht

Produção / **Production**

David Weissman

Com / **With**

The Cockettes

www.thefilmcollaborative.org

www.cockettes.com

*** 2011

We Were Here

Documentário / **Documentary**

*** 2002

The Cockettes

Documentário / **Documentary**

* 1991

The Complaints

Curta-Metragem / **Short Film**

* 1989

Mothers

Curta-Metragem / **Short Film**

* 1988

Song from an Angel

Curta-Metragem / **Short Film**

* 1987

976

Curta-Metragem / **Short Film**

* 1986

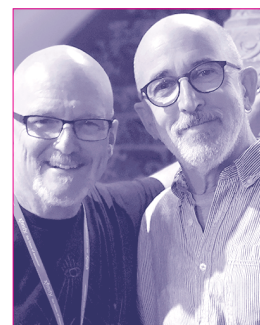
Beauties without a Case

Curta-Metragem / **Short Film**

* 1984

The Steps

Curta-Metragem / **Short Film**



Bill Weber / David Weissman

Gay USA

50 ANOS DOS MOTINS DE STONEWALL



Gay USA é o primeiro documentário americano sobre e feito por pessoas LGBTQ+. Arthur J. Bressan, Jr. mobilizou equipas de filmagem em todo o país para documentar as marchas nacionais do Dia do Orgulho Gay em junho de 1977, e para assim transmitir a paixão, a raiva e o desafiante otimismo de uma comunidade sob ataque.

Gay USA is the first American feature-length documentary by and about LGBTQ+ people. Arthur J. Bressan, Jr. mobilized camera crews across the country to document the national Gay Freedom Day marches in June of 1977, and to conveying the passion, anger and defiant optimism of a community under attack.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Pioneiro do cinema independente gay dos anos 1970 e 80, Arthur J. Bressan Jr. trabalhou em vários géneros, incluindo o documentário, narrativo, adulto e curta-metragem. A sua ousadia e técnica enquanto escritor e realizador conferiram-lhe ambos elogios e controvérsia ao longo da sua carreira de pouco mais de uma década.

One of the pioneers of independent gay cinema in the 1970s and '80s, Arthur J. Bressan Jr. worked across multiple genres including documentary, narrative, adult, and short form filmmaking. Bressan's boldness and artistry as a writer-director earned him both acclaim and controversy over the course of his decade-long filmmaking career.

GAY USA

Realização / **Director**
Arthur J. Bressan Jr.

EUA / **USA**, 1977, 72'

Documentário / **Documentary**

Cor. Preto e Branco / **Colour, Black & White**

Digital

v. o. inglesa, legendada em português

M/16 / **Over 16yo**

Guião / **Screenplay**
Arthur J. Bressan Jr.

Montagem / **Editing**
Arthur J. Bressan Jr.

Som / **Sound**
Chris Kobayashi, Ned Miller, Kent Passie, Howard Johnston

Produção / **Production**
David Pasko, Arthur J. Bressan Jr.

www.frameline.org

1985
Buddies
Longa-Metragem / **Feature Film**

1984
Daddy Dearest
Longa-Metragem / **Feature Film**

1983
Pleasure Beach
Longa-Metragem / **Feature Film**

1983
Abuse
Longa-Metragem / **Feature Film**

1982
Family Affair
Longa-Metragem / **Feature Film**

1977
Gay USA
Documentário / **Documentary**

1976
Forbidden Letters
Longa-Metragem / **Feature Film**

1974
Passing Strangers
Longa-Metragem / **Feature Film**

1972
Coming Out
Curta-Metragem / **Short Film**



Arthur J. Bressan Jr.

Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989–1991



Artista comprometido, pintor, escritor, performer e fotógrafo, David Wojnarowicz (1954-1992) foi uma das principais personalidades da cena artística nova-iorquina dos anos 80. Numa entrevista conduzida em 1989 pelo teórico cultural Sylvère Lotringer, Wojnarowicz fala abertamente sobre os momentos íntimos da sua vida, o processo criativo, a sexualidade, a sida e a aceitação da sua própria morte. Marion Scemama, que era amiga íntima de Wojnarowicz, filmou a entrevista e criou este ensaio a partir dos arquivos privados do artista.

Political artist, painter, writer, performer and photographer, David Wojnarowicz (1954-1992) was one of the leading personalities of the 1980s New York art scene. In an interview conducted in 1989 by cultural theorist Sylvère Lotringer, Wojnarowicz speaks candidly about intimate moments in his life, the creative process, sexuality, AIDS and coming to terms with one's own death. Marion Scemama, who was a close friend of Wojnarowicz, filmed the interview and created this essay out of the artist's own private archives.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Marion Scemama (Marrocos, 1950) cresceu no Uruguai e em Paris, onde começou a trabalhar como fotojornalista na década de 1970. Desde que conheceu David Wojnarowicz em 1984, os dois embarcaram numa colaboração em cartazes, vídeos e fotografia. Desde 1992 que vive e trabalha em Paris.

Marion Scemama (Morocco, 1950) grew up in Uruguay and Paris, where she began working as a photojournalist in the 1970s. Since she met David Wojnarowicz in 1984, they both embarked on a collaboration on posters, videos and photography. She lives and works in Paris since 1992.

François Pain é um cineasta residente em Paris e conhecido pela sua especialização em filmes relacionados com a psiquiatria alternativa.

François Pain is a filmmaker based in Paris and known for his specialization in films related to alternative psychiatry.

SELF-PORTRAIT IN 23 ROUNDS: A CHAPTER IN DAVID WOJNAROWICZ'S LIFE, 1989–1991

Realização / Director
Marion Scemama, François Pain

França / France, 2018, 78'

Documentário / Documentary

Cor, Preto e Branco / Colour, Black & White

DCP

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Marion Scemama

Montagem / Editing
François Pain

Fotografia / Photography
Marion Scemama

Som / Sound
Marion Scemama

Produção / Production
Marion Scemama

Com / With
David Wojnarowicz, Jesse Hultberg,
Paul Smith, Sylvère Lotringer, Brian
Butterick

2018

Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989–1991

Documentário / Documentary

1998

Sex Series and Others: When I Put my

Hands on your Body

Documentário Curto / Short

Documentary

1989

Last Night I Took a Man

Documentário Curto / Short

Documentary



Marion Scemama / François Pain

DEBATE

Assunção, visibilidade e cidadania - um caminho português Acknowledgment, visibility and citizenship - a Portuguese path



Gay USA (1977), Arthur J. Bressan Jr.

70 50 ANOS DOS MOTINS DE STONEWALL

Numa iniciativa coorganizada pela Unidade de Cultura da Universidade do Porto, e com o apoio da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, o Queer Porto 5 propõe um fim de tarde de cinema e debate. Tomando como ponto de partida o documentário *Before Stonewall: the Making of a Gay and Lesbian Community* (1984), de Greta Schiller e Robert Rosenberg, a sessão abre portas a uma reflexão sobre as múltiplas dimensões de luta e conquista da população LGBTI+ em Portugal. O debate reunirá perspetivas provenientes do ativismo, da política, da prática médica, das práticas artísticas, ou do testemunho, e pretende também refletir um conjunto de vivências particulares à realidade local. Relembrando o exemplo de Stonewall, percorreremos os principais marcos de um caminho reivindicativo português, num momento perfeitamente oportuno à construção da memória e do futuro.

In partnership with the Cultural Department of the University of Porto, and with the support of the Secretary of State for Citizenship and Equality, Queer Porto 5 co-hosts a late afternoon of film and discussion. The screening of the documentary *Before Stonewall: the Making of a Gay and Lesbian Community* (1984), by Greta Schiller and Robert Rosenberg is the motto for a reflection on the multiple dimensions of struggle and achievement of the Portuguese LGBTI+ population. This discussion will gather inputs from different perspectives, drawn from activism, politics, medical practice, art practices, or first-person testimonies, and it also intends to extend our reflection to local realities and references. Celebrating the Stonewall landmark, we will highlight the major LGBTI+ milestones in Portugal, in a perfect timing for recollection and a designing of the future.

Convidados / Guests:

Gabriela Moita (Psicóloga Clínica, Psicoterapeuta e Psicodramatista; reconhecida defensora dos direitos LGBTI+ Clinical Psychologist, Psychotherapist and Psicodramatist; well-known advocate for LGBTI+ rights)

Gonçalo Diniz (Fundador e presidente da ILGA Portugal (1995-1999); fundador do Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa (1997) Founder and president of ILGA Portugal (1995-1999); founder of the Lisbon Gay and Lesbian Film Festival (1997))

Jó Bernardo (Pioneira do ativismo trans em Portugal, fundadora da ^{at}. - Associação para o estudo e defesa do direito à identidade de género, em 2001; e dona da primeira livraria LGBTI+ do país, a Esquina Cor-de-Rosa (1999-2005) Portuguese pioneer trans activist; founder of the ^{at}. - Association for the study and protection of the right to gender identity, in 2001; and owner of the country's first LGBTI+, the a Esquina Cor-de-Rosa (1999-2005))

Quinta-feira Thursday 17 • Reitoria da Universidade do Porto, 18h30

Queer Pop

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Queer Pop
The Music of the
LGBTQ+ Community

Sinais dos tempos: a pop depois de Stonewall

Sign of the times: pop after Stonewall

Nuno Galopim

* Programador do Queer Porto

* Queer Porto Programmer

72 QUEER POP

Os motins de Stonewall marcam um ponto de viragem na história do movimento LGBTI+. O impacto foi tremendo na história política e social dos últimos 50 anos. E, de certa forma, foi também de uma outra visibilidade das identidades que emergiu uma outra forma de retratar personagens e histórias em diversas frentes da cultura, do cinema à música. E um dos primeiros sinais do impacto das mudanças chega logo em 1970 com uma adaptação, realizada por William Friedkin, da peça *The Boys in the Band*, de Mart Crowley, que levou ao cinema norte-americano uma forma nunca ali antes vista de retratar figuras gay. Vale a pena sublinhar que é até anterior aos motins o facto de, em 1968, ter sido abandonado o Código Hays que, desde 1930, impunha diretivas na representação de valores ao cinema norte-americano. Sem Stonewall, contudo, *The Boys in the Band* nem teria chegado tão depressa ao cinema nem causado o mesmo impacto.

A música viveu durante séculos subjugada sob códigos implícitos e não são poucas as histórias de músicos cuja representação pública não correspondeu à verdade das suas identidades. Qual foi então o Stonewall da música? Foi talvez a entrevista de David Bowie ao *Melody Maker* em 1972 na qual falava da “sua” homossexualidade. Era na verdade mais um ‘stunt’ do que um ‘statement’. Mas traduzia a assimilação de elementos da cultura queer com os quais Bowie havia construído a personagem de Ziggy Stardust, que então dava corpo à sua música. Através de Ziggy, não só se falou de sexualidade como de androginia. O discurso sobre identidade de género na pele de uma *pop star* conhecia um primeiro episódio de grande visibilidade global.

É por isso que iniciamos com David Bowie um percurso de canções e imagens que traduzem episódios históricos de mudança ou sinais de como, através da música, o teledisco pode ser também uma ferramenta capaz de veicular um discurso humanitário e político, até mesmo ativista. A visibilidade *mainstream* do disco – género nascido em terrenos da cultura queer americana – com Sylvester ou a primeira narrativa explícita de vivências gay num teledisco pop britânico de sucesso (Bronski Beat, 1984) são momentos de uma história sempre em construção. De resto, de 2019 está aqui *God Control* de Madonna, que mostra como o teledisco pode ser uma arma contra a política de acesso às armas e, ainda, uma criação dos islandeses Hatari com um músico gay palestino que deu que falar depois da Eurovisão em Telavive. Podemos terminar com uma expressão célebre: *to be continued...* Porque a luta ainda não terminou.

The Stonewall riots mark a turning point in the history of the LGBTQ+ movement. Its impact on the social and political history of the last 50 years was tremendous. And, in a way, the new visibility of these identities opened the path for a new way to portray characters and tell stories in various artforms, from film to music. One of the first signs of that impact, comes immediately in 1970 with a film adaptation of Mart Crowley's play *The Boys in the Band* directed by William Friedkin, whose portrait of the gay characters in the story was fresh and unusual for any American film until that point. It's worth mentioning that the demise, in 1968, of the Hays Code, which since 1930 had imposed guidelines to how moral values were portrayed in American cinema, is actually prior to the riots. Without Stonewall, however, *The Boys in the Band* wouldn't have been adapted so promptly or had the same impact.

Music has lived, throughout centuries, under the rule of implicit codes, and there are more than a few stories of musicians of whom the public portrayal did not match the truth of their identities. What was the Stonewall of music, then? Maybe it was David Bowie's *Melody Maker* interview in 1972, in which he spoke about “his” homosexuality. It was, in all honesty, more of a ‘stunt’ than a ‘statement’ but it showed assimilation of the elements of queer culture that Bowie had used to develop his character Ziggy Stardust, the persona he was inhabiting at the time. Through Ziggy, both sexuality and androgyny were discussed. The discourse on the gender identity of a pop star had then its first moment of global visibility.

This is why David Bowie is the starting point of a journey of songs and images that translates historical moments of change or signs of how the music video can also be an instrument of political and humanitarian discourse, or even activism. Disco's mainstream visibility through Sylvester, being disco a style born out of American queer culture, or the first explicit narrative of gay life in a successful British pop music video (Bronski Beat, 1984) are some of the landmarks of a story in permanent development. Moreover, from 2019 we have Madonna's *God Control*, which shows how the music video can be a weapon against the gun control policies in the USA, and Icelandic band Hatari's work with a Palestinian gay musician, which proved controversial after the Eurovision Song Contest 2019 in Tel Aviv. And we can finish with the popular expression: *to be continued...* Because the fight is not over yet.

Queer Pop 1

O ciclo de cinema dedicado a Stonewall serve de mote para refletir sobre a evolução das expressões queer na pop durante os últimos 50 anos. Este programa propõe uma viagem imparável desde o existencialismo *glam* de David Bowie à Madonna mais recente e sempre provocadora, passando por telediscos que se tornaram de culto, como o *Smalltown Boy*, dos Bronski Beat, e pela revolta *riot grrrl* das incendiárias Le Tigre.

David Bowie, *Life on Mars* (Mick Rock, 1973)

Sylvester, *You Make Me Feel* (Mighty Real) (Lázaro, 1978)

Bronski Beat, *Smalltown Boy* (Bernard Rose, 1984)

Neneh Cherry, *I've Got You under My Skin* (Jean Baptiste Mondino, 1990)

RuPaul, *Supermodel (You Better Work)* (Randy Barbato, 1993)

Lady Gaga, *Born this Way* (Nick Knight, 2011)

The Gossip, *Move in the Right Direction* (Price James, 2012)

Le Tigre, *I'm with Her* (Laura Parnes, 2016)

Troye Sivan, *Heaven* feat. Betty Who (Luke Gilford, 2017)

Hatari, *Klefi/Samed* feat. Bashar Murad (Hatari, Bashar Murad, 2019)

Madonna, *God Control* (Jonas Åkerlund, 2019)

Quinta-feira **Thursday 17** • Maus Hábitos, 23h30

The film program we dedicate to Stonewall serves as the perfect excuse for reflecting upon the evolution of queer pop expressions over the past 50 years. This music video selection proposes a relentless journey from David Bowie's glam existentialism to the latest and ever-provocative Madonna, without forgetting cult music videos like *Smalltown Boy* (Bronski Beat) and allowing us to burn ourselves down with incendiary *riot grrrls* Le Tigre.



Le Tigre, *I'm with Her*



Neneh Cherry, *I've Got You under My Skin*



The Gossip, *Move in the Right Direction*



RuPaul, *Supermodel (You Better Work)*

Britney: Imagens de uma estrela pop

Britney: Images of a pop star

Nuno Galopim

* Programador do Queer Porto

* Queer Porto Programmer

74 QUEER POP

As histórias de editores que dão um “não” a um artista e depois acabam arrependidos, tem como paradigma a mítica audição que os Beatles deram nos estúdios da Decca a 1 de janeiro de 1962. O “não” chegou algum tempo depois com a justificação de que os grupos de guitarra eram moda com fim à vista... Esse não foi caso único. E em finais da década de 90 uma jovem, que tinha já passado por uma experiência televisiva num programa da Disney, gravou uma maquete com uma canção inédita de Toni Braxton que então entregou a quatro editoras... Três recusaram, acreditando que o futuro estava entre as *boy e girl bands* que então davam que falar... O mesmo não pensou a Jive Records que, impressionada com as qualidades interpretativas e o potencial comercial ali encontrado, lhe deu o sim. A 23 de outubro de 1998 entrou em cena com uma primeira canção e arrebatou logo atenções. Dez milhões de unidades vendidas fizeram do single de estreia, *Baby One More Time*, um dos mais populares de sempre e abriram caminho para o álbum, com o mesmo nome, editado em 1999.

Assinalando os vinte anos da edição do álbum *Baby One More Time*, o Queer Porto propõe uma retrospectiva de telediscos que permitem traçar um olhar panorâmico sobre a construção de uma carreira de sucesso global na música pop, desde a sua alvorada na reta final do século XX, ao percurso que se sucedeu e que fez de Britney Spears um ícone pop do início do século XXI.

A videografia de Britney Spears não será comparável à expressão cinematográfica que cruza a obra de Madonna nos telediscos. Nem mesmo a podemos comparar com a expressão continuada de identidade estética que reconhecemos em Lady Gaga ou a versatilidade e excelência das imagens com que Beyoncé tem acompanhado as suas canções. Mesmo assim, encontramos na videografia de Britney Spears momentos que construíram imagens icónicas que a cultura pop entretanto fixou. São disso exemplo a coreografia (e guarda roupa) de *Oops I Did it Again* ou a personagem da hospedeira que ela mesma veste em *Toxic*. Isto sem esquecer a colegial de *Baby One More Time* que, curiosamente, Madonna citaria numa sequência da sua estreia na realização no cinema (*Filth and Wisdom*). A relação com Madonna não emergia, contudo, aí já que outro momento marcante da história das imagens de Britney é o teledisco do dueto *Me Against The Music*. Mais uma expressão da capacidade de Britney em inscrever as suas imagens na memória coletiva da cultura pop foi a paródia a este mesmo teledisco feita depois pela dupla French & Saunders.

The numerous accounts of record labels who have said “no” to an artist, having rapidly regretted that decision, had their peak with the mythical Beatles audition at the Decca studios on January 1st, 1962. The “no” arrived soon after, accompanied by the excuse that guitar bands had no future... And this wasn’t the only case. By the end of the 1990s, a teenage girl, who had previous experience in a Disney TV show, recorded a demo with an original Toni Braxton song and handed it out to four record labels... .

Three of them refused, stating that the future was in boy or girl bands, which were rising at the time... . But Jive Records thought differently. Impressed by her performative skills and commercial potential, they said yes. On October 23rd, 1998, she debuted with a song that caught everyone’s attention. Ten million copies sold, turned her debut single, *Baby One More Time*, into one of the most popular ever and opened the path for the homonymous album, released in 1999.

Celebrating the 20th anniversary of the *Baby One More Time* album release, Queer Porto offers a retrospective of music videos that allow us to draw a panoramic gaze onto the development of a successful global career in pop music, from its bloom in the late 20th century, to its consolidation, turning Britney Spears into a pop icon of the early 21st century.

Britney Spears’ videography is far from the cinematic expression that crosses Madonna’s music videos. Nor can we compare it to the recurrent aesthetic identity we can recognize in Lady Gaga, or the excellency and versatility of the images that Beyoncé has put in her songs. Even so, we find in Britney Spears’ videography moments that have grown into iconic images absorbed by pop culture. Enough that we recall the choreography (and wardrobe) for *Oops I Did it Again* or the flight attendant she incarnates in *Toxic*. And let’s not forget the college girl in *Baby One More Time*, which, interestingly, Madonna will quote in a scene in her debut feature film (*Filth and Wisdom*). Although the relationship with Madonna did not start there, since another iconic moment in Britney’s imagery is the music video for the duet *Me Against The Music*. Yet another expression of Britney’s capacity to inscribe her images into the collective memory of pop culture, was the French & Saunders parody sketch to this same music video.

Queer Pop 2

Conhecemo-la criança no Club Disney e vimos a sua evolução até *femme fatale* obcecada com couro. A carreira de Britney Spears está cheia de contrastes, altos e baixos e reviravoltas, mas sempre soube manter intacto o seu talento para a melodia perfeita e para se aliar aos melhores produtores da cena *dance*. Estes onze telediscos demonstram porque é que uma das nossas pop stars favoritas continua a sê-lo em 2019.

Oops!... I Did it Again, Nigel Dick, 2000

Me Against the Music feat. Madonna, Paul Hunter, 2003

Toxic, Joseph Kahn, 2004

Gimme More, Jake Sarfaty, 2007

Piece of Me, Wayne Isham, 2007

Womanizer, Joseph Kahn, 2008

Till the World Ends, Ray Kay, 2011

I Wanna Go, Chris Marrs Piliero, 2011

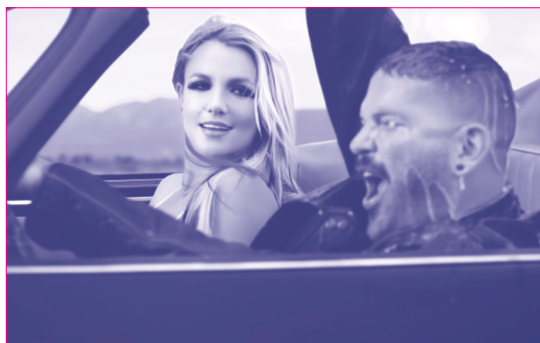
Scream & Shout feat. will.i.am, will.i.am, 2012

*Work B**ch*, Ben Mor, 2013

Baby One More Time, Nigel Dick, 1999

Sexta-feira **Friday 18** • Maus Hábitos, 23h30

We met her as a child in Club Disney and we have seen her evolve into a leather-obsessed *femme fatale*. Britney Spears' career is full of contrasts, highs and lows and constant twists, but she always knew how to maintain her talent for the perfect melody, and when to join the best producers in the dance scene. These eleven music videos show why one of our favourite pop stars remains so in 2019.



I Wanna Go



Me Against the Music



Scream & Shout



Piece of Me

FESTA DE ENCERRAMENTO CLOSING PARTY

À semelhança das edições anteriores, a noite de encerramento da 5.ª edição do Queer Porto - Festival Internacional de Cinema Queer sobe ao quarto piso do emblemático edifício da Rua Passos Manuel para “incendiar” o Maus Hábitos numa noite onde performance e música se misturam, celebrando o caráter experimental e único do festival, na cidade do Porto.

Para celebrar, precisamente, a marca do festival na cidade e demonstrar mais uma vez que é feito a pensar na cidade e naqueles que a tornam única, a noite arranca com Susana Chiocca - também júri nesta edição. Chiocca, como é conhecida na cena cultural da cidade, apresenta-nos o concerto/performance BITCHO, projeto musical em constante transformação desde 2012 e que, enquanto tal, permite ao espectador acompanhar as mutações de um ser feminino(?), animal(?), transanimal, ao longo de uma estrutura sonora, visual e textual.

Depois do concerto/performance, é a vez de Catxibi, a persona musical de Luísa Cativo, também uma figura importante no panorama da noite portuense, que com o coletivo feminino Thug Unicorn, nas noites convencionais da cidade, conseguiram subverter a normatividade dos espaços com uma celebração bastante própria da liberdade de autoexpressão e sexual não normativa, ao ritmo de uma sonoridade que se alimenta da necessidade de exprimir as vontades contra qualquer tipo de opressão.

Similarly to previous editions, the closing event of the 5th edition of Queer Porto - International Queer Film Festival walks up again to the 4th floor of the emblematic building of Rua Passos Manuel to “burn” Maus Hábitos with a night where performance art and music merge, celebrating the unique and experimental tone of the festival, in Porto.

To celebrate the footprint of the festival in the city and, once again, demonstrate that it is made thinking of the city and those who make it unique, the night starts with Susana Chiocca - also a jury of this year's edition. Chiocca, as they are renowned in the cultural scene of the city, presents the concert/performance BITCHO, a musical project in constant transformation since 2012 and that, as such, allows the spectator to follow the mutations of a feminine(?), animal(?), transanimal being throughout a sound, visual and textual structure.

After the concert/performance, it's Catxibi's turn, the musical persona of Luísa Cativo, also an important figure in the party scene of the city that with the female collective Thug Unicorn achieved to subvert the normativity of both the conventional nights and the normativity of the spaces with a very personal celebration of freedom of self- and sexual-expression to the rhythm of a soundscape which feeds on the needs of expressing urgencies against any kind of oppression.



BITCHO



De forma anacrónica em relação à presença anterior, na mesa de dj a noite termina com João Vieira, o famoso dj Kitten, como forma de mais uma vez sublinhar aquilo que na cidade marcou a noite com as famosas festas de culto do Club Kitten que, em 2001, permitiam que o artista, desde o Porto, reescrevesse a cena *clubbing* de Portugal, e voltando esta noite para continuar o legado das inesquecíveis noites despidas de qualquer tipo de preconceito onde qualquer pessoa se sentia à vontade para se exprimir no *dance-floor*.

Anachronistically in relation to the previous dj, the night ends with João Vieira, the famous dj Kitten, as a way to once more highlight what in the city was never forgotten with the famous Club Kitten cult parties that in 2001 allowed the artist to rewrite, from Porto, the Portuguese clubbing scene, and returning here to continue the legacy of the memorable nights stripped of any kind of prejudice where everyone felt comfortable expressing themselves on the dance floor.

CLOSING PARTY
ZZ



Dj Kitten

Instalação de Realidade Aumentada / Augmented Reality Installation



by VIER NEV

Todos os Espaços + Cidade (24 horas)

À semelhança de anos anteriores, o festival acolhe novamente práticas queer para lá dos ecrãs de cinema, e que artisticamente desafiam as noções estanques de géneros artísticos, nomeadamente com a utilização de tecnologias emergentes. Esta 'exposição' subverte o espaço público, convidando o utilizador da aplicação de realidade aumentada a passear nos espaços do festival e da própria cidade e a activar pedaços de histórias não normativas que se desvendam em esculturas feitas de bits e pixéis, a partir da pedra e azulejos da cidade.

Mais informação sobre a exposição e como fazer o download da app no site viernev.com/aterraetela

Festival Venues + all across the City (24 hours)

Similarly to previous editions, the festival welcomes queer practices beyond the cinema screen that, in their own artistic approach, challenge watertight notions of artistic genres, namely with the use of emerging technologies. This 'exhibition' subverts the public space, inviting the user of the augmented reality application to wander through the spaces of the festival and the city and to activate fragmented, non-conforming narratives which reveal themselves in sculptures made of bits and pixels, arising from the stone and tiles of the city.

More information about the exhibition and how to download the app at viernev.com/aterraetela



MAUS HÁBITOS

Restaurant

Bar

Concerts

Art Gallery

Clubbing

4th floor

Maus Hábitos is a place of cultural intervention. It is innovative, subversive and doesn't want to be too defined.

Located in an iconic art deco building with some of the best views of downtown Porto, Maus Hábitos is an open, urban, alternative and trendsetting place in the city.

It has a restaurant / pizzeria - Vícios de Mesa - a bar and cafeteria, outdoor patios, an exhibition room, a concert room and keeps an active and diverse monthly programme.

It has state funding support to promote projects and exhibitions from young and emerging artists from all over the world.

Tue 12pm - 12am // Wed-Thu 12pm - 2am

Fri-Sat 12pm - 6am // Sun 12pm - 5pm

geral@maushabitos.com // www.maushabitos.com



— PARCEIRO —
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA QUEER



Wine Concept

O DISTRIBUIDOR DE HISTÓRIAS

www.wineconcept.pt



PALMARÉS 2018

2018 FESTIVAL AWARDS

O JÚRI / THE JURY

Competição Oficial / Official Competition

Líad Hussein Kantorowicz (Performer e Ativista, Palestina-Israel | Performer and Activist, Palestine-Israel)
Paulo Aureliano Da Mata (Artista, Brasil | Artist, Brazil)
Tiago Alves (Jornalista, Portugal | Journalist, Portugal)

MELHOR FILME / BEST FILM

Soldiers. Story from Ferentari / Soldatii. Poveste din Ferentari
Realização / Director: Ivana Mladenovic
Roménia, Sérvia, Bélgica / Romania, Serbia, Belgium, 2017, 119'

“Excelente filme que vem questionar a cisheteronormatividade romena que disciplina e controla corpos e desejos, causando sofrimento a quem ousa ser diferente. Numa perspetiva queer, o filme materializa-se no questionamento das demandas feitas a partir da construção da masculinidade, em outras palavras, chama a atenção para as normas que os criam”.
Declaração do Júri

82

“Excellent film that questions Romanian cisheteronormativity which disciplines and controls bodies and desires, causing pain on whoever dares to be different. On a queer perspective, the film materializes itself by questioning the demands built upon the construction of masculinity, in other words, it calls attention upon the norms that create them”.
Jury Statement

MENÇÃO ESPECIAL | SPECIAL MENTION

The Rest I Make Up
Realização / Director: Michelle Memran
EUA / USA, 2018, 79'

“No labirinto de Maria Irene Fornés, os fios são desatados pela realizadora Michelle Memran. Não só com o poder de se transformar e se colocar também em questão, Memran foge da estigmatização habitualmente associada ao sujeito com Alzheimers. É uma verdadeira ode à amizade”.
Declaração do Júri

“In the maze of Maria Irene Fornés, the threads are untied by filmmaker Michelle Memran. Not only through the power to transform and also to question herself, Memran avoids any stigmatization usually associated to individuals with Alzheimer’s. It is a true celebration of friendship”.
Jury Statement

MELHOR CURTA-METRAGEM DE ESCOLA / BEST SCHOOL SHORT FILM

Brthr
Realização / Director: Inma Veiga
Portugal, Espanha / Portugal, Spain, 2017, 8'

“Brthr é uma biografia ficcionada que fortifica o sentimento de irmandade e de acolhimento afetivo a alguém que se encontra fora do lugar”.
Declaração do Júri

“Brthr is a fictionalized biography that strengthens the feelings of brotherhood and affective protection towards someone who is displaced”.
Jury Statement

AGRADECIMENTOS

ACKNOWLEDGMENTS

Ministério da Cultura

Graça Fonseca
Cristina Matos Silva

ICA - Instituto do Cinema e do

Audiovisual

Luís Chaby Vaz
Maria Mineiro
Nuno Fonseca
Leonor Silveira
Maria João Pocinho
Alda Barroso
Margarida Afonso
Edite Correia
Vitor Pinheiro
Nuno Macela

Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade

Rosa Monteiro
Manuel Abrantes
Joana Portugal
Pedro Ruas
Adelaide Modesto

Câmara Municipal do Porto

Rui Moreira
Joaquim Guilherme Blanc

Teatro Rivoli

Tiago Guedes
Francisco Malheiro
Paulo Covas
José Reis
Leonor Tudela
Vânia Ferreira
Bryan Morgado
Cândido Lopes

Maus Hábitos

Daniel Pires
Rui Mascarenhas
Luís Salgado
Carlos Casaleiro
Marco Taveira

Reitoria da Universidade do Porto

António Sousa Pereira
Fátima Vieira
Susana Serro
Marco Gabriel

Wrong Weather

João Pedro Vasconcelos
Ana Dias Machado

e | and

Absolut

Mariana Rodrigues
Romeu Bastos
Joana Franco
Yuliya Vashchysyn
Iara Vieira
João Vale

Agência da Curta-Metragem

Salette Ramalho
Nuno Rodrigues
Miguel Dias
Emanuel Oliveira
Joaquim Pedro Pinheiro

AgoraLx

Diogo Conceição

Antena 3

Nuno Reis
Paulo Castelo
Ricardo Sérgio
Bruno Martins
Bolt
Maia Pedro
Nuno Correia
Inês Fão

Café Rivoli

Susana Peixoto

Embaixada da França em Lisboa

Embaixadora Florence Mangin
Christian Tison
Sílvia Balea
Sophie Leclerc

Filmfetch

Janna Brouwer-Schouten

Finepaper

Fernando Costa

FLAD – Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

Rita Faden

Miss'Opo

Ana Luandina
Paula Lopes
Marta Lima

Much Underwear

Hugo Palos Pires
Bruno Malveiro

Portus Cale Hotel

José Carapito
Raquel Miranda

RTP 2

Maria João Saint-Maurice
Teresa Paixão
Sandra Lopes
Ana Loureiro
Sandra Seabra
António Capela
Lília Freire
Daniel Gorjão

Schweppes

Diana Sousa

Variações

Carlos Sanches Ruivo
Diogo Vieira da Silva

ViiV Healthcare

Inês Roxo
Pedro Moura
Rui Ferreira
Fátima Lopes
Ana Paula Carvalho

Wine Concept

Nuno Sousa
Marta Libério

e | and

Arthouse Distribuição

Thiago Jatobá

Cinetic Media

Shane Riley
Olivia Valdez

The Film Collaborative

Jeffrey Winter
Kathy Susca

Frameline

Daniel Moretti

Granadian

José Val Bal

IndieSales

Martin Gondre
Clément Chautant

NÓS

Miguel Ribeiro
Rui Filipe Pinto
Fernando Jorge Santos
Sofia Cruz Oliveira

Patra Spanou

Patra Spanou

Pluto Film

Daniela Cölle
Marc Colditz

Portugal Film

Margarida Moz
Filipa Henriques

República Purity Films

Diego Tavares

SND Films

Sydney Neter

Sony Music

Miguel Oliveira

Sweet Spot Docs

84 Nevena Milasinovic

Volpe Filmes

Juan Pablo Sivilo

VTape

Wanda vanderStoop
Kiera Boulton
Dustin Lawrence

Women Make Movies

Colleen O'Shea

e | and**À Pala de Walsh**

Ricardo Vieira Lisboa

Canal Q

Diana Coelho
Gonçalo Fonseca

Dezanove

Vasco Paulo Monteiro
Rui Marques

Portugal Gay

João Paulo

Sapo

Margarida Marques Perpétua
Priscila Borghoff
Petra Vaz

TV Cine & Séries

Diana Castilho
Ana Caldeira

e | and

Aleksey Chupov
Antía Carreira
Bill Weber
Carlota Flor
Catarina Mendes
Darren Elliott-Smith
David Weissman
Débora Rodrigues
Donal Mosher
Emiliano Cunha
Filipa César
Finn Grey Paul
François Pain
Greta Schiller
Inês Sapeta Dias
Inma Veiga
Irene Lusztig
Jenni Olson
Joana Flauzino
Joana Pimenta
Luis Ortega
Marco Martins
Marion Scemama
Mateo Bendesky
Megan Rossman
Michael Palmieri
Mike Hoolboom
Murilo Benício
Natalie Tsui
Natalasha Merkulova
Renata Sancho
Robert Rosenberg
Salomé Lamas
Stéphane Riethauser
Talena Sanders
Tatiana Ramos
Tomás Paula Marques
Vanessa Santos
Xiang Zi
Yolande Zauberman

e | and

Adriano Nazareth
Ana David
Ana Deus
Bruno Maia
Catarina Cabral
Cintia Gil
Cláudia Pinto
Cláudia Varejão
Da Mata
Daniel Carapau
Dário Nemésio
David Loira
Eliezer Nascimento
Fátima São Simão
Filipe Moreira
Gabriel Souza
Gabriela Moita
Gonçalo Diniz
Gonçalo Marques
Gonzalo Gómez
Inês Charro
Jean-Sébastien Chauvin
Jó Bernardo
Joana de Sousa
João Pinto
Joclécio Azevedo
José Chaiça
Karla Bessa
Laura Parnes
Einar Hrafn Stefánsson
Leonardo Rodrigues
Maciej Czajka
Marcelo Lourenço
Maria José Campos
Mercedes Cerón
Michel Simeão
Miguel Romeira
Miriam Faria
Nina Veligradi
Nuno Ramalho
Pavel Cortes
Pedro Bexiga
Pedro Garcia
Pedro Mendes
Pepe Ruiloba
Peter Taylor
Ricke Merighi
Rita Antunes
Rosária Vale
Rui Mendes
Susana Chiocci
Tales Frey
Thomas Hakim
Vanessa Careta
Xavier Neves

LISTA DE CONTACTOS PROFISSIONAIS 2019

PROFESSIONAL SOURCE LIST 2019

(S)he Said that

Mike Hoolboom
fringe@teksavvy.com

575 Castro St.

Daniel Moretti
dmoretti@frameline.org

A Dog Barking at the Moon

José Val Bal
jose.valbal@granadian.com

Ángel, El

Miguel Ribeiro
miguel.r.alexandre@nos.pt

Archivettes, The

Megan Rossman
megan.rossman@gmail.com

Aurora

Carlota Flor
carlota_silva17@hotmail.com

Before Stonewall

Sydney Neter
info@sndfilms.com

Beijo no Asfalto, O

Thiago Jatobá
jatoba.arthousebr@gmail.com

beside the water, 1999-2004

Wanda vanderStoop
wandav@vtape.org

Between my Flesh and the World's Fingers

Talena Sanders
talena.d.sanders@gmail.com

Buddies

Daniel Moretti
dmoretti@frameline.org

Cockettes, The

Jeffrey Winter
jeffrey@thefilmcollaborative.org

Corpo

Catarina Mendes
catarinamendes_1997@hotmail.com

Em Caso de Fogo

Filipa Henriques
pf@portugalfilm.org

Flow/Job

Darren Elliott-Smith
d.elliott-smith@herts.ac.uk

Gay USA

Daniel Moretti
dmoretti@frameline.org

Gospel of Eureka, The

Shane Riley
shane@cineticmedia.com

Insert

Salette Ramalho
salette@curtas.pt

International Face

Natalie Tsui
tsui.nat@gmail.com

Jantar

Tatiana Ramos
tatsramos@hotmail.com

M

Clément Chautant
cchautant@indiesales.eu

Madame

Nevena Milasinovic
nevena@sweetpotdocs.com

Man Who Surprised Everyone, The

Daniela Cölle
daniela@plutofilm.de

Miembros de la Familia, Los

Patra Spanou
film@patraspanou.biz

Paisagem

Salette Ramalho
salette@curtas.pt

Pestanas Postizas

Inma Veiga
inmaaaveim@gmail.com

Raia 4

Patra Spanou
film@patraspanou.biz

Retrato de Inverno de uma Paisagem Ardida

Salette Ramalho
salette@curtas.pt

Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in

David Wojnarowicz's Life, 1989-1991
Marion Scemama
marion.scemama@gmail.com

Sentir-me

Débora Rodrigues
debora.s.m.r1@gmail.com

Torre, A

Salette Ramalho
salette@curtas.pt

Um Campo de Aviação

Salette Ramalho
salette@curtas.pt

Yours in Sisterhood

Colleen O'Shea
coshea@wmm.com

ÍNDICE REMISSIVO DE PAÍSES

COUNTRY OF ORIGIN INDEX

Alemanha / Germany

54 *A Torre*

Argentina / Argentina

15 *El Ángel*

28 *Los Miembros de la Familia*

Austrália / Australia

64 *The Archivettes*

Brasil / Brazil

43 *O Beijo no Asfalto*

30 *Raia 4*

Canadá / Canada

48 *(S)he Said that*

China / China

18 *A Dog Barking at the Moon*

Espanha / Spain

18 *A Dog Barking at the Moon*

15 *El Ángel*

38 *Pestanas Postizas*

Estónia / Estonia

86 26 *The Man Who Surprised Everyone*

EUA / USA

48 *575 Castro St.*

64 *The Archivettes*

65 *Before Stonewall*

49 *beside the water, 1999-2004*

49 *Between my Flesh and the World's Fingers*

66 *Buddies*

14/67 *The Cockettes*

68 *Gay USA*

20 *The Gospel of Eureka*

50 *International Face*

55 *Um Campo de Aviação*

32 *Yours in Sisterhood*

França / France

22 *M*

26 *The Man Who Surprised Everyone*

69 *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991*

Moldávia / Moldova

54 *A Torre*

Portugal / Portugal

36 *Aurora*

36 *Corpo*

37 *Em Caso de Fogo*

53 *Insert*

37 *Jantar*

53 *Paisagem*

38 *Pestanas Postizas*

54 *Retrato de Inverno de uma Paisagem Ardida*

38 *Sentir-me*

54 *A Torre*

55 *Um Campo de Aviação*

Reino Unido / United Kingdom

50 *Flow/Job*

Rússia / Russia

26 *The Man Who Surprised Everyone*

Suíça / Switzerland

24 *Madame*

ÍNDICE REMISSIVO DE REALIZADORES DIRECTORS INDEX

- 28 Bendesky, Mateo / *Los Miembros de la Familia*
43 Benício, Murilo / *O Beijo no Asfalto*
66 Bressan Jr., Arthur J. / *Buddies*
68 Bressan Jr., Arthur J. / *Gay USA*
38 Carreira, Antía / *Pestanas Postizas*
53 César, Filipa / *Insert*
26 Chupov, Aleksey / *The Man Who Surprised Everyone*
30 Cunha, Emiliano / *Raia 4*
54 Dias, Inês Sapeta / *Retrato de Inverno de uma Paisagem Ardida*
50 Elliott-Smith, Darren / *Flow/Job*
38 Flauzino, Joana / *Sentir-me*
36 Flor, Carlota / *Aurora*
48 Hoolboom, Mike / *(S)he Said that*
54 Lamas, Salomé / *A Torre*
32 Lusztig, Irene / *Yours in Sisterhood*
37 Marques, Tomás Paula / *Em Caso de Fogo*
53 Martins, Marco / *Insert*
36 Mendes, Catarina / *Corpo*
26 Merkulova, Natasha / *The Man Who Surprised Everyone*
20 Mosher, Donal / *The Gospel of Eureka*
48 Olson, Jenni / *575 Castro St.*
15 Ortega, Luis / *El Ángel*
69 Pain, François / *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991*
20 Palmieri, Michael / *The Gospel of Eureka*
49 Paul, Finn Grey / *beside the water, 1999-2004*
55 Pimenta, Joana / *Um Campo de Aviação*
37 Ramos, Tatiana / *Jantar*
24 Riethauser, Stéphane / *Madame*
38 Rodrigues, Débora / *Sentir-me*
65 Rosenberg, Robert / *Before Stonewall*
64 Rossman, Megan / *The Archivettes*
53 Sancho, Renata / *Paisagem*
49 Sanders, Talena / *Between my Flesh and the World's Fingers*
38 Santos, Vanessa / *Sentir-me*
69 Scemama, Marion / *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991*
65 Schiller, Greta / *Before Stonewall*
50 Tsui, Natalie / *International Face*
38 Veiga, Inma / *Pestanas Postizas*
14/67 Weber, Bill / *The Cockettes*
14/67 Weissman, David / *The Cockettes*
22 Zauberman, Yolande / *M*
18 Zi, Xiang / *A Dog Barking at the Moon*

ÍNDICE REMISSIVO DE FILMES FILM INDEX

- 48 *(S)he Said that*
48 *575 Castro St.*
18 *A Dog Barking at the Moon*
15 *Ángel, El*
64 *Archivettes, The*
36 *Aurora*
65 *Before Stonewall*
43 *Beijo no Asfalto, O*
49 *beside the water, 1999-2004*
49 *Between my Flesh and the World's Fingers*
66 *Buddies*
14/67 *Cockettes, The*
36 *Corpo*
37 *Em Caso de Fogo*
50 *Flow/Job*
68 *Gay USA*
20 *Gospel of Eureka, The*
53 *Insert*
50 *International Face*
37 *Jantar*
22 *M*
24 *Madame*
26 *Man Who Surprised Everyone, The*
28 *Miembros de la Familia, Los*
53 *Paisagem*
38 *Pestanas Postizas*
30 *Raia 4*
54 *Retrato de Inverno de uma Paisagem Ardida*
69 *Self-Portrait in 23 Rounds: a Chapter in David Wojnarowicz's Life, 1989-1991*
38 *Sentir-me*
54 *Torre, A*
55 *Um Campo de Aviação*
32 *Yours in Sisterhood*

INFORMAÇÕES GERAIS GENERAL INFORMATION

ESPAÇOS / VENUES

Teatro Rivoli
Praça D. João I
4000-295 Porto
Tel: + (351) 223 392 201
Metro / **Subway**: Aliados
www.teatromunicipaldoporto.pt

Maus Hábitos
Rua Passos Manuel, 178, 4º
4000-382 Porto
Tel: + (351) 222 087 268
Metro / **Subway**: Bolhão
www.maushabitos.com

Reitoria da Universidade do Porto
Praça Gomes Teixeira
4099-002 Porto
Tel: +(351) 220 408 000
Metro / **Subway**: São Bento
www.sigarra.up.pt/reitoria

Pony Bar
Rua dos Mártires da Liberdade, 316
4000 Porto
ponyporto@gmail.com
Metro / **Subway**: Trindade
www.facebook.com/Ponybarcultural

BILHETEIRA

TEATRO RIVOLI
Bilhete inteiro: 3,50€
Pack 5 bilhetes pelo preço de 4: 14,00€
Bilhetes à venda a partir de 1 de outubro.

Horário bilheteira:
Terça-feira a sexta-feira: das 13h00 às 22h00
Sábado e Domingo: das 14h30 às 22h00
88 Encerra às segundas. Em dias de festival, as bilheteiras estão abertas até 30min depois do início da última sessão.
Bilheteira online: rivoli.bol.pt

Todas as sessões são para maiores de 16 anos, exceto onde assinalado para maiores de 18 anos. Legendagem em português nos filmes assinalados.

Maus Hábitos
Queer Rendez-vous e Queer Pop: Entrada gratuita
Beyoncé Fest e Festa de Encerramento: 5,00 €
Bilhetes à venda no próprio dia. A bilheteira abre 30 minutos antes do início das atividades.

Reitoria da Universidade do Porto, Pony Bar & Atividades Paralelas
Entrada gratuita

INFORMAÇÕES / INFORMATION

Associação Cultural Janela Indiscreta
Queer Porto | Festival Internacional de Cinema Queer
Casa do Cinema, Rua da Rosa 277, 2º, 1200-385 Lisboa,
Portugal

Informações Gerais / **General Information**
Tel: + (351) 916 106 904 | info@queerlisboa.pt

www.queerporto.pt

BOX OFFICE

TEATRO RIVOLI
Full ticket: 3,50 €
5 Tickets for the price of 4: 14,00€
Tickets on sale from October 1st.

Box Office:
Tuesday to Friday: from 1pm to 10pm
Saturday and Sunday: from 2.30pm to 10pm
Closed on Mondays. During the Festival, the box office is open until 30 minutes after the beginning of the last screening.
Online tickets: rivoli.bol.pt

All programmes are for over 16-year-olds, except where signalled for over 18-year-olds. Portuguese subtitles where signalled.

Maus Hábitos
Queer Rendez-vous & Queer Pop: Free entry
Beyoncé Fest & Closing Party: 5,00 €
Tickets on sale on the same day. The box office opens 30 minutes before the activities.

Reitoria da Universidade do Porto, Pony Bar & Parallel Activities
Free entry